

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Manúcia Passos de Lima

Mudança de hábito como evolução e autocontrole no pragmatismo de Peirce

MESTRADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Manúcia Passos de Lima

Mudança de hábito como evolução e autocontrole no pragmatismo de Peirce

MESTRADO EM FILOSOFIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora  
como exigência parcial para obtenção do título  
de MESTRE em Filosofia pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, sob  
orientação do Professor Doutor Ivo Assad Ibri.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

---

---

---

Esta pesquisa é especialmente dedicada ao Professor Ivo Assad Ibri cujas aulas, que reverberam todo o seu amor e empenho relacionados ao Pragmatismo de Peirce, foram fonte de inspiração para a escolha do tema. Dedico também esta pesquisa – e todos os muitos *insights* germinados através dela – à vida e ao seu sábio poder de mutação e expansão.

Especiais agradecimentos pelo apoio do CNPq e também pela amorosa colaboração de Carlos Alberto, companheiro de jornada.

## Resumo

### **Mudança de hábitos como evolução e autocontrole no pragmatismo de Peirce**

Esta pesquisa aborda o processo de mudança de hábitos no pensamento de Peirce (1839-1914) partindo da hipótese de que há uma forte relação entre autocontrole e pragmatismo e de que mudança de hábitos se dá por um estímulo, mesmo que vago, para se aplicar a razão objetivando alcançar uma conduta coerente e admirável. Peirce – que foi um renomado químico com muita experiência em laboratório e possuidor de uma mente multidisciplinar que conhecia bem Lógica e Filosofia – é considerado como um dos maiores pensadores americanos bem como o pai do pragmatismo. Pragmatismo – que é um método que visa aprendizagem e evolução e que pode ser utilizado para encaminhar o pensamento para níveis mais elevados de clareza – tem um teor normativo já que se interessa por conduta deliberada, que é consciente e autocontrolada. Nesta pesquisa se observou que o conceito de hábito, que “é aquela especialização da lei da mente por meio da qual uma idéia geral ganha o poder de ativar reações” (CP 6.145), é fundamental no pragmatismo de Peirce. Observou-se também que sendo a tendência ao hábito um princípio evolutivo ela traz em sua essência uma tendência à mudança uma vez que evolução não acontece sem mudança de hábitos e vice-versa. Ao longo da evolução a mudança de hábitos, que se inspira num ideal admirável que também se submete à evolução, tende para o autocontrole e se viabiliza na prática cotidiana ponderada pela lógica.

Palavras-chave: Pragmatismo, Peirce, hábitos, mudança de hábitos, evolução, autocontrole.

## **Abstract**

### **Habit-change as evolution and self-control in Peirce's pragmatism**

This research approaches the process of habit-change in the thought of Peirce (1839-1914) starting from the hypothesis that there is a strong relation between self-control and pragmatism and that habit-change takes place by a stimulus, even though vague, to use reason with the aim of reaching a coherent and admirable conduct. Peirce – who was a well-known chemist with a vast experience in laboratory and owner of an eclectic mind very well trained in Logic and Philosophy – is considered as one of the greatest American thinkers and the father of pragmatism. Pragmatism – which is a method that aims apprenticeship and evolution e that can be used to guide thought to higher levels of clarity – has a normative realm as it aims deliberate conduct, which is conscious and self-controlled. In this research it was observed that the habit conception, which is “that specialization of the law of mind whereby a general idea gains the power of exciting reactions” (CP 6.145) is fundamental in Peirce's pragmatism. It was also observed that the tendency to acquiring habits as an evolution principle has in its essence a tendency to change since evolution does not happen without habit-change and vice-versa. Through evolutionary habit-change, that inspires itself in an admirable ideal, which is also under evolution, tends to rational self-control and takes place in daily practice deliberate by logic.

**Keywords:** Pragmatism, Peirce, habits, habit-change, evolution, self-control.

## Sumário

Introdução.....	09
Capítulo I - As categorias de Peirce.....	17
1. As categorias e a Fenomenologia.....	17
2. As categorias na classificação das ciências segundo Peirce.....	22
3. Primeiridade.....	26
4. Segundidade.....	29
5. Terceiridade.....	34
6. A interação das três categorias de Peirce.....	37
7. As categorias nos mundos interno e externo.....	45
8. A íntima relação entre as categorias e as ciências normativas.....	47
Capítulo II – Hábitos.....	53
1. Definição de hábito.....	53
2. Aquisição de hábitos como a principal lei da mente.....	56
3. Crenças são hábitos.....	58
4. A mesclada tensão entre primeiridade e terceiridade na aquisição de hábitos.....	65
5. Dúvida como força motriz para mudança de hábitos.....	69
6. Mudança de hábitos.....	74
7. Diferença entre hábitos involuntários e hábitos voluntários.....	77
8. A concepção de hábito na teoria dos signos.....	80
Capítulo III – Pragmatismo de Peirce.....	89
1. Pragmatismo.....	89
2. Pragmatismo de Peirce.....	91
3. As ciências normativas e o pragmatismo de Peirce.....	97
3.1. Ideal estético e ideal pragmático.....	99

3.2. Ética como meio para o desenvolvimento do pensamento em direção ao ideal estético.....	101
3.3. Lógica como propulsão em direção ao ideal pragmático.....	104
4. Experiência: ponto-chave para evolução e autocontrole.....	106
5. Evolução e pragmatismo de Peirce.....	108
6. Autocontrole e pragmatismo de Peirce.....	111
7. Mudança de hábitos como evolução e autocontrole no pragmatismo de Peirce....	113
8. Considerações finais.....	118
9. Crescimento da racionalidade concreta e pragmatismo.....	121
Referências bibliográficas.....	124

## Introdução

*“O Pragmaticismo consiste em sustentar que o teor de qualquer conceito é sua capacidade de nortear nossa conduta”<sup>1</sup>*

Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi estudioso de ciência e um experimentalista com trabalho efetivo em laboratório, tendo também atuado como lingüista, lexicógrafo, escritor, revisor, historiador, além de ter desenvolvido um importante trabalho em Lógica e Filosofia. Filho de Benjamin Peirce, renomado matemático e professor em Harvard, e nascido em Cambridge – MA/USA, ele, que era conhecedor de mais de dez idiomas e que por várias vezes viajou à Europa tendo sido figura internacional em sua época, viveu a virada do século XIX para o século XX, testemunhando o advento da fotografia e transformações na música, na pintura e nas ciências em geral.

Testemunhou e foi profundamente tocado pelo evolucionismo do século XIX – impulsionado em 1859 pela publicação de *A Origem das Espécies* (*The Origin of Species*) de Darwin – e mais tarde chegou a afirmar que “concebido mais ampla e filosoficamente, a evolução Darwiniana é evolução pela operação do acaso e destruição de resultados ruins”.<sup>2</sup> Também presenciou e foi marcado pela Guerra Civil Americana (1861-1865) e pelo nascimento da teoria da relatividade – publicada pela primeira vez em 1905 por Albert Einstein.

Assim como os primeiros filósofos gregos, Peirce acreditava que parte do propósito da Filosofia é explicar o universo em geral e assim – com uma visão conscientemente relacionada à matemática, lógica e concepções científicas – ele resgatou uma tradição grega de fazer filosofia, não apenas por sua cosmologia, mas, também pelas relações de fundo

---

<sup>1</sup> EP 2: 358 – 1905 (Pragmaticism consists in holding that the purport of any concept is its conceived bearing upon our conduct.)

<sup>2</sup> CP 6.16 – 1891 (...more broadly and philosophically conceived, Darwinian evolution is evolution by the operation of chance, and the destruction of bad results...)

platônico entre a Estética, a Ética e a Lógica, resgatando nesta esteira das raízes gregas da filosofia, as idéias de *tyché* (acaso), e *synechés* (contínuo), por exemplo.

Além do tiquismo (*tychism*) – doutrina baseada na idéia de acaso como princípio realmente ativo no universo e inclusive nas leis da natureza, outros pilares sustentam o sistematizado pensamento de Peirce como o sinequismo (*synechism*) – teoria de que a continuidade trespassa e conduz a existência; o agapismo (*agapism*) que defende a tese de que amor é de fato o grande meio evolucionário do cosmos; falibilismo (*fallibilism*) – tese segundo a qual não podemos nunca assegurar a precisão última de nosso conhecimento; idealismo objetivo (*objective idealism*) tese de que não há diferença substancial entre matéria e mente e que matéria é simplesmente mente esgotada; semiótica (*semiotic*), teoria geral dos signos segundo a qual o conhecimento está em constante evolução; e pragmatismo (*pragmatism*), método que relaciona significação com conseqüências práticas.

Entre estes pilares o nosso foco nesta pesquisa é essencialmente o pragmatismo – ou pragmaticismo (*pragmaticism*), como Peirce em 1905 renomeou esta doutrina a fim de evidenciar mais nitidamente suas características evolucionárias para que ela não fosse confundida com linhas de pragmatismo mais populares que preconizam a ação pela ação, revestindo a teoria de um caráter utilitário. Aliás, o sufixo icismo (*icism*) deve justamente “marcar uma acepção mais rigorosamente definida desta doutrina”<sup>3</sup> e a adoção deste sufixo com tal intuito confirma a preocupação de Peirce em dar à Filosofia uma terminologia mais precisa aos moldes, por exemplo, da Química uma vez que para ele o sucesso das ciências em grande parte se dá pelo desenvolvimento de uma nomenclatura técnica na qual cada termo tem um único significado que é aceito em geral.

A filosofia de Peirce não é um conjunto estático de doutrinas traçadas de uma só vez e

---

<sup>3</sup> EP 2:334 – 1905 (...mark a more strictly defined acception of that doctrine.)

de uma vez por todas; ao contrário, é o resultado de mais de cinco décadas de elaboração e entrelaçamento de idéias nutridas exatamente por abordagens evolucionistas. Sua filosofia evolucionária reflete seu comprometimento com o contínuo crescimento do pensamento e da aprendizagem.

O pragmatismo de Peirce não aceita cisão entre os mundos teórico e prático e, fundamentalmente, busca superar, na esteira do Idealismo Objetivo do autor, as dicotomias advindas da cisão entre mente e matéria, acarretando conseqüências filosóficas significativas. Sob esta perspectiva, seu pragmatismo preconiza, sob o ponto de vista substancial, que o lado material da ação traz a idealidade do pensamento, num contínuo em que a experiência pretérita está em conexão com as expectativas futuras.

A função do pensamento é evoluir em outro pensamento e esta transição se faz através da ação que por sua vez gera experiência. Na filosofia de Peirce a ação propositada envolve pensamento e com ele dialoga suscitando novas cognições e como ilustrou Peirce: “os elementos de cada conceito entram no pensamento lógico pelo portão da percepção e saem pelo portão da ação propositada; e o que quer que não possa mostrar seu passaporte em ambos os portões está para ser capturado como desautorizado pela razão”.<sup>4</sup>

Como o significado racional de qualquer proposição estende-se no futuro e já que a conduta futura é a única passível de autocontrole é, como apontou Peirce, “sobre a realidade de algumas possibilidades que o pragmaticismo está mais interessado em insistir”.<sup>5</sup>

A palavra *hábito* – que significa disposição duradoura adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume – vem da palavra grega *éthos*, que foi encontrada pela primeira vez em Homero como significado de morada ou *habitat*. O fato de *éthos* – que é a instância propriamente humana da construção de valores, fonte dos costumes e normas – ser

---

<sup>4</sup> CP 5.212 – 1903 (“The elements of every concept enter into logical thought at the gate of perception and make their exit at the gate of purposive action; and whatever cannot show its passports at both those gates is to be arrested as unauthorized by reason”)

<sup>5</sup> EP2: 354 – 1905 (“it is the reality of some possibilities that pragmaticism is most concerned to insist upon.”)

raiz tanto de *habitat* quanto de hábito, ambos dando base para a conduta, cria um vínculo etimológico importante a apontar o quanto hábitos são determinantes em nossas vidas e o quanto eles moldam, e muitas vezes até enrijecem nossa conduta. Não à toa temos em diversas línguas a expressão "força do hábito", ou algo equivalente, afirmando a influência que ele exerce sobre a conduta e o fluxo da vida.

Peirce propôs que:

Usemos a palavra '*hábito*' [...] não em sua maior estreiteza e mais estrito sentido, no qual é oposta a disposição natural (já que o termo *hábito adquirido* irá perfeitamente expressar este sentido mais estreito), mas em sua maior amplitude e talvez ainda mais comum sentido, no qual denota tal *especialização, original ou adquirida, da natureza de um homem, ou um animal, ou uma parreira, ou uma substância química cristalizável, ou qualquer outra coisa, que ele ou aquilo irá comportar, ou sempre tende a comportar, numa forma descritível em termos gerais sob cada ocasião* (ou sob uma considerável proporção de ocasiões) que possa se apresentar de um caráter geralmente descritível.<sup>6</sup> (Os grifos são nossos.)

Assim como hábitos se estabelecem pela natureza afora, como, por exemplo, no movimento dos astros ou no vai-e-vem das marés, também pela natureza afora acontecem mudança de hábitos. Apesar de corriqueiramente mudança de hábitos parecer questão exclusivamente de ordem humana ela é de fato algo que ocorre muito além da experiência humana: acontece em diferentes escalas de toda a natureza. A razão principal que torna mudança de hábitos mais perceptível na dimensão humana do que na natureza em geral é que o nosso mundo mental é dotado de maior espontaneidade e erraticidade tornando nossos hábitos mais elásticos, ao passo que os hábitos que se apresentam como leis da natureza são mais arraigados e de mais difícil ruptura.

No pensamento peirciano o conceito de hábito é sustentáculo para a explicação do surgimento da ordem e se observa que, como aponta Ibri<sup>7</sup>, a “identificação da idéia de hábito

---

<sup>6</sup> CP 5.538 – 1902 (Let us use the word 'habit', throughout this book, not in its narrower, and more proper sense, in which it is opposed to a natural disposition (for the term *acquired habit* will perfectly express that narrower sense), but in its wider and perhaps still more usual sense, in which it denotes such a specialization, original or acquired, of the nature of a man, or an animal, or a vine, or a crystallizable chemical substance, or anything else, that he or it will behave, or always tend to behave, in a way describable in general terms upon every occasion (or upon a considerable proportion of the occasions) that may present itself of a generally describable character.)

<sup>7</sup> Ivo IBRI, A física da physis, *Hypnos*, p. 29, 2001.

com a de lei, no sentido de uma regra de conduta que produz resultados semelhantes e, portanto, ordenados, é uma das idéias mais originais de Peirce”.

A manutenção de hábitos implica em rigidez e perpetuação de uma conduta nem sempre eficiente em face da diversidade das experiências, enquanto a predisposição para mudança de hábitos indica certa flexibilidade e disponibilidade para evolução que, para Peirce, “não significa outra coisa senão crescimento no mais amplo sentido da palavra”.<sup>8</sup>

A partir da perspectiva do pragmatismo de Peirce – em que conduta não pode estar desvinculada do conceito que lhe dá fundamento, e em que o significado de um conceito é outro conceito cuja passagem se dá pela instância da experiência conducente à reflexão, à retroanálise, e, assim, ao aperfeiçoamento do conceito – mudar hábitos parece ser um caminho indicativo da evolução, exercendo seu papel de controle da conduta. Tendo isto em vista esta pesquisa tem como objetivo geral abordar a questão do hábito como evolução e autocontrole sob a perspectiva do pragmatismo de Peirce e assim procura investigar e explicitar dentre outros os seguintes objetivos específicos:

- relação entre hábitos e mente;
- relação entre hábitos e leis da natureza;
- hábitos na esfera humana;
- diferença entre crença e dúvida;
- diferença entre hábitos voluntários e hábitos involuntários;
- os modelos de evolução;
- fatores que levam à mudança de hábitos;
- tendência dos processos de mudança de hábitos;
- pragmatismo de Peirce;
- relação entre as ciências normativas, hábitos e pragmatismo de Peirce.

---

<sup>8</sup> CP 1.174 – 1897 (...means nothing but growth in the widest sense of that word.)

Para se alcançar o objetivo desta pesquisa iniciamos o percurso pela investigação das categorias de Peirce que são fundamentais para a compreensão de seu pensamento. Assim o primeiro capítulo se dedica às categorias de Peirce que são concepções muito amplas e que se dividem em três: primeiridade (*firstness*) – que é a categoria do singular<sup>9</sup>, do uno, de qualidade de sentimento e em que se insere a idéia de possibilidade; segundidade (*secondness*) – que é a categoria do particular<sup>10</sup>, do dual, associada às idéias de reação e de realidade, e terceiridade (*thirdness*) – que é a categoria do geral, do plural, relacionada com a idéia de necessidade e com processos em geral, inclusive de evolução e de aquisição de hábitos. Nas palavras do autor:

Parece que as verdadeiras categorias da experiência da consciência são: 1°. Sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, passiva consciência de qualidade sem reconhecimento ou análise; 2°. Consciência de uma interrupção dentro do campo da consciência, sentido de resistência de um fato externo, de um outro algo; 3°. Consciência sintética ligando o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.<sup>11</sup>

As categorias, que podem ser igualmente percebidas nos mundos externo e interno e que, segundo Peirce, “sugerem nosso procurar por uma lei sintetizante [...] incidente no qual está a faculdade de adquirir hábitos”<sup>12</sup> têm, além de uma intrínseca relação entre si, uma íntima relação com as ciências normativas e tal vínculo é um dos alicerces do pragmatismo.

Já no segundo capítulo nosso olhar se volta mais diretamente para o conceito de hábito segundo o autor que entre as suas várias observações sobre o assunto colocou que “hábito é mera inércia, um descanso sobre os remos, não uma propulsão”<sup>13</sup> e que “é aquela especialização da lei da mente por meio da qual uma idéia geral ganha o poder de ativar

<sup>9</sup> Singular é o que no particular não participa de classe geral alguma.

<sup>10</sup> Particular é o que pode integrar uma classe geral de predicação.

<sup>11</sup> W 5: 246 / Cp 1.377 – 1885 (It seems, then, that the true categories of consciousness are: first, feeling, the consciousness which can be included with an instant of time, passive consciousness of quality, without recognition or analysis; second, consciousness of an interruption into the field of consciousness, sense of resistance, of an external fact, of another something; third, synthetic consciousness, binding time together, sense of learning, thought.)

<sup>12</sup> CP 1.351 Fragmento não datado (...the categories suggest our looking for a synthesizing law, and this we find in the power of assimilation, incident to which is the habit-taking faculty.)

<sup>13</sup> CP 5.300 – 1868 (Habit is mere inertia, a resting on one's oars, not a propulsion.)

reações”.<sup>14</sup> No segundo capítulo alcançamos alguns dos objetivos específicos desta pesquisa como explicitar a relação entre crença e dúvida, diferença entre hábitos involuntários e hábitos voluntários e o papel da mudança de hábito como interpretante lógico dentro do processo semiótico. Também neste capítulo se evidenciam os três modos evolutivos – por variação fortuita, por necessidade mecânica e por amor criativo – e os três fatores que causam mudança de hábitos – surpresa, esforço e boa vontade – e a direta relação entre eles.

No terceiro e último capítulo o foco se direciona mais diretamente para o pragmatismo de Peirce e nele as três versões da máxima pragmática são apresentadas buscando evidenciar a importância para o autor da coerência entre conceito e prática e entre mundos interno e externo. Neste capítulo desponta a questão da experiência como força motriz para mudanças e a relação dos mundos interno e externo como fator facilitador de processos de aprendizagem e representação que reverberam em autocorreção. Autocorreção é uma questão fundamental no pragmatismo que tem em si um teor normativo e desta forma este capítulo aponta o papel das ciências normativas na construção de hábitos autocontrolados e a relação entre estas ciências, sinequismo (teoria protagonizada pelo *continuum*), teoria dos signos e pragmatismo. Nesta parte final da pesquisa evidenciam-se hábitos autocontrolados, que são conscientes e deliberados, como o supra-sumo de hábitos voluntários e como uma tendência, ao longo da evolução, em concordância com o crescimento da racionalidade concreta.

Partindo de uma abordagem evolucionária como é o pensamento de Peirce e como tendem a ser os processos de mudança de hábitos seria impossível se chegar a uma conclusão acabada, e em nenhum momento esta foi a intenção durante o percurso desta pesquisa que desde o começo levantou a hipótese de que há uma forte relação entre autocontrole e pragmatismo e de que por detrás de mudança de hábitos há um estímulo, vago ou não, para se aplicar a razão objetivando uma conduta admirável. Em concordância com as hipóteses

---

<sup>14</sup> CP 6.145 – 1892 (Habit is that specialization of the law of mind whereby a general idea gains the power of exciting reactions.)

levantadas e com as leituras e reflexões feitas esta pesquisa sugere que no âmbito humano mudança de hábitos é, ao longo da evolução, um processo que se aprimora tendendo para uma conduta deliberada e que o maior estímulo para este processo é um ideal supremo que só pode ser vislumbrado através da Estética que apóia a Ética que sustenta a Lógica. Nas palavras de Peirce:

Estética é a ciência de ideais, ou daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. [...] mas ela deve repousar na fenomenologia. Ética, ou a ciência do certo ou errado, deve recorrer à estética como auxílio para determinar o *summum bonum*. É a teoria da conduta autocontrolada ou deliberada. Lógica é a teoria do pensamento autocontrolado, ou deliberado; e como tal deve recorrer à ética por seus princípios.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> CP 1.191 – 1903 (Esthetics is the science of ideals, or of that which is objectively admirable without any ulterior reason. [...] Ethics, or the science of right or wrong, must appeal to Esthetics for aid in determining the *summum bonum*. It is the theory of self-controlled, or deliberate, conduct. Logic is the theory of self-controlled, or deliberate, thought; and as such, must appeal to ethics for its principles.)

## Capítulo I – As categorias de Peirce

### 1. As categorias e a Fenomenologia

*“O grande esforço do estudante (de fenomenologia) é não ser influenciado por tradição alguma, autoridade alguma, quaisquer razões para supor que tal e tal devem ser os fatos, ou quaisquer fantasias de qualquer tipo, e se limitar a honesta, sincera observação das aparências.”<sup>16</sup>*

A palavra *categoria* tem, segundo Peirce<sup>17</sup>, substancialmente o mesmo significado entre todos os filósofos. Fizeram marcadamente uso do conceito de categoria Aristóteles, Kant e Hegel e, de acordo com Peirce, para todos eles “uma categoria é um elemento de primeira linha de generalidade dos fenômenos”.<sup>18</sup>

As categorias em filosofia são - de acordo com Hausman em seu livro *Evolutionary Philosophy* - “concepções fundamentais no sentido delas serem condições de inteligibilidade”.<sup>19</sup> Segundo ele tais concepções podem ser consideradas “como as classes ou tipos de coisas dentro das quais coisas que são e podem ser conhecidas podem ser divididas. Ou elas podem ser consideradas como vias ou condições pelas quais coisas podem ser distinguidas e conseqüentemente conhecidas”.<sup>20</sup>

As categorias de Peirce ocupam um lugar de destaque no desenvolvimento de todo o seu pensamento e ele acreditava existir pelo menos duas ordens de categorias: particular e universal. Para ele a diferença entre estas duas ordens é que no primeiro caso há uma série, ou um conjunto de séries, de categorias em que uma delas em cada série se faz particularmente presente ou predominante em qualquer fenômeno. Já no segundo caso todas as categorias

<sup>16</sup> CP 1.287 – 1904 (The student’s great effort is not to be influenced by any tradition, any authority, any reason for supposing that such and such ought to be the facts, or any fancies of any kind, and to confine himself to honest, single-minded observation of the appearances.)

<sup>17</sup> Cf. CP 5.43 – 1903.

<sup>18</sup> CP 5.43 – 1903 (...a category is an element of phenomena of the first rank of generality.)

<sup>19</sup> Carl HAUSMAN, *Charles S. Peirce Evolutionary Philosophy*, p. 94, 1993. (...categories in philosophy are fundamental conceptions, in the sense that they are conditions of intelligibility.)

<sup>20</sup> Ibid., p. 94. (...as classes or types of things into which things that are and can be known can be divided. Or they may be considered to be the ways or conditions according to which things can be distinguished and accordingly known.)

pertencem a todos os fenômenos, às vezes acontecendo de uma delas se destacar em relação às demais, mas sempre todas se fazem presentes, daí, portanto, a classificação categorias universais.<sup>21</sup>

Peirce se inspirou na tábua das categorias de Kant e com a intenção de se limitar às categorias universais<sup>22</sup> desenvolveu sua própria lista empenhado em lhe dar uma base lógica. Para ele a lista das categorias é “um painel de concepções desenhado a partir de análises lógicas do pensamento e considerado como aplicável ao ser”<sup>23</sup>, e segundo ele tal descrição se aplica tanto para a sua lista apresentada em 1867 quanto para as de Aristóteles e Kant.<sup>24</sup> O conteúdo desta apresentação, que representa “o auge de dez anos de empenho e a chave do sistema de filosofia de Peirce”<sup>25</sup>, foi publicado em 1868 em artigo intitulado Sobre uma Nova Lista das Categorias (*On a New List of Categories*).

Neste artigo o autor coloca como sendo cinco as concepções que devem ser chamadas de categorias: *Ser (Being)*, *Qualidade (Quality)* – com referência a fundamento (*ground*), *Relação (Relation)* – com referência a correlato, *Representação (Representation)* – com referência a um interpretante, *Substância (Substance)*. Dentre elas as três concepções intermediárias – Qualidade, Relação e Representação – foram denominadas de acidentes.<sup>26</sup>

Hausman sugere que as categorias da “Nova Lista” resultaram de considerações lógicas e observacionais e que:

o propósito da ‘Nova Lista’ de Peirce é especificar as condições gerais necessárias para a formação de concepções, o que ele coloca ocorre quando impressões são unificadas em proposições. Estas são condições de inteligibilidade porque proposições são os produtos básicos de articulação de conhecimento.<sup>27</sup>

<sup>21</sup> Cf. CP 5.43 – 1903.

<sup>22</sup> Cf. CP 5.43 – 1903.

<sup>23</sup> CP 1.300 – 1894 (is a table of conceptions drawn from the logical analysis of thought and regarded as applicable to being.)

<sup>24</sup> Cf. CP 1.300 – 1894.

<sup>25</sup> <http://www.iupui.edu/~peirce> (The culmination of a ten-year effort and the keystone of Peirce’s system of philosophy)

<sup>26</sup> Cf. CP 1.555 – 1867.

<sup>27</sup> Carl HAUSMAN, *Charles S. Peirce Evolutionary Philosophy*, p. 96, 1993. (The purpose of Peirce’s “New List” is to specify the general conditions necessary to the formation of conceptions, which he states occur when impressions are unified in propositions. These are conditions of intelligibility, because propositions are the basic products of the articulation of knowledge.)

Perceber as categorias como condições gerais para articulação do conhecimento é um passo importante para se compreender a dinâmica de mudança de hábitos sob a perspectiva do pragmatismo de Peirce.<sup>28</sup>

Das cinco concepções da “Nova Lista” Ser e Substância foram posteriormente excluídas e Peirce passou a tomar apenas as três concepções intermediárias – Qualidade, Relação e Representação – como as três classes fundamentais da Fenomenologia e as denominou – com o amadurecimento de seu pensamento – respectivamente como *Primeiridade (Firstness)*, *Segundidade (secondness)* e *Terceiridade (Thirdness)*.

Fenomenologia é a ciência que discorre sobre nossas formas de experiência e a partir delas apresenta a lista das categorias. Fenomenologia foi também denominada por Peirce de Doutrina das Categorias ou Faneroscopia já que esta ciência se propõe a inventariar e separar em três categorias as características do *faneron* ou fenômeno.

Faneroscopia, como indicou Peirce, é a descrição do *faneron*, e por *faneron* ele quis dizer “o total coletivo de tudo o que está de qualquer forma ou em qualquer sentido presente para a mente, completamente independentemente de corresponder ou não a alguma coisa real”.<sup>29</sup> Evidentemente, é no conceito grego de *phaenomenon* – ou “aquilo que aparece aos nossos sentidos” – que se fundamenta esta ciência. Detalhando um pouco mais ainda sobre ela o autor afirmou que:

O que denomino *faneroscopia* é aquele *estudo que*, sustentado pela observação direta do faneron e generalizando tais observações,  *sinaliza* algumas classes muito categóricas dos fanerons; *descreve* os traços de cada; *mostra* que apesar delas serem inextricavelmente misturadas a ponto de nenhuma poder ser isolada, ainda assim é manifesto que seus atributos são completamente discrepantes; *prova*, longe de dúvida, que uma certa bem pequena lista compreende todas estas mais amplas

<sup>28</sup> Como se constatará mais claramente nos capítulos II e III desta pesquisa.

<sup>29</sup> CP 1.284 – 1905 (...by the phaneron I mean the collective total of all that is in any way or in any sense present to the mind, quite regardless of whether it corresponds to any real thing or not.)

categorias que existem dos farenons; e finalmente *começa a* laboriosa e difícil tarefa de *enumerar as principais subdivisões destas categorias*.<sup>30</sup> (Os grifos são nossos.)

Não é do âmbito da fenomenologia a distinção entre real e não-real, ela é uma ciência das aparências e como tal se atém simplesmente aos fenômenos, não importando se eles são experiências esporádicas ou cotidianas, conclusões científicas, manifestações sociais, catástrofes da natureza ou mesmo frutos de sonhos alucinantes ou de imaginação puramente especulativa.

A fenomenologia é uma ciência que particularmente traduz nossas experiências, que simplesmente as observa e as classifica; e como aponta Ibri ela “não pretende ser uma ciência da realidade, mas apenas buscará escrutinar as classes que permeiam toda a ciência comum ficando restrita às suas aparências”.<sup>31</sup> Aos estudantes desta ciência cabe a difícil tarefa de – livre de expectativas e de quaisquer outras influências – se limitar a observar francamente as aparências, ou, como indicou Peirce, “simplesmente abrir os olhos mentais e olhar bem para o fenômeno”.<sup>32</sup>

Para Peirce a fenomenologia requer três faculdades essenciais:<sup>33</sup>

1) Ver o que se apresenta exatamente tal como se apresenta, ou seja, olhar as coisas precisamente como elas se mostram, sem tentar lhes acrescentar ou subtrair quaisquer características, e sem interpretá-las ou julgá-las independentemente de quaisquer circunstâncias. Como, por exemplo, um artista que, despido de idéias pré-concebidas e sensível às diferentes nuances de tons, é capaz de perceber as múltiplas cores que vibram sobre a neve de acordo com a intensidade de luz que sobre ela incide, ao contrário da maioria

---

<sup>30</sup> CP 1.286 – 1904 (What I term *phaneroscopy* is that study which, supported by the direct observation of phaneron and generalizing its observations, signalizes several very broad classes of phenerons; describes the features of each; shows that although they are so inextricably mixed together that no one can be isolated, yet it is manifest that their characters are quite disparate; then proves, beyond question, that a certain very short list comprises all of these broadest categories of phaneron there are; and finally proceeds to the laborious and difficult task of enumerating the principal subdivisions of those categories.)

<sup>31</sup> Ivo A. IBRI, *Kósmos Noetós*, p. 5, 1992.

<sup>32</sup> Cf. CP 5.41 – 1903.

<sup>33</sup> Cf. CP 5.42 – 1903.

das pessoas que geralmente enxergam a neve sempre como branca ou como cinza quando sobre ela há sombra.

2) Firme discernimento, isto é, atenta percepção sobre o que se apresenta. Numa figura de linguagem pode-se dizer que é como a atenção com que um animal caçador mira sua próxima presa antes de armar o bote sobre ela.

3) Poder generalizador, que é a capacidade de sintetizar experiências construindo conceitos.

Ciente destas três faculdades requeridas pela fenomenologia e ciente dos três elementos da consciência: consciência una – que se refere à qualidade de sentimento e à primeiridade, consciência dual – que se refere à relação e à segundidade, e consciência plural – que se refere à representação e à terceiridade, Peirce colocou que:

Parece que as verdadeiras categorias da consciência são: 1º. Sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, passiva consciência de qualidade sem reconhecimento ou análise; 2º. Consciência de uma interrupção dentro do campo da consciência, sentido de resistência de um fato externo, de um outro algo; 3º. Consciência sintética ligando o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.<sup>34</sup>

Já feita esta breve aproximação a que se refere Peirce no que tange às categorias cabe apontar que Ibri<sup>35</sup> bem sintetiza o objetivo da Fenomenologia ao afirmar que o que Peirce de fato aspira para ela é “uma ciência inventariante, taxonômica, que irá fundar três modos de ser dos fenômenos e da consciência, já anunciando que os modos do *aparecer* na sua exterioridade serão categorialmente os mesmos dos modos do *aparecer* interior”.

---

<sup>34</sup> W5: 246 / CP 1.377 – 1885 (It seems, then, that the true categories of consciousness are, 1<sup>st</sup>, Feeling, the consciousness which can be included with an instant of time, passive consciousness of quality, without recognition or analysis; 2<sup>nd</sup>, Consciousness of an interruption into the field of another something; 3<sup>rd</sup>, synthetic consciousness binding time together, sense of learning, thought.)

<sup>35</sup> Ivo IBRI, Ser e aparecer na filosofia de Peirce: o estatuto da fenomenologia, *Cognitio*, II. p. 71, 2001.

## 2. As categorias na classificação das ciências da descoberta segundo Peirce

Antes da exposição detalhada das categorias de Peirce parece ser necessário fazer uma breve abordagem da classificação das ciências da descoberta segundo ele para nela localizarmos o posicionamento da Filosofia e também das três categorias. Além disto, abordar aqui a classificação das ciências nos ajudará a constatar, ao longo desta pesquisa, a relação direta entre as categorias, as ciências e o pragmatismo de Peirce.

A filosofia não tem recursos específicos para observação e sua base observacional é a do senso-comum que baliza nossas crenças e ações no dia-a-dia. A filosofia científica, tal como Peirce a concebeu, é uma ciência observacional que se diferencia de outras ciências não pelo seu método, mas pelo fato não ter uma “nomenclatura técnica apropriada em que cada termo tem um único significado definido universalmente aceito entre os estudantes do assunto”<sup>36</sup> e também pelo fato de se apoiar em experiências tão familiares que muitas vezes fica difícil delas se tomar nítida consciência. Com relação à filosofia Peirce colocou que ela:

tem três grandes divisões. A primeira é a Fenomenologia que simplesmente contempla o Fenômeno Universal e distingue seus ubíquos elementos, Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, junto talvez com outras séries de categorias. A segunda grande divisão são as Ciências Normativas que investiga as leis universais e necessárias da relação dos Fenômenos com os *Fins*, que são, talvez, Verdade, Justiça e Beleza. A terceira grande divisão é Metafísica que se empenha para compreender a Realidade dos Fenômenos.<sup>37</sup>

A Filosofia, também denominada por Peirce como *Cenosopia* (*Cenoscopy*), precede as Ciências Especiais, denominadas também de *Idiosopia* (*Idioscopy*) e que são as ciências que fundamentam suas construções em observações especiais como é o caso, por exemplo, da Química, da Física e da Sociologia.

<sup>36</sup> CP 5.413 – 1905 (...suitable technical nomenclature, whose every term has a single definite meaning universally accepted among students of the subject.)

<sup>37</sup> CP 5.121 – 1903 (Philosophy has three grand divisions. The first is Phenomenology, which simply contemplates the Universal Phenomenon and discerns its ubiquitous elements, Firstness, Secondness, and Thirdness, together perhaps with other series of categories. The second grand division is Normative Science, which investigates the universal and necessary laws of the relation of Phenomena to Ends, that is, perhaps, to Truth, Right, and Beauty. The third grand division is Metaphysics, which endeavors to comprehend the Reality of Phenomena.)

Filosofia e Ciências Especiais constituem as ciências positivas, o que para Peirce significa uma inquirição que busca pelo conhecimento positivo, isto é, pelo “conhecimento como pode convenientemente ser expresso em uma *proposição categorial*”.<sup>38</sup> A Matemática, que como ciência autônoma é a que mais se aproxima das artes, precede as ciências positivas e junto (matemática e ciências positivas) constituem as ciências da descoberta.<sup>39</sup>

De acordo com a classificação das ciências segundo Peirce, a qual ele desenvolveu em sua fase de maturidade, toda ciência é da descoberta, da revisão ou da prática.<sup>40</sup> Santaella<sup>41</sup> observa que Peirce só se interessava pelas ciências da descoberta, já que elas são as responsáveis pelo crescimento da ciência, e a elas nos dedicamos aqui.

A classificação das ciências é uma relação de interatividade e reciprocidade entre as mesmas e de forma diagramática esta classificação, no que tange às ciências da descoberta, se mostra como no quadro 1 que se apresenta a seguir:

---

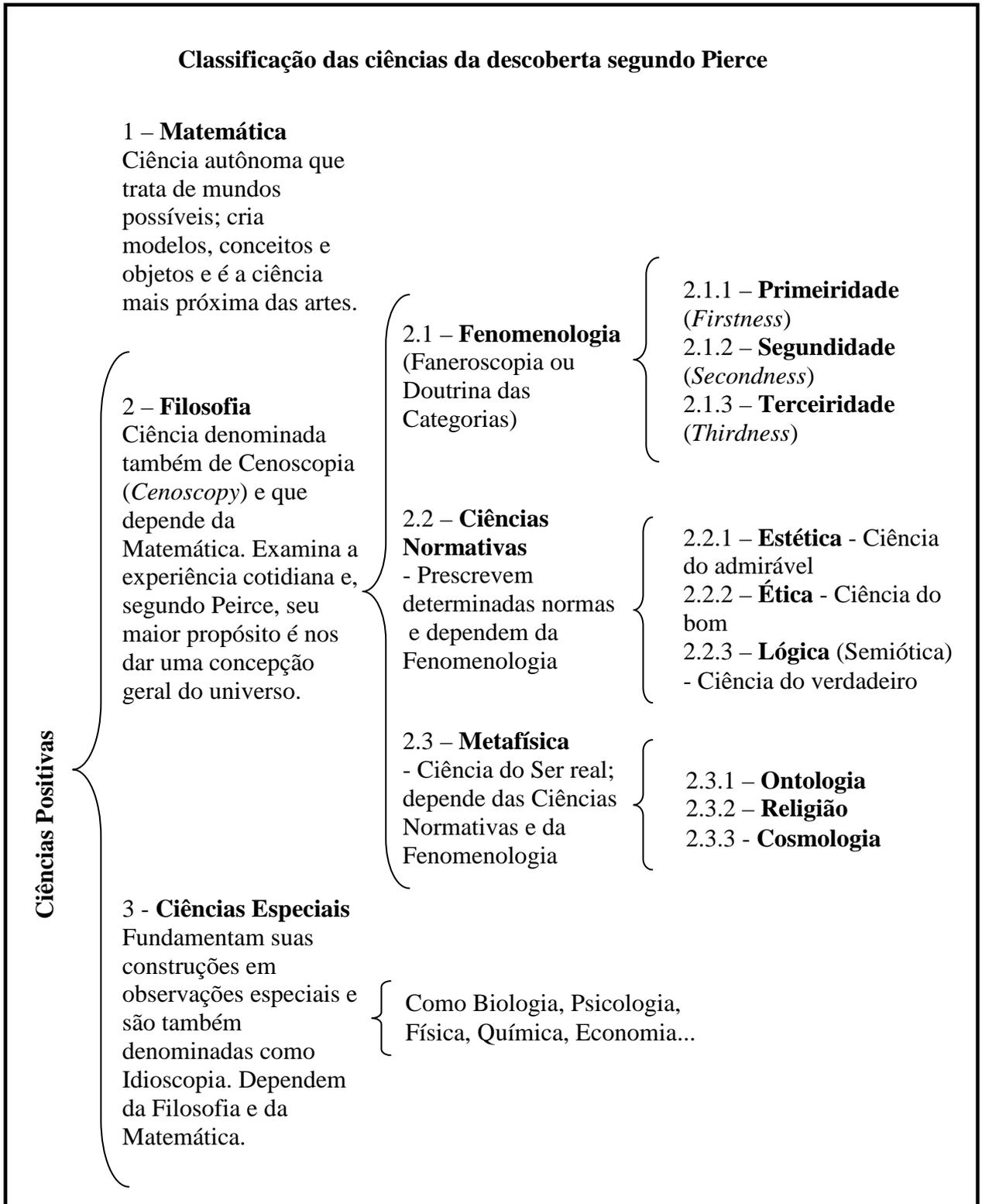
<sup>38</sup> CP 5.39 – 1903 (...knowledge as may conveniently be expressed in a *categorical proposition*.)

<sup>39</sup> Cf. CP 1.183 – 1903.

<sup>40</sup> Cf. CP 1.181 – 1903.

<sup>41</sup> Lúcia SANTAELLA, Sinequismo e Onipresença da Semiose, *Cognitio*, v. 8, n. 1, p. 141, 2007.

### Classificação das ciências da descoberta segundo Peirce



Quadro 1

A classificação das ciências da descoberta segundo Peirce

Para Peirce “o primeiro é aquilo que tem seu ser ou peculiaridade em si mesmo. O segundo é aquilo que é o que é por força de alguma outra coisa. O terceiro é aquilo que é como é devido a outras coisas entre as quais medeia”.<sup>42</sup> Ele bem sucintamente colocou “primeiridade ou espontaneidade, segundidade ou dependência, terceiridade ou mediação”<sup>43</sup>, e se referiu ainda mais resumidamente às categorias “como vívida, como inegável, como racional”.<sup>44</sup> As categorias são concepções muito amplas e, conseqüentemente, de difícil demarcação; além disto, é muito difícil falar de uma categoria sem mencionar as demais uma vez que elas são intrinsecamente relacionadas. De toda forma nas próximas páginas há uma tentativa de apresentá-las separadamente.

Todavia, antes de tentar abordar as categorias separadamente é importante observar no quadro 1 que a Fenomenologia é a base das ciências positivas e que assim sendo ela precede as ciências normativas. Em outras palavras, a Estética – que precede a Ética e a Lógica – depende da ciência que contempla os fenômenos sem distingui-los como bons ou ruins, belos ou feios, desejáveis ou indesejáveis. Cabe também observar na classificação das ciências que Metafísica pressupõe Lógica, que por sua vez repousa em Ética, Estética e Fenomenologia. E cabe ainda notar que a Filosofia pode recorrer à Matemática, inclusive porque de acordo com Peirce “toda ciência tem uma parte matemática”<sup>45</sup>; e que é via a Fenomenologia e as ciências normativas que se alcança o pragmatismo de Peirce.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> W5: 299 – 1886 (The first is that which has its being or peculiarity within itself. The Second is that which is what it is by force of something else. The third is that which is as it is owing to other things between which it mediates.)

<sup>43</sup> CP 3.422 – 1892 (...firstness or spontaneity, secondness ou dependence, thirdness or mediation...)

<sup>44</sup> CP 2.84 – 1902 (...as vivid, as undeniable, as racional...)

<sup>45</sup> CP 1.133 – 1894 (Every science has a mathematical part.)

<sup>46</sup> Como se verificará ao longo desta pesquisa.

### 3 – Primeiridade (*Firstness*)

“A idéia de primeiro é predominante em idéias de frescor, vida, liberdade”.<sup>47</sup>

Das três categorias da experiência a primeiridade (*firstness*) é a mais difícil se de pensar e de se traduzir porque ela é, segundo Peirce, “a idéia daquilo que é tal como é independente de qualquer outra coisa. Por assim dizer é uma qualidade de sentimento”.<sup>48</sup> Como o pensamento se sustenta em referências é deveras desafiador conceber “a idéia daquilo que é tal como é independente de qualquer outra coisa”. Ele apontou que: “dos três Universos da Experiência familiares para todos nós o primeiro abrange todas meras Idéias”<sup>49</sup>; e que a “primeira (categoria é) sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise”.<sup>50</sup>

Primeiridade “é predominante em sentimento como distinto de percepção objetiva, desejo e pensamento”.<sup>51</sup> O tipo de consciência que se faz presente nesta categoria não envolve análise, comparação ou qualquer processo por isto também a linguagem se esvaece neste tipo de experiência já que a linguagem é constituída de conceitos, e, para aquilo que é único não há palavras, pois só o que se repete é que entra na esfera conceitual. Assim, tudo o que escapa à lógica da linguagem e da razão está predominantemente sob esta categoria primeira na qual há uma preponderância de um sentimento de unidade primária e de natureza estética.

Primeiridade é o tipo de experiência em que perdemos a noção de limites porque nela não há – ainda que por ínfimos instantes – diferenciação entre nós e o que nos rodeia

<sup>47</sup> CP 1.302 – 1894 (The idea of first is predominant in the ideas of freshness, life, freedom.)

<sup>48</sup> CP 5.66 – 1903 (Category the First is the Idea of that which is such as it is regardless of anything else. That is to say, it is a *Quality of Feeling*.)

<sup>49</sup> CP 6. 455 – 1908 (Of the three Universes of Experience familiar to us all, the first comprises all mere Ideas.)

<sup>50</sup> CP 1.377 – 1885 (...first, feeling, the consciousness which can be included with an instant of time, passive consciousness of quality, without recognition or analysis...)

<sup>51</sup> CP 1.302 – 1894 (The first is predominant in feeling, as distinct from objective perception, will, and thought.)

predominando um sentimento de comunhão e vivacidade. Nesta experiência primeira não há qualquer reação, perdemos a noção não só de nós mesmos, mas também do tempo. Sente-se que é uma experiência única em que ocorre um hiato no tempo. Neste hiato não há lembranças do passado, preocupações com o futuro e nem quaisquer outras interferências ou referências; é uma experiência de sentimento, “absolutamente simples e sem partes”<sup>52</sup>, é, portanto, uma experiência de inteireza.

Sentimento, que “é um estado que é em sua inteireza em todo momento do tempo em que perdura”<sup>53</sup>, “não é um evento, um acontecimento, um suceder”<sup>54</sup> e é traço típico da categoria primeira que está longe de ser um processo ou aprendizagem. Sentimento “é simplesmente uma qualidade de consciência imediata”<sup>55</sup> e como tal Peirce colocou que o sentimento que correspondente à experiência de primeiridade é de pura *presentidade* (*presentness*), que eclode quando sentimos a presença daquilo que está imediatamente presente para a mente.<sup>56</sup> Por isto ele anunciou que: “o puro Primeiro é essencialmente vívido, presente e consciente”.<sup>57</sup>

No que se refere a sentimento não é possível fazer quaisquer comparações, sejam elas para traçar semelhanças ou diferenças, pois “sentimento é o que quer que seja, positivamente e independentemente de qualquer outra coisa”.<sup>58</sup> Assim sendo, o objeto das experiências de primeiridade é sempre algo ímpar, a exemplo, de um instante de um brilhante *insight*, a qualidade de um primeiro contato com uma cultura diferente, o cruzar de olhares que mutuamente se acolhem, a contemplação descompromissada do cair de uma gota de orvalho sob a luz dos primeiros raios da manhã, ou o que quer que aconteça livre de esforço,

<sup>52</sup> CP 1.310 – 1907 (...absolutely simple and without parts...)

<sup>53</sup> CP 1.307 – 1907 (...is a state, which is in its entirety in every moment of time as long as it endures.)

<sup>54</sup> CP 1.307 – 1907 (...is not an event, a happening, a coming to pass,...)

<sup>55</sup> CP 1.307 – 1907 (...feeling is simply a quality of immediate consciousness.)

<sup>56</sup> Cf. CP 5.44 – 1903.

<sup>57</sup> W5: 299 – 1886 (The pure First is essentially vivid, present and conscious.)

<sup>58</sup> CP 1.310 – 1907 (...feeling is whatever it is, positively and regardless of anything else...)

pensamento e de qualquer necessidade de ter que acontecer e que de tal forma é algo singular, e, portanto, incomparável.

Primeiro apresenta-se, de acordo com Peirce, como “presente, imediato, fresco, novo, inicial, original, espontâneo, livre. Destas palavras, frescor, talvez, mais intimamente expressa a idéia em sua pureza virgem”.<sup>59</sup> Porém, inevitavelmente, segundo ele, “no instante em que frescor é distintamente asseverado ele perde sua inocência característica. A idéia de primeiro precede toda afirmação, toda diferenciação”.<sup>60</sup>

O que é *primeiro* revela consigo a unidade e a unicidade, é livre e isto significa “aquilo que não tem outro atrás determinando suas ações”<sup>61</sup>, portanto, primeiro não se sujeita a qualquer outra coisa, nem mesmo à mais árdua tentativa de conceituá-lo com sucesso. Por ser essencialmente original e livre a experiência de primeiridade nos escapa de qualquer tentativa de delimitá-la ou traduzi-la com precisão, aliás, ao tentarmos compreender e transmitir experiências de primeiridade, que são meros sentimentos, acabamos por deturpá-las.

Segundo Peirce, “sentimento é nada mais que qualidade, e uma qualidade não é intencional: é mera possibilidade”<sup>62</sup>, assim, primeiridade como experiência baseia-se em um estar despreziosamente no mundo, isto é, sem um foco específico, por isto o olhar nesta experiência é um olhar desinteressado já que nela não há desejos, resistências nem julgamentos. O sentimento é de unidade e sob o domínio de tal sentimento o estado é de inteireza e entrega, não há o que buscar, negar ou argumentar, daí o olhar desambicioso e receptivo. Aliás, nesta categoria a característica fenomenológica marcante é o ver livre de expectativas e juízos acolhendo o que se apresenta tal qual se apresenta.

---

<sup>59</sup> W5: 304 – 1886 (...present, immediate, fresh, new, initiative, original, spontaneous, free. Of these words fresh, perhaps, nearest express the idea of its virgin purity.)

<sup>60</sup> W5: 299 – 1886 (The instant that freshness is distinctly asserted, it has lost its characteristic innocence. The idea of prime precedes all assertion, all differentiation.)

<sup>61</sup> CP 1.302 – 1894 (...that which has not another behind it, determining its actions ;...)

<sup>62</sup> CP 1.310 – 1907 (...feeling is nothing but a quality, and a quality is not conscious: it is a mere possibility.)

Enquanto sentimento, unidade e presentidade (*presentness*) se revelam como o lado interno da experiência de primeiridade seu lado externo se dá através de diversidade, liberdade, espontaneidade e caos. Aliás, pelo fato das experiências predominantemente sob a categoria primeira emanarem diversidade, espontaneidade e criatividade as artes estão essencialmente sob seu domínio. Daí, inclusive, o fato da experiência de contemplação ser também característica desta categoria.

Em suma, fenomenologicamente, primeiridade é uma qualidade de sentimento, algo que em si é mera possibilidade. Metafisicamente, todavia, Peirce identificou primeiridade com possibilidades em geral, incluindo possibilidade de coisas individuais e hábitos. Experiências predominantemente de primeiridade são singulares e, apesar de fazerem parte de um contínuo de possibilidades, são de descontinuidade no tempo. E mais, a Fenomenologia, enquanto ciência que contempla os fenômenos, está relacionada com a esta experiência primeira.

#### 4 – Segundidade (*Secondness*)

*“A idéia de segundo é predominante em idéias de causa e de força estática. Causa e efeito são dois; e força estática sempre ocorre entre pares”.*<sup>63</sup>

Enquanto a experiência de primeiridade é a mais difícil de se conceber em palavras a experiência de segundidade é a mais fácil de se reconhecer e de se traduzir e Peirce afirma que ela “tem sido tão proeminente no pensamento de nossa era que é decididamente a mais fácil de individualizar”.<sup>64</sup> Ao passo que na primeiridade há um silencioso convite à unidade

<sup>63</sup> CP 1.325 – fragmento não datado (“The idea of second is predominant in the ideas of causation and of statical force. For cause and effect are two; and statical forces always occur between pairs.”)

<sup>64</sup> W 5: 239 – 1885 (The category of Second has been so prominent in the thought of our age, that it is decidedly the easiest to isolate.)

primária, na segundidade predomina a percepção de externalidade, a imposição de fatos inegáveis e a certeza de que aqui e agora nem tudo acontece de acordo com nossas expectativas.

Na verdade não podemos desvincular a idéia de primeiro do segundo, pelo contrário, o segundo se dá, de acordo com Peirce, “em fatos tais como outro, relação, compulsão, efeito, dependência, independência, negação, ocorrência, realidade, resultado”<sup>65</sup> e daí a fundamental importância do primeiro para o segundo.

Entre algumas ilustrações que Peirce dá sobre a experiência de segundidade existe aquela em que ao tentarmos abrir uma porta empurrando-a com o ombro experimentamos simultaneamente o sentimento de esforço e resistência.<sup>66</sup> A partir desta imagem infere-se que na experiência de segundidade existe uma reação dos objetos contra nossa consciência. Sobre este tipo de experiência Peirce anunciou:

É o caráter energético e real da consciência dual que principalmente a distingue. Ela consiste de um sentido de “poder” que é ao mesmo tempo um sentido de “não poder”. Força implica em resistência e poder em limitação. Há sempre uma oposição, sempre um mas, sempre um segundo na consciência dual.<sup>67</sup>

A experiência de segundidade é o que nos choca e nos deixa de sobreaviso com os sentidos em alerta. É aquilo que nos restringe ao aqui e agora e nos obriga a – numa experiência direta e não mediatizada – atentar para algo que é novo, diferente, não esperado e que por ser particular se contrapõe como uma interrupção, uma interrogação, uma descontinuidade, um outro. E Peirce apontou que “a idéia de outro, de *não*, torna-se o próprio pivô do pensamento”<sup>68</sup> (Grifo do autor.), e que “nos tornamos conscientes do eu ao nos tornarmos conscientes do não-eu”.<sup>69</sup>

<sup>65</sup> CP 1.358 – 1890 (It meets us in such facts as another, relation, compulsion, effect, dependence, independence, negation, occurrence, reality, result.)

<sup>66</sup> Cf. CP 1.324 – 1903.

<sup>67</sup> EP1: 283 – 1888 (It is the energetic and real character of the dual consciousness that principally distinguishes it. It consists of a sense of “can” which is at the same time a sense of “cannot”. Force implies resistance, and power limitation. There is always an opposite, always a but, always a second, in the dual consciousness.)

<sup>68</sup> CP 1.324 – 1903 (The idea of other, of *not*, becomes a very pivot of thought.)

<sup>69</sup> CP 1.324 - 1903 (We become aware of ourself in becoming aware of the not-self.)

A experiência de segundidade impõe que se reconheça exatamente o que ela é: uma segunda coisa que não nós, nosso pensamento ou nossa vontade. Nesta classe de experiência a força bruta prevalece e, segundo Peirce, “brutalidade consistirá na ausência de qualquer razão, regularidade ou regra”.<sup>70</sup> Peirce argumentou que o principal ingrediente da força bruta é binaridade, já que a idéia de força bruta é um pouco mais que a de reação, que é pura binaridade<sup>71</sup> e colocou que:

Encontramos segundidade em ocorrência porque uma ocorrência é algo cuja existência consiste em nosso chocar contra ela. Um fato duro é do mesmo tipo; isto é, é alguma coisa que está lá e que não posso deixar de pensar a respeito, mas sou forçado a reconhecer como um objeto ou segundo fora de mim, o sujeito ou número um, e que forma material para o exercício de minha vontade.<sup>72</sup>

As noções de segundidade e de real se sobrepõem já que na experiência de reação está fundado o conceito tanto de segundidade quanto de realidade, e assim sendo Peirce indicou que: “a realidade do mundo externo significa nada senão aquela real experiência de dualidade”.<sup>73</sup> Como também indicou ele que: “segundidade é predominante na idéia de realidade; pois o real é aquilo que insiste forçando seu caminho para o reconhecimento como algo diferente da mente do universo. [...] O real é ativo, nós o reconhecemos chamando-o de atual”.<sup>74</sup> Assim, a reação do mundo nos sinaliza quando estamos equivocados ou não, por isto Peirce apontou que a experiência de segundidade é: “a principal lição da vida. Na juventude o mundo é fresco e parecemos livres; mas limitação, conflito, restrição e segundidade geralmente caracterizam o ensino da experiência”.<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> CP 2.84 – 1902 (The bruteness will consist in the absence of any reason, regularity, or rule.)

<sup>71</sup> Cf. CP 2.84 – 1902.

<sup>72</sup> CP 1.358 – 1890 (We find secondness in occurrence, because an occurrence is something whose existence consists in our knocking up against it. A hard fact is of the same sort; that is to say, it is something which is there, and which I cannot think away, but am forced to acknowledge as an object or second beside myself, the subject or number one, and which forms material for the exercise of my will.)

<sup>73</sup> CP 5.539 – 1902 (...the reality of the external world means nothing except that real experience of duality.)

<sup>74</sup> CP 1.325 – fragmento não datado (In the idea of reality, Secondness is predominant; for the real is that which insists upon forcing its way to recognition as something other than the mind’s creation. [...] The real is active; we acknowledge it in calling it actual.)

<sup>75</sup> CP 1.358 – 1890 (...second [...] is the main lesson of life. In youth, the world is fresh and we seem free; but limitation, conflict, constraint, and secondness generally, make up teaching of experience.)

Fenomenologicamente segundidade consiste em ações instantâneas, momentos de força bruta impulsiva. Já metafisicamente Peirce identificou segundidade com existência ou realidade em geral. A idéia de existência – associada à interdependência de forças e a absoluta alteridade – é a idéia de definição porque definir é migrar das múltiplas possibilidades para a individualidade do fato. Algo existe apenas quando sai do indefinido para o definido, da potência para o ato; e assim o existente é um reagente e como tal é particular. E as coisas particulares é que constituem a segundidade.

De acordo com Peirce “segundidade é o caráter predominante do que foi feito”<sup>76</sup>; segundo ele o passado tem um grau de alteridade, funciona como uma experiência de segundidade dentro de nós; “o passado influencia nosso intelecto”<sup>77</sup>, é um outro com que dialogamos. Nosso passado é um elemento de reação, atua como um real a nos despertar para possíveis aprendizagens, pois a experiência é o sujeito do pensamento, sem ela não há pensamento já que é ela que nos provoca a pensar e aprender. Como colocou o autor “experiência é *esse in praeterito*. O que, então, é o fato que está presente para você? Pergunte-se: é o passado. [...] O passado compele presente, pelo menos em alguma medida”.<sup>78</sup> Assim, experiência é o resultado cognitivo de nosso passado<sup>79</sup> e de tal forma age como um catalisador para ponderação e aprendizagem.

Ibri<sup>80</sup> nos lembra em seu livro *Kósmos Noetós* que não temos qualquer poder modificador sobre toda e qualquer experiência pretérita, apontando que: “mediatizar o passado numa representação é colocá-lo no universo da inteligibilidade que representa uma dinâmica de aprendizagem evolutiva no fluxo tempo”.

<sup>76</sup> CP 1.343 – 1903 (Secondness is the predominant character of what has been done)

<sup>77</sup> CP 1.278 – 1902 (...the past influences our intellect...)

<sup>78</sup> CP 2.84 – 1902 (...experience is *esse in praeterito*. All experience compels your acknowledgment. What, then, is the fact that is present to you? Ask yourself: it is past. [...] The past compels the present, in some measure, at least.)

<sup>79</sup> Cf. CP 2.84 – 1902.

<sup>80</sup> Ivo IBRI, *Kósmos Noetós*, p. 9, 1992.

Peirce afirmou que: “entre as formas internas que a binaridade assume estão aquelas das *dúvidas* que são forçadas sobre nossas mentes”.<sup>81</sup> (Grifo do autor.) A dúvida, que é o avesso da crença, é muitas vezes indício de nossos possíveis equívocos e desta forma ela – ao criar um estado de desconforto – se impõe até que seja sanada, isto é, até que seja substituída por um estado de crença.<sup>82</sup> Com relação à dúvida Peirce indicou que: “se não lutássemos contra dúvida não procuraríamos a verdade”.<sup>83</sup>

Dúvida e reação do passado se apresentam como o lado interno da segundidade enquanto seu lado externo se dá através da alteridade, dualidade, ação e reação, fatos brutos, limitação, resistência e esforço. Na contrariedade típica de experiências de segundidade, revelada no mundo interno ou no mundo externo, impera a possibilidade de autocorreção e evolução e tal possibilidade é pedra angular no pensamento de Peirce. Crescemos e evoluímos em grande parte porque somos contrariados – via dúvidas, experiências pretéritas ou via outros tipos de experiências de alteridade, como choques e perdas.

A experiência, aponta Ibri, “no seu matiz de alteridade, configurará o universo da segunda categoria, tornando-se fundamento central para o pensamento”. Assim, a experiência, ao se tornar matéria de cognição, é determinante no processo de maturação no qual aprender e crescer significa mudar de hábitos. E por isto Peirce colocou que “primeiro e segundo, agente e paciente, sim e não, são categorias que nos permitem grosseiramente descrever os fatos da experiência [...] Mas, finalmente elas se encontram inadequadas e o terceiro é a concepção que elas requerem”.<sup>84</sup> E assim encaminhamos o enfoque agora para a terceira categoria.

---

<sup>81</sup> CP 2.84 – 1902 (Among the inner shapes which binarity assumes are those of the *doubts* that are forced upon our minds.)

<sup>82</sup> Mais sobre dúvida e crença será visto na parte II desta pesquisa.

<sup>83</sup> CP 2.84 – 1902 (If we did not struggle against doubt, we should not seek the truth.)

<sup>84</sup> CP 1.359 – 1890 (First and second, agent and patient, yes and no, are categories which enable us roughly to describe the facts of experience [...] But at last they are found inadequate, and the third is the conception which is then called for.)

## 5 – Terceiridade (*Thirdness*)

*“O começo do universo, Deus o criador, é o Absoluto Primeiro; o término do universo, Deus completamente revelado, é o Absoluto Segundo; cada estado do universo em um mensurável ponto do tempo é o terceiro”.*<sup>85</sup>

Peirce usou o termo terceiraidade como “a Idéia daquilo que é tal como é sendo um terceiro, ou Meio, entre um segundo e seu primeiro”<sup>86</sup> e “como o nome daquele elemento do fenômeno que é predominante onde quer que Mediação seja predominante, e que alcança sua plenitude em Representação”.<sup>87</sup> Em outras palavras do próprio autor “o terceiro universo (da experiência) compreende tudo cujo ser consiste em poder ativo de estabelecer conexões entre diferentes objetos, especialmente entre objetos em diferentes Universos”.<sup>88</sup>

Segundo Peirce “terceiro é plástico, relativo e contínuo. Todo processo e o que quer que seja contínuo envolve terceiraidade”<sup>89</sup>, assim, é da natureza da terceiraidade ser sempre relativa.

Terceiridade é a categoria de relações triádicas, do pensamento, de análise e síntese. Consciência sintética ou plural, característica da terceiraidade, “não é mero *feeling* do que está imediatamente presente nem o mero sentido de alguma coisa fora, mas é estar ciente da ponte que une o presente e o ausente, de um Processo como tal. [...] É a percepção de movimento e

---

<sup>85</sup> CP 1.362 – 1890 (The starting-point of the universe, God the Creator, is the Absolute First; the terminus of the universe, God completely revealed, is the Absolute Second; every state of the universe at a measurable point of time is the third.)

<sup>86</sup> CP 5.66 – 1903 (Category the Third is the Idea of that which is such as it is as being Third, or Medium, between a Second and ist First.)

<sup>87</sup> CP 5.104 – 1903 (...as a name of that element of the phenomenon which is predominant wherever Mediation is predominant, and which reaches its fullness in Representation.)

<sup>88</sup> CP 6.455 – 1908 (The third Universe comprises everything whose being consists in active power to establish connections between different objects, especially between objects in different Universes.)

<sup>89</sup> W5: 301 – 1886 (...third is plastic, relative, and continuous. Every process and whatever is continuous involves thirdness.)

mudança”.<sup>90</sup> Esta percepção de movimento e mudança já é, em grande parte, o próprio processo de aprendizagem e evolução tão característico da terceiridade.

O saber, tal qual o conceituamos, precisa de objeto reativo (segundidade) e todo saber verdadeiro é uma quebra de reação de alguma coisa que revela a sua terceiridade, o que só acontece quando um fato bruto se torna razoável ao ser trazido pela e para a razão. Assim, em outras palavras, “conhecer” – que é um processo e que, como tal, demanda tempo – é verbo expressivo da terceiridade.

A razão – que, ao longo do tempo, é capaz de transmutar fatos brutos em fatos razoáveis – tem como principal função se empenhar em prever o futuro; assim sendo ela só se interessa por aquilo que se repete e por isto é sempre comparativa com o pensamento se estruturando essencialmente em experiências passadas.

No processo de aprendizagem prever e conhecer são sinônimos. Conhecer significa saber as regras daquilo que tem incidência notável, é descobrir leis, é generalizar. E tudo o que contém inteligência contém esta tendência generalizadora. Conhecer é descobrir os hábitos que regulam o comportamento do objeto e a partir daí prever sua conduta futura. A terceiridade pode ser vista como um fluxo que medeia primeiridade e segundidade generalizando a experiência passada para um *esse in futuro* e por isto o autor colocou que “inteligibilidade, ou razão objetivada, é o que torna Terceiridade genuína”.<sup>91</sup>

Aprender demanda tempo; e tempo cronológico em si já é traço de terceiridade e também de evolução. Só existe no tempo o que tem permanência e relação com outras coisas. Não há tempo sem terceiridade – que é uma categoria do *continuum* – e não há evolução sem tempo por isto somente através da temporalidade e da ordem típicas da terceiridade é possível estabelecer hábitos e leis e eles se estruturam como *continua*. De fato as relações de tempo

---

<sup>90</sup> EP1: 283 – 1888 (...is not the mere feeling of what is immediately present, nor yet the mere sense of something without, but is the being aware of the bridge which unites the present and the absent, of a Process as such. (...). It is the perception of motion and change.)

<sup>91</sup> CP 1.366 – 1890 (...intelligibility, or reason objectified, is what makes Thirdness genuine.)

são típicas da terceiridade. E a lei, que traz em si a idéia de necessidade, é a tradução, ou representação, de um hábito.<sup>92</sup>

Segundo Peirce a lógica – que é uma ciência do pensamento na construção de um argumento – pode também ser identificada nos processos naturais. Afirmou ele, por exemplo, que: a “natureza segue leis gerais, em outras palavras, tem um fundamento”.<sup>93</sup> E, ainda segundo suas palavras, “o mundo evidentemente não é governado por leis cegas”<sup>94</sup> já que “lei *par excellence* é a coisa que precisa de premissa”.<sup>95</sup> Assim, a natureza tende a adquirir hábitos e as leis da natureza são hábitos adquiridos. E todo hábito é adquirido por algo de natureza mental, da natureza da idealidade.

No sistema de Peirce o movimento do homem e de sua história é paralelo ao movimento da natureza porque terceiridade e razão são propriedades cósmicas (e não humanas). O homem participa do pensamento, mas não é seu centro. Onde há lei da natureza, trabalho intencional, organismo e organização há pensamento e nesta ampla e evolutiva ação o homem atua sempre e simplesmente como coadjuvante e jamais como protagonista.

Assim como é preciso sentimento para “dar corpo” à ação, assim também é preciso que haja ação para que se desenvolva a terceiridade que é o processo de mediar, sintetizar, analisar, assimilar, representar, aprender, evoluir e tudo o mais que se desenrola através de processos.

Enquanto regularidade, uniformidade, regras, hábitos e evolução constituem o lado externo da terceiridade, sua faceta interna se dá através de crenças, representação, pensamento e mediação. Assim, apontou Peirce, “metafísica é a designação correta para terceiro. [...] Seu negócio é estudar os traços mais gerais da realidade e objetos reais”.<sup>96</sup>

---

<sup>92</sup> Como veremos na parte II desta pesquisa a conexão entre hábito e lei é um dos grandes *insights* no pensamento peirciano.

<sup>93</sup> CP 6.568 – 1905 (nature follows general laws, in other words, has a reason.)

<sup>94</sup> CP 6.555 – 1887 (The world, then, is evidently not governed by blind law.)

<sup>95</sup> CP 6.12 – 1891 (Law is *par excellence* the thing that wants a reason.)

<sup>96</sup> CP 6.6 – 1903 (Metaphysics is the proper designation for the third [...] Its business is to study the most general features of reality and real objects.)

Nas palavras do autor: “Por terceiro quero dizer o meio-termo ou elo entre o absoluto primeiro e último. O começo é o primeiro, o fim segundo, o meio terceiro. O final é segundo, o meio terceiro. A linha da vida é terceiro, a morte que a corta é segundo”.<sup>97</sup> A terceiridade como linha da vida analisa, sintetiza e generaliza adotando signos e hábitos que tecem a conduta numa trama evolucionária. Assim cabe, uma vez mais, enfatizar que esta categoria é baseada em mediação e que toda mediação visa o futuro; e que ela é o “estar ciente da ponte que une o presente e o ausente, de um Processo como tal. [...] É a percepção de movimento e mudança”.<sup>98</sup>

E já nos encaminhando para os próximos tópicos lembramos que um dos pontos centrais na filosofia peirciana é seu evolucionismo e tendo isto em mente vale colocar aqui que, segundo Ibri, “sob a ótica das categorias, afirmar que as leis derivam de um estado de coisas caótico licita inferir que a terceiridade real resulta evolucionariamente da segundidade que caracteriza a *existência*, regida, nos seus primórdios, pela primeiridade que subsume o acaso”.<sup>99</sup>

## **6 – A interação das três categorias de Peirce**

Peirce colocou que pelo fato das categorias serem concepções tão amplas, e conseqüentemente indefinidas, elas são difíceis de apreender<sup>100</sup> e que “talvez não seja certo chamar estas categorias de concepções; elas são tão intangíveis que são mais precisamente

<sup>97</sup> CP 1.337 – 1875 (By the third, I mean the medium or connecting bond between the absolute first and last. The beginning is first, the end second, the middle third. The end is second, the means third. The thread of life is third. The fate that snips it, its second.)

<sup>98</sup> EP 1:283 – 1888 (is the being aware of the bridge which unites the present and the absent, of a Process as such. [...] It is the perception of motion and change.)

<sup>99</sup> Ivo IBRI, *Kósmos Noetós*, p.50, 1992.

<sup>100</sup> Cf. CP 6.32 – 1891.

tons ou matizes de concepções”.<sup>101</sup>

Ele apresentou as categorias pela primeira vez à sociedade científica em 1867, depois de dez anos de elaboração das mesmas<sup>102</sup>; e seguiu reelaborando-as – direta ou indiretamente – por aproximadamente mais quatro décadas. Peirce colocou que “Acaso é Primeiro, Lei é Segundo, e tendência para adquirir hábitos é Terceiro. *Mente é primeiro. Matéria é segundo. Evolução é terceiro*”.<sup>103</sup> E segundo ele “as categorias não podem ser dissociadas em imaginação uma da outra, nem de outras idéias”.<sup>104</sup> Dentre suas várias tentativas de precisar os três universos da experiência existe a seguinte passagem:

Por terceiro digo o médio ou elo entre o absoluto primeiro e último. O começo é primeiro, o fim segundo, o intermediário terceiro. O fim é segundo, o meio terceiro. A linha da vida é um terceiro, a morte que a corta seu segundo. Uma bifurcação em uma estrada é um terceiro, ela supõe três caminhos; uma estrada reta, considerada meramente como uma conexão entre dois lugares é segundo, mas como ela implica em passar por intermediária ela é terceiro. Posição é primeiro, velocidade ou relação de duas posições sucessivas segundo, aceleração ou a relação de três sucessivas posições terceiro. Mas velocidade na medida que é contínua também envolve terceiro. Continuidade representa Terceiro quase em perfeição. Todo processo resulta desta matriz. Moderação é um tipo de Terceiro. [...] Ação é segundo, mas conduta é terceiro. Lei como uma força ativa é segundo, mas ordem e legislação é terceiro. Solidariedade e humanidade, aquilo através do qual sinto os sentimentos de meu próximo, é terceiro.<sup>105</sup>

Como se pode constatar através destas últimas passagens parece óbvio a interação das categorias. Mas além da interação entre as três categorias parece evidente que existe uma interação delas com tudo o mais e como colocou Peirce “apesar de ser fácil distinguir as três

<sup>101</sup> CP 1.353 – 1880 (Perhaps it is not right to call these categories conceptions; they are so intangible thar they are rather tones or tints upon conceptions.)

<sup>102</sup> <http://www.iupui.edu/~peirce>

<sup>103</sup> CP 6.32 – 1891 (Chance is First, Law is Second, the tendency to take habits is Third. Mind is First, Matter is Second, Evolution is Third.)

<sup>104</sup> CP 1.353 – 1880 (...the categories cannot be dissociated in imagination from each other, nor from other ideas.)

<sup>105</sup> CP 1.337 – 1875 (By the third, I mean the medium or connecting bond between the absolute first and last. The beginning is first, the end second, the middle third. The end is second, the means third. The thread of life is a third; the fate that snips it, its second. A fork in a road is a third, it supposes three ways; a straight road, considered merely as a connection between two places is second, but so far as it implies passing through intermediate places it is third. Position is first, velocity or the relation of two successive positions second, acceleration or the relation of three successive positions third. But velocity in so far as it is continuous also involves a third. Continuity represents Thirdness almost to perfection. Every process comes under that head. Moderation is a kind of Thirdness. [...] Action is second, but conduct is third. Law as an active force is second, but order and legislation are third. Sympathy, flesh and blood, that by which I feel my neighbor's feelings, is third.)

categorias uma da outra, é extremamente difícil distinguir precisa e claramente cada de outras concepções de forma a mantê-la em sua pureza e ainda em seu pleno significado”.<sup>106</sup>

Parece também evidente que é inconcebível um terceiro sem um segundo tanto quanto é inviável um segundo sem um primeiro; ou, colocando de outra maneira e nas palavras do autor: “a idéia de uma trinca envolve a idéia de pares, e a idéia de um par a idéia de unidades”.<sup>107</sup> Daí o fato da categoria primeira, que é a de unidade de sentimento, estar sempre presente em todos os fenômenos.

Contudo, De Wall<sup>108</sup> parece confundir-se conceitualmente ao colocar que: “Mas, para Peirce, funciona também de forma inversa. Você não pode ter um primeiro *sem* também ter um segundo, e você não pode ter dois *sem* também ter um terceiro.”

Apesar desta colocação inicialmente parecer absurda o que De Wall apresenta na seqüência dela parece ter nexos:

As três categorias são interpenetrantes; elas estão presentes em tudo o que possamos possivelmente pensar. Por exemplo, quando você concebe algo puramente em isolamento (como um primeiro), você está já também concebendo algo mais, isto é, aquilo que não é (para o qual é um segundo) que resiste em uma relação particular, a saber, de negação, de tal modo introduzindo um terceiro.<sup>109</sup>

Uma das passagens de Peirce que sinaliza esta linha de pensamento foi colocada na parte 1 deste capítulo em que ficou registrado o fato do autor se dedicar às categorias universais, que são aquelas que estão presentes em todos os fenômenos.<sup>110</sup> Além disto, ele colocou que “você não pode supor um primeiro a menos que o primeiro seja alguma coisa

<sup>106</sup> CP 1.353 – 1880 (...though it is easy to distinguish the three categories from one another, it is extremely difficult accurately and sharply to distinguish each from other conceptions so as to hold it in its purity and yet in its full meaning.)

<sup>107</sup> CP 5.90 – 1903 (...the idea of a triplet involves the idea of pairs, and the idea of a pair the idea of units.)

<sup>108</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 101, 2005. (But, for Peirce, it also works the other way around. You cannot have a first *without* also having a second, and you cannot have two *without* also having a third.)

<sup>109</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 101, 2005. (The tree categories are all-pervasive; they are present in all we can possibly think of. For instance, when you conceive of something purely in isolation (i.e., as a first), you are already also conceiving something else, namely, that what it is not (which is a second to it) that stands in a particular relation to it, namely, that of negation, thereby bringing in a third.)

<sup>110</sup> Cf. CP 5.43 – 1903.

limitada e suposta mais ou menos logicamente”<sup>111</sup>, o que então implica em algum grau de secundidade e também de terceiridade. Ele também colocou que “o primeiro é uma *potencialidade* em si mesmo; pois o original pára no *pode-ser* e nunca alcança a existência, que depende de interação, ou *secundarity*”<sup>112</sup>. Todavia, Peirce falou mais diretamente sobre a presença das três categorias em todos os fenômenos ao dizer que: “Não apenas a Terceiridade supõe e envolve as idéias de Secundidade e Primeiridade, mas nunca será possível encontrar qualquer Secundidade ou Primeiridade no fenômeno que não seja acompanhada de Terceiridade”.<sup>113</sup>

Desta forma pode-se crer que todas as três categorias estão presentes em todos os fenômenos e nesta direção Hausman<sup>114</sup> aponta que três traços são cruciais na abordagem das categorias de Peirce: 1) elas são universais; 2) não podem funcionar independentemente uma da outra; 3) há uma hierárquica dependência entre elas sendo que Peirce se refere à primeiridade como primeira categoria não por razão cronológica, mas por questão lógica, já que ela é “o mais fundamental e geral conceito a ser abstraído de um complexo de constituintes de uma proposição”.

Contudo, apesar destas colocações de De Wall e de Hausman e a despeito também das passagens de Peirce que apontam para a presença de todas as três categorias em todos os fenômenos, parece ser sim possível considerar experiência de primeiridade independente das duas outras categorias, como, por exemplo, a experiência de contemplação. Até porque de diferentes formas o próprio Peirce colocou que primeiro é aquilo que é tal como é independente de qualquer outra coisa, isto é, livre. Da mesma forma também parece ser

---

<sup>111</sup> CP 1.353 – 1880 (You cannot suppose a first unless that first be something definite and more or less definitely supposed.)

<sup>112</sup> CP 1.351 – fragmento não datado (...the first is a *posse* which it has in itself; for the *priman* stops at *can-bes* and never reaches to existence, which depends on interaction, or *secundarity*...)

<sup>113</sup> CP 5.90 – 1903 (Not only does Thirdness suppose and involve the ideas of Secondness and Firstness, but never will it be possible to find any Secondness or Firstness in the phenomenon that is not accompanied by Thirdness.)

<sup>114</sup> Carl HAUSMAN, *Charles S. Peirce Evolutionary Philosophy*, p 98, 1993. (...it is the most fundamental and general concept to be abstracted from the complex of constituintes of the proposition.)

possível considerar uma experiência de segundidade sem qualquer mediação, como, por exemplo, uma reação instantânea; e também da mesma forma o próprio Peirce traduziu o segundo como aquilo que é tal como é em relação a um primeiro (o que parece dispensar um terceiro).

Esta aparente incongruência de percepção quanto à presença ou não das três categorias em todos os fenômenos talvez possa esclarecida na seguinte passagem de Peirce:

desejo chamar sua atenção para um tipo de distinção que afeta Primeiridade mais do que Segundidade, e mais Segundidade do que Terceiridade. Esta distinção surge da particularidade de que onde você tem uma trinca você tem três pares; e onde você tem um par, você tem duas unidades. Conseqüentemente, Segundidade é uma parte essencial da Terceiridade embora não da Primeiridade, e Primeiridade é um elemento essencial de ambas Segundidade e Terceiridade. Por isto existe uma tal coisa como Primeiridade da Segundidade e tal coisa como a Primeiridade da Terceiridade; e existe uma tal coisa como a Segundidade da Terceiridade. Mas *não há Segundidade de pura Primeiridade e nem Terceiridade de pura Primeiridade ou Segundidade*. Quando você se esforça para conseguir as mais puras concepções que você é capaz de Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, pensando em qualidade, reação e mediação – o que você está se esforçando para apreender é pura Primeiridade, a Primeiridade da Segundidade – que é o que Segundidade é, de si mesma – e Primeiridade de Terceiridade.<sup>115</sup> (Os grifos são nossos.)

Assim, talvez o que se possa deduzir, levando em consideração estas passagens, é que é um esforço realmente muito grande tentar conseguir as mais puras concepções de primeiridade e segundidade. Provavelmente isto se dê em virtude das três categorias serem de fato intrinsecamente relacionadas e em virtude de estarmos cada vez mais imersos na terceiridade, já que evolução implica no movimento do caos para a ordem, o que implica num distanciamento nosso com relação à experiência de primeiridade.

Na verdade, o que parece acontecer com freqüência é a predominância de uma categoria sobre as demais, e como a própria palavra predominância indica para que ela

---

<sup>115</sup> CP 1.530 – 1903 (I wish to call your attention to a kind of distinction which affects Firstness more than it does Secondness, and Secondness more than it does Thirdness. This distinction arises from the circumstance that where you have a triplet you have three pairs; and where you have a pair, you have two units. Thus, Secondness is an essential part of Thirdness though not of Firstness, and Firstness is an essential element of both Secondness and Thirdness. Hence there is such a thing as the Firstness of Secondness and such a thing as the Firstness of Thirdness; and there is such a thing as the Secondness of Thirdness. But there is no Secondness of pure Firstness and no Thirdness of pure Firstness or Secondness. When you strive to get the purest conceptions you can of Firstness, Secondness, and Thirdness, thinking of quality, reaction, and mediation -- what you are striving to apprehend is pure Firstness, the Firstness of Secondness -- that is what Secondness is, of itself -- and the Firstness of Thirdness.)

aconteça é preciso que haja a presença de diferentes elementos. Inclusive o próprio autor usou algumas vezes os termos predominância e predominante para se referir às categorias.<sup>116</sup> Quando a predominância é esmagadora as categorias não-predominantes tendem a passar despercebidas; e quanto mais esmagadora é a predominância de uma categoria sobre as demais mais isto acontece. E quando a predominância é da primeira categoria e é maciça ela é quase que pura primeiridade.

De toda forma deve-se observar que as categorias em Peirce formam um conjunto extremamente admirável e bem arquitetado, são sustentação e reflexo de seu sistemático pensamento e são marcadamente vinculadas com as divisões das ciências, da filosofia e das ciências normativas e tal vinculação bem alicerça o pragmatismo.

Outra observação pontual, indicada por De Wall, é que generalidade (ou terceiridade) concebida enquanto ingrediente básico de todos os fenômenos embasa o pragmatismo de Peirce que associa o significado dos termos aos hábitos deles derivados. Como precisamente colocou ele:

Uma vez que hábitos são gerais e não particulares, a difusão da terceiridade nos fenômenos que encontramos torna-se um argumento importante como suporte da versão de Peirce de pragmatismo, ao passo que é, ao mesmo tempo, um forte argumento contra a interpretação nominalista do pragmatismo.<sup>117</sup>

Pertinente à esta observação de De Wall e também a esta pesquisa cabe ressaltar a seguinte passagem de Peirce: “as categorias sugerem nosso procurar por uma lei sintetizante, e isto encontramos no poder de assimilação, incidente no qual está a faculdade de adquirir hábitos. Isto é tudo o que as categorias pretextam. Elas sugerem um meio de pensar”.<sup>118</sup>

<sup>116</sup> Como, por exemplo, nas passagens CP 1.302 – 1894 , CP 5.72 – 1903 e CP 5.104 – 1903 .

<sup>117</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 101, 2005. (“Since habits are generals, and not particulars, the pervasiveness of thirdness in the phenomena we encounter becomes an important argument in support of Peirce’s version of pragmatism, while it is at the same time a strong argument against the nominalist interpretation of pragmatism.”)

<sup>118</sup> CP 1.351 – fragmento não datado (...the categories suggest our looking for a synthetizing law, and this we find in the power of assimilation, incident to which is the habit-taking faculty. This is all the categories pretend to do. They suggest a way of thinking.)

Com o intuito de permitir uma melhor visualização da lista das categorias de Peirce o quadro 2 procura sinteticamente apresentar as três categorias. A coluna da terceiridade se encontra propositadamente entre as colunas das duas outras categorias para reafirmar justamente sua função mediadora entre elas.

<b>Categorias</b> ou classes da experiência	<b>Primeiridade</b> <i>(Firstness)</i> Categoria do singular <sup>119</sup> , do uno.	<b>Terceiridade</b> <i>(Thirdness)</i> Categoria do geral, do plural.	<b>Segundidade</b> <i>(Secondness)</i> Categoria do particular <sup>120</sup> , do dual.
Idéia:	De potencialidade, de possibilidade.	De necessidade.	De individuação, de realidade.
Quanto ao tempo:	Atemporalidade.	Fluxo cronológico que se estende do passado ao futuro.	Aqui e agora.
Quanto ao fluxo:	Continuidade.	Continuidade.	Descontinuidade.
Experiência:	Imediata.	Mediata.	Imediata.
Relação com:	Criatividade, contemplação e admiração. As artes - e tudo o que tem uma marcada presença de unidade e de admirabilidade - se encontram predominantemente sob esta categoria. Estética. Mente no seu sentido substancial.	Conceitos e crenças. Análise e síntese. Conhecimento. Relação de experiências pretéritas com possíveis experiências futuras. Lógica. Evolução.	Experiências brutas. Contrariedade. Alteridade. Experiências de não-eu e de dúvida. Ética. Matéria.
Fenomenologicamente caracteriza-se por:	Olhar (livre de expectativas ou julgamentos).	Generalizar (com o intuito de previsibilidade).	Firme discernimento (atenção aos limites do eu e não-eu).
Princípios metafísicos:	Do acaso.	Da lei.	Da existência.

Quadro 2

Painel sintetizado das categorias de Peirce

<sup>119</sup> O singular é o que no particular não participa de classe geral alguma.

<sup>120</sup> Particular é o que pode integrar uma classe geral de predicção.

## 7. As categorias nos mundos interno e externo

Vivemos paralelamente em dois mundos: interno e externo.<sup>121</sup> Segundo Peirce:

A totalidade de todos os hábitos sobre idéias de sentimento constitui um grande hábito que é um Mundo; e a totalidade de todos os hábitos sobre atos de reação constitui um segundo grande hábito, que é outro Mundo. O primeiro é o Mundo Interno, o mundo das formas platônicas. O outro é o Mundo Externo, ou universo de existência. A mente do homem é adaptada para a realidade do ser. Conseqüentemente, *existem dois modos de associação de idéias: associação interna, baseada em hábitos do mundo interno, e associação externa, baseada em hábitos do universo.*<sup>122</sup> (Os grifos são nossos.)

Na verdade não existe uma linha divisória real entre estes mundos<sup>123</sup>, existe uma junção de sentimentos, que poderia ser chamada de consciência<sup>124</sup>, que permeia estes dois mundos. E desta forma, pode-se dizer que existe uma co-naturalidade entre os mundos interno e externo e que em ambos é possível verificar a evidência das categorias.

Enquanto sentimento, unidade e presentidade (*presentness*) se revelam como o lado interno da experiência de primeiridade seu lado externo se dá através de diversidade, liberdade, espontaneidade e caos. Enquanto dúvida e reação do passado se apresentam como o lado interno da experiência de segundidade seu lado externo se dá através da alteridade, dualidade, ação e reação, fatos brutos, limitação, resistência e esforço. Enquanto crenças, representação, pensamento e mediação constituem o lado interno da experiência de terceiridade, sua faceta externa se dá através de regularidade, uniformidade, regras, hábitos e evolução.

Assim sendo, as categorias são simétricas, isto é, os modos do ser e do aparecer se

<sup>121</sup> Cf. CP 5.474 – 1905, CP 5.493 – 1905, CP 8.282 – 1905, EP 2:368

<sup>122</sup> CP 4.157 – 1897 (The ensemble of all habits about ideas of feeling constitutes one great habit which is a World; and the ensemble of all habits about acts of reaction constitutes a second great habit, which is another World. The former is the Inner World, the world of Plato's forms. The other is the Outer World, or universe of existence. The mind of man is adapted to the reality of being. Accordingly, there are two modes of association of ideas: inner association, based on the habits of the inner world, and outer association, based on the habits of the universe.)

<sup>123</sup> Cf. CP 7.438 – 1893.

<sup>124</sup> Cf. CP 8.282 – 1905.

mostram nos mundos interno e externo como experiências correlatas como tenta sintetizar e demonstrar o quadro 3.

<b>Categorias</b>	<b>Mundo interno</b>	<b>Mundo externo</b>
<b>Primeiridade</b> ( <i>Firstness</i> )	Unidade. Sentimento ( <i>feeling</i> ). Experiências de contemplação e presentidade ( <i>presentness</i> ).	Originalidade. Espontaneidade. Diversidade. Liberdade. Caos.
<b>Segundidade</b> ( <i>Secondness</i> )	Reação do passado (como memória) contra a consciência. Dúvidas.	Ação. Limitação. Fatos brutos. Resistência. Esforço. Luta. Alteridade ( <i>otherness</i> ). Experiência de reação e dualidade com o exterior (em sã consciência é impossível ignorar o real).
<b>Terceiridade</b> ( <i>Thirdness</i> )	Linguagem. Representação. Pensamento. Crenças. Ciência. Mediação.	Hábitos. Leis. Regras. Aprendizagem. Evolução. Regularidade e padronização. Ordem dos fenômenos.

Quadro 3

As categorias nos mundos interno e externo

Para Peirce era evidente a interação entre os dois mundos e ele inclusive apontou que a interação entre eles consiste especialmente através da direta ação do mundo externo sobre o interno e da indireta ação do mundo interno sobre o externo e que através desta dinâmica se operam os hábitos.<sup>125</sup> Ele de fato colocou que:

reiteraões no mundo interno – reiteraões imaginárias – se bem intensificadas por esforço direto produzem hábitos, assim como o fazem reiteraões no mundo externo; e estes hábitos terão poder para influenciar comportamento vigente no mundo externo; especialmente se cada reiteration for acompanhada de um peculiar e forte esforço que é usualmente ligado a um comando para o futuro da pessoa.<sup>126</sup>

<sup>125</sup> Cf. CP 5.493 – 1905.

<sup>126</sup> EP 2:413 – 1907 (reiterations in the inner world – fancied reiterations – if well-intensified by direct effort, produce habits, just as do reiterations in the outer world; and these habits will have power to influence actual behavior in the outer world; especially, if each reiteration be accompanied by a peculiar strong effort that is usually likened to issuing a command to one's future self.)

Observar a co-naturalidade entre mundos interno e externo e a simetria das categorias é um passo fundamental para se compreender o processo de mudança de hábitos no pragmatismo de Peirce.

Diferentes fatores e aspectos dos mundos interno e externo alimentam os processos de mudança de hábitos e de evolução como um todo. Todavia, parece ser o contemplar de um ideal que se revela sobretudo no mundo interno que – por mais remoto que ele possa parecer – nos encaminha no processo de mudança de hábitos como evolução e autocontrole que se revela tanto interna quanto externamente.

## **8. A íntima relação entre as três categorias e as três ciências normativas**

Há uma relação das três categorias com a divisão das ciências, com a divisão da filosofia e também das ciências normativas.

Na classificação das ciências a Matemática – “que pode ser considerada como uma arte do raciocínio”<sup>127</sup> – se relaciona com a primeiridade. Segundo Houser “a teoria das categorias em sua mais abstrata forma, pertencem à matemática, que se coloca no pináculo das ciências”.<sup>128</sup> A Filosofia – que se ocupa em “aprender o que pode ser aprendido da experiência impressa sobre cada um de nós diariamente e a cada hora”<sup>129</sup> se refere à secundidade. Já as Ciências Especiais estão relacionadas à terceiridade, pois tratam os fenômenos como terceiros.

---

<sup>127</sup> CP 2.120 – 1901/1902 (Mathematics may be itself be regarded as an art of reasoning.)

<sup>128</sup> Nathan HOUSER, *Essential Peirce 1*, p. XXX (“theory of categories in its most abstracted form, belongs to mathematics, which stands at the pinnacle of the sciences”).

<sup>129</sup> CP 5.120 – 1903 (...learning what can be learned from that experience which presses in upon every one of us daily and hourly)

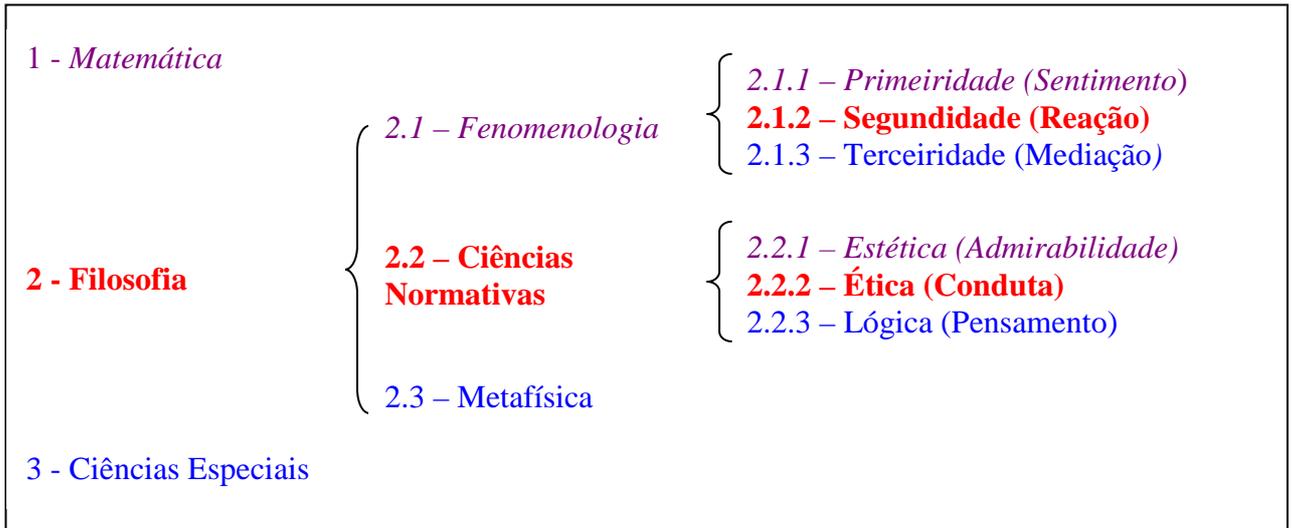
Na divisão das três grandes ramificações da Filosofia, a Fenomenologia – que lida com os fenômenos como primeiros ao tratá-los em seu caráter fenomenal imediato – se relaciona com a primeiridade. As Ciências Normativas – que dependem da Fenomenologia e que tratam das leis das relações dos fenômenos com seus fins específicos – se referem à segundidade. E a Metafísica – cuja tarefa é estudar as características gerais da realidade e de objetos reais – se relacionada com a terceiridade.<sup>130</sup>

As ciências normativas – Estética, Ética e Lógica – têm como fins respectiva e tradicionalmente beleza, bondade e verdade e há entre elas e as categorias uma íntima relação. A primeiridade – categoria predominantemente associada ao sentir e contemplar, relaciona-se com a Estética – ciência do admirável. A segundidade – categoria predominantemente vinculada ao agir e reagir, relaciona-se com a Ética – ciência da conduta que tem o compromisso com o querer. E a terceiridade – categoria sobretudo do pensar e generalizar, relaciona-se com a Lógica – ciência que busca, pelo pensamento, o verdadeiro.

Com o intuito de mais nitidamente evidenciar as relações acima apontadas o quadro 4 apresenta diferenciação de cores e letras entre as diferentes ciências, as divisões da filosofia e as categorias e ciências normativas. A idéia é evidenciar com o mesmo tipo de letra e cor a afinidade que se apresenta entre as categorias e as diferentes ciências e as subdivisões da Filosofia.

---

<sup>130</sup> Cf. CP 5.121 – 1903.



Quadro 4

A relação das categorias com a classificação das ciências da descoberta

Para Peirce as ciências normativas “podem ser consideradas como sendo as ciências de condições de verdade e falsidade, de conduta sábia e insensata, de idéias atrativas e repulsivas”<sup>131</sup>; elas têm como papel ponderar sobre as leis de conformidade das coisas aos fins e se dedicam ao estudo daquilo que, num futuro condicional, deve ser.

No início do século XX Peirce postulou que a Lógica está alicerçada na Ética e colocou que “pensar é uma espécie de conduta que é amplamente sujeita ao autocontrole. Em todas as suas características [...] autocontrole lógico é um perfeito espelho do autocontrole ético”.<sup>132</sup>

Todavia, um de seus *insights* mais brilhantes foi perceber, posteriormente, a imensa dependência da Ética em relação à Estética. Colocou ele: “não podemos ter qualquer pista para o segredo da Ética [...] até que tenhamos primeiro feito nossa fórmula para a qual estejamos preparados para admirar”.<sup>133</sup> Assim, parece ser evidente o fato de ser justamente na

<sup>131</sup> EP2: 379 – 1906 (...may be regarded as being the sciences of the conditions of truth and falsity, of wise and foolish conduct, of attractive and repulsive ideas.)

<sup>132</sup> EP2: 337 – 1904 (thinking is a species of conduct which is largely subject to self-control. In all their features [...] logical self-control is a perfect mirror of ethical self-control.)

<sup>133</sup> CP 5.36 – 1903 (...we cannot get any clue to the secret of Ethics [...] until we have first made up our formula for what it is that we are prepared to admire.)

Estética que, ainda segundo ele, “devemos procurar pelas características mais profundas da ciência normativa, uma vez que Estética, lidando com o verdadeiro ideal em si, cuja mera materialização monopoliza a atenção da prática e da lógica, deve conter o coração, alma e espírito da ciência normativa”.<sup>134</sup>

Para buscar a verdade é preciso querer, e para querer é preciso ser tocado, inspirado para tal. Podemos simbolicamente dizer que experiências essencialmente de primeiridade, intimamente relacionadas com a Estética, “tocam o coração”, enquanto experiências predominantemente de segundidade, associadas à Ética, “corporificam a ação”, ao passo que experiências predominantemente de terceiridade, vinculadas com a Lógica, “lapidam a mente” em direção à verdade.

Pode-se também simbolicamente dizer que o agir, evidenciando erros a serem corrigidos, e o sentir, apontando para um ideal admirável, atuam, simultânea e respectivamente, empurrando e puxando a lógica, que se desenvolve impulsionada em experiências pretéritas e com a mira num propósito futuro. Por conta desta continuidade que se estica do passado ao futuro o raciocínio é sujeito ao autocontrole e isto permite ações também autocontroladas, ou seja, conscientes e deliberadas. Nas palavras de Pierce:

Estética é a ciência de ideais, ou daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. [...] mas ela deve repousar na fenomenologia. Ética, ou a ciência do certo ou errado, deve recorrer à estética como auxílio para determinar o *summum bonum*. É a teoria da conduta autocontrolada ou deliberada. Lógica é a teoria do pensamento autocontrolado, ou deliberado; e como tal deve recorrer à ética por seus princípios.<sup>135</sup>

É muitas vezes a possibilidade – mesmo que remota – de “executar” (segundidade) o “admirável” (primeiridade) que nos estimula a “investigar” (terceiridade) meios para tal de

<sup>134</sup> EP2: 379 – 1906 (It is in esthetics that we ought to seek for the deepest characteristics of normative science, since esthetics, in dealing with the very ideal itself, whose mere materialization engross the attention of practices and of logic, must contain the heart, soul and spirit of normative science. )

<sup>135</sup> CP 1.191 – 1903 (Esthetics is the science of ideals, or of that which is objectively admirable without any ulterior reason. [...] but it ought to repose on phenomenology. Ethics, of the science of right or wrong, must appeal to Esthetics for aid in determining the *summum bonum*. It is the theory of self-controlled, or deliberate, conduct. Logic is the theory of self-controlled, or deliberate, thought; and as such, must appeal to ethics for its principles.)

forma a podermos contemplar (estética) o bem feito (ética) e também o bem elaborado (lógica). E neste movimento composto de admiração, execução e investigação mudança de hábitos é um processo inevitável. E como nos lembra Ibri:

O sentido de aprendizagem, de síntese, de ampliação e aperfeiçoamento dos conceitos é o significado próprio da evolução, concebível, apenas, se o caráter mental da consciência tiver a plasticidade necessária para *crescer*, rompendo com velhos hábitos que se consumam como inadequados à vivacidade e dinâmica de nosso próprio existir. *O fato de errarmos e procedermos à correção do erro é um dos focos centrais da atuação da mente.*<sup>136</sup> (Os grifos são nossos.)

Fundamentalmente o agir é que cria a possibilidade de saber, pois através dele acertos e erros são evidenciados e o espírito que – ansiando pelas qualidades da Estética – se adestra no admirável não apenas deliberadamente se abre para autocorreção, como também é logicamente seletivo em seus conceitos e ações.

O ancorar da Lógica na Ética e desta na Estética implica num movimento que nos aponta para um ideal tanto quanto nos convoca a nos distanciarmos de brusquidão, rigidez e compulsões. É importante perceber que a admirabilidade, além de ser um grande estímulo para mudança de hábitos, é, na verdade, pressuposto fundamental para a recodificação de hábitos em direção a mudança como autocontrole, isto é, de forma consciente.

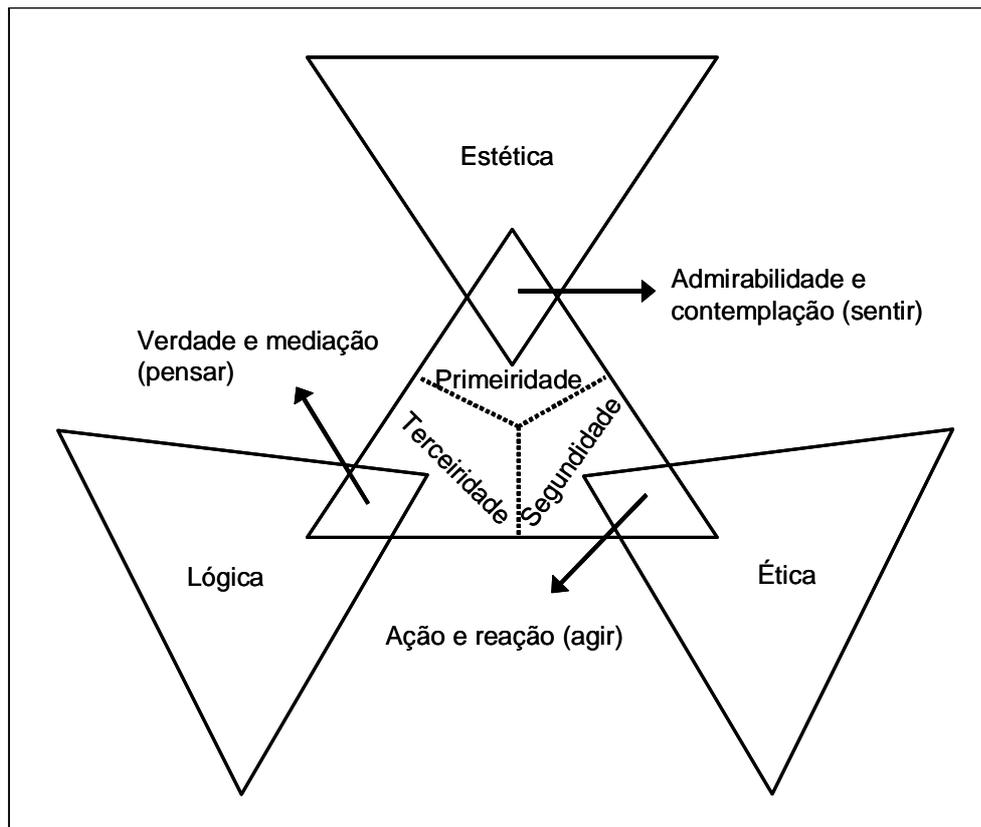
Hábitos é o foco principal do próximo capítulo, mas antes de iniciá-lo lembramos que pragmatismo é um método para o crescimento da racionalidade concreta. Segundo Santaella: “Peirce identificou o ideal estético, fim último do pragmatismo, com o crescimento da razoabilidade concreta. Não a razoabilidade abstrata, perdida na neblina do ideal, nem a razoabilidade estática [...] mas a razoabilidade concreta em crescimento, em processo”.<sup>137</sup> E racionalidade concreta parece ser a harmoniosa combinação entre bom, admirável e

<sup>136</sup> Ivo A. IBRI, *Kósmos Noetós*, p.60, 1992.

<sup>137</sup> Maria Lucia SANTAELLA, Chaves do Pragmatismo Peirciano nas Ciências Normativas, *Cognitio* n. 1, p.99, 2000.

logicamente verdadeiro, o que parece implicar numa equilibrada equação entre as três categorias.

O quadro 5 procura representar a coesa relação entre as três categorias e as três ciências normativas.



Quadro 5

Representação da coesa relação entre as categorias e as ciências normativas.

## II – Hábitos

“...a mais elevada qualidade da mente envolve uma grande prontidão para adquirir hábitos e uma grande prontidão para perdê-los; e isto implica num grau de sentimento nem muito intenso nem muito fraco...”<sup>138</sup>

### 1. Definição de hábito

A palavra hábito vem da palavra grega *éthos*, que foi encontrada pela primeira vez em Homero como significado de morada ou *habitat*, e significa disposição duradoura adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume. O fato de *éthos* ser raiz tanto de *habitat* quanto de hábito traça um vínculo etimológico marcante a sugerir o quanto hábitos são capazes de moldar e predizer nossa conduta. Não à toa temos em diversas línguas a expressão “força do hábito”, ou algo equivalente, afirmando a influência que ele exerce sobre a conduta e o fluxo da vida.

Para Peirce: “hábito é aquela especialização da lei da mente por meio da qual uma idéia geral ganha o poder de ativar reações”<sup>139</sup>, ou, em outras palavras, hábito é uma tendência à generalização, uma regra de ação. A associação da idéia de hábito com a idéia de lei e de regra é um dos pontos mais luminosos no pensamento do autor e é ponto fundamental nesta pesquisa.

Para Peirce hábito não é algo que se restringe unicamente à esfera humana e nem apenas ao universo dos seres vivos, podemos perceber hábitos esparramados por todo o universo e nas mais diversas formas. Assim, sugere ele:

Usemos a palavra ‘hábito’ [...] em sua maior amplitude e talvez ainda mais comum sentido, no qual *denota tal especialização, original ou adquirida, da natureza de um homem, ou um animal, ou uma parreira, ou uma substância química cristalizável, ou qualquer outra coisa, que ele ou aquilo irá comportar, ou sempre tende a comportar, numa forma descritível em termos gerais* sob cada ocasião (ou sob uma

<sup>138</sup> CP 6.613 – 1893 (the highest quality of mind involves a great readiness to take habits, and a great readiness to lose them; and this implies a degree of feeling neither very intense nor very feeble)

<sup>139</sup> CP 6.145 – 1892 (Habit is that specialization of the law of mind whereby a general idea gains the power of exciting reactions.)

considerável proporção de ocasiões) que possa se apresentar de um caráter geralmente descritível.<sup>140</sup> (Os grifos são nossos.)

Hábitos têm uma estrutura conceitual e generalizante<sup>141</sup>; e a tendência à generalização é a mais antiga das leis da natureza, é mais antiga que a própria existência, e está continuamente reforçando a si mesma.

Em congruência com esta percepção mais ampla de hábito é bastante notável como na visão peirciana o conceito de hábito está associado ao movimento da desordem para ordem e conseqüente processo de aprendizagem. Em outras palavras, hábitos permitem estabilidade e previsibilidade, e, portanto, organização e evolução. Assim, argumentou Peirce:

Seria de se supor que no início – infinitamente remoto – houve um caos de sentimento impessoal o qual, não tendo qualquer conexão ou regularidade, seria melhor definido como inexistente. Este sentimento, jogando aqui e ali com a pura arbitrariedade, teria dado início ao germe de uma tendência generalizante. Seus outros jogos seriam evanescentes, mas isto teria um potencial de crescimento. Assim, *a tendência ao hábito teria começado; e, a partir daí, com outros princípios evolutivos, todas as regularidades do universo teriam evoluído.*<sup>142</sup> (Os grifos são nossos.)

Observa-se então que para Peirce a tendência ao hábito é um princípio evolutivo e que é através deste princípio evolutivo que se dá a transição da não-ordem para a ordem, isto é, do caos de meras possibilidades para um estado de fatos e dados bem definidos e organizados. E é o movimento do meramente possível para a realização do fato que traça a existência na qual hábitos se fazem presentes e mutáveis.

---

<sup>140</sup> CP 5.538 – 1902 (Let us use the world ‘habit’ [...] in its wider and perhaps still more usual sense, in which it denotes such a specialization, original or acquired, of the nature of a man, or an animal, or a vine, or a crystallizable chemical substance, or anything else, that he or it will behave, or always tend to behave, in a way describable in general terms upon every occasion (or upon a considerable proportion of the occasions) that may present itself of a generally describable character.)

<sup>141</sup> Cf. CP 6.21 – 1891, CP 6.268 – 1892, CP 7.515 – 1898.

<sup>142</sup> CP 6.33 – 1891 (It would suppose that in the beginning – infinitely remote – there was a chaos of unpersonalized feeling, which being without connection or regularity would properly be without existence. This feeling, sporting here and there in pure arbitrariness, would have started the germ of a generalizing tendency. Its other sportings would be evanescent, but this would have a growing virtue. Thus, the tendency to habit would be started; and from this, with the other principles of evolution, all the regularities of the universe would be evolved.)

Na verdade, existir pressupõe hábitos e se por um lado, ao longo da existência, “hábito é mera inércia, um descanso sobre os remos, não uma propulsão”<sup>143</sup> por outro ele funciona como passo e compasso no processo de evolução. É impossível evoluir sem existir e o movimento do vago para o definido parece permear todo o movimento da evolução.

Peirce indicou que:

*O que hábito é depende de quando e como ele nos leva a agir. Quanto a quando cada estímulo para ação é derivado de percepção; quanto a como cada propósito de ação é produzir algum resultado sensível. Assim chegamos ao que é tangível e concebivelmente prático, como raiz de toda distinção real do pensamento, independente de quão sutil isto possa ser; e não há distinção de significado tão refinada que consista em qualquer coisa senão uma possível diferença na prática.* <sup>144</sup>  
(Os grifos são nossos)

Hábitos funcionam como regra de ação com o propósito de produzir resultados sensíveis. Este é um dos pontos-chave na construção do pragmatismo de Peirce uma vez que para ele não se pode desvincular ação de pensamento e propósito, pois se o fizéssemos isto seria a morte do pragmaticismo.<sup>145</sup>

É importante perceber a idéia de hábito como algo que funciona nutrido por um propósito racional e, portanto, articulado com o determinante aspecto do pensamento ser direcionado para o futuro – o que se afina com o pragmaticismo, que se interessa por possíveis conseqüências práticas.

Além disto, a evidente interação entre mundos interno e externo também é uma questão essencial no pensamento peirciano que observa os fatos como o lado externo das leis enquanto as leis são vistas como o lado interno dos fatos. Em harmonia com esta percepção Peirce apontou que:

*Hábitos são ou hábitos sobre idéias de sentimentos ou hábitos sobre atos de reação. A reunião de todos os hábitos sobre idéias de sentimento constitui um grande hábito que é um Mundo; e a reunião de todos os hábitos a respeito de atos de reação constituem um segundo grande hábito, que é outro Mundo. O primeiro é o Mundo*

<sup>143</sup> CP 5.300 – 1868 (Habit is mere inertia, a resting on one’s oars, not a propulsion.)

<sup>144</sup> CP 5.400 – 1878 (What habit is depends on *when* and *how* it causes us to act. As for when, every stimulus to action is derived from perception; as for the how, every purpose of action is to produce some sensible result. Thus, we come down to what is tangible and conceivably practical, as the root of every real distinction of thought, no matter how subtle it may be; and there is no distinction of meaning so fine as to consist in anything but a possible difference of practice.)

<sup>145</sup> Cf. CP 5.429 – 1905.

Interior, o mundo das formas platônicas. O outro é o Mundo Exterior, ou o universo da existência.<sup>146</sup>

Nota-se que o elo entre o mundo interior e o mundo exterior se revela de diferentes formas – inclusive pelo processo de aquisição e mudança de hábitos – e isto é possível porque, como já visto, experiência abrange indiferentemente interioridade e exterioridade e não há uma linha divisória precisa entre os mundos interno e externo, ao contrário, entre eles há uma co-naturalidade. E esta co-naturalidade entre mundos interno e externo se confirma tanto pela revelação das mais diversas formas de hábitos em ambos os mundos quanto pela estreita relação entre teoria e prática.

Perceber mundos interno e externo como co-naturais é, na verdade, vê-los como extensões do *continuum*. E é pelo *continuum* de possibilidades que se reflete o continuum de necessidades, no qual surgem os hábitos, que são uma espécie de lei da mente. E um feixe de hábitos é o que caracteriza a conduta.

## **2. Aquisição de hábitos como a principal lei da mente**

Pelo *continuum* se apóia a mente e se dá o pensamento, isto é, de acordo com Peirce pensar não é um privilégio do homem, o universo está em pensamento e o homem, como pequena parcela do universo, participa desta ação.<sup>147</sup> De igual modo adquirir hábitos não é uma exclusividade humana, mas uma tendência de todo o universo.

Ao se relacionar leis naturais com hábitos de conduta dos objetos do universo notamos que hábitos podem ser observados pela natureza afora como, por exemplo, nos aromas

---

<sup>146</sup> CP 4. 157 – 1897 (Habits are either habits about ideas of feelings or habits about acts of reaction. The ensemble of all habits about ideas of feeling constitutes one great habit which is a World; and the ensemble of all habits about acts of reaction constitutes a second great habit, which is another World. The former is the Inner World, the world of Plato's forms. The other is the Outer World, or universe of existence.)

<sup>147</sup> Cf. CP 1.351 – fragmento não identificado.

característicos de determinadas flores e frutas, no vai-e-vém das marés, nas diferentes formas de acasalamento e reprodução no reino animal, nas migrações de bandos de animais para diferentes zonas do planeta de acordo com a época do ano, nas diversas peculiaridades de cada estação, nas fases da lua, nos movimentos dos astros, nas configurações dos sistemas solares...

Segundo Peirce “um hábito não é uma afeição da consciência; é uma lei geral da ação”.<sup>148</sup> E a relação de hábito com a idéia de regra ou de lei é um dos grandes *insights* no pensamento do autor que indicou que:

*a tendência generalizadora é a grande lei da mente, a lei de associação, a lei de aquisição de hábitos. [...] Assim, fui levado à hipótese de que as leis do universo têm sido formadas sob uma tendência universal de todas as coisas à generalidade e à aquisição de hábitos.*<sup>149</sup> (Os grifos são nossos.)

Peirce – que associou mente à primeiridade, matéria à segundidade e evolução à terceiridade<sup>150</sup> – colocou que ao longo do processo evolucionário a matéria surgiu como um aspecto envelhecido da mente<sup>151</sup>, isto é, para ele “toda matéria é na verdade mente”<sup>152</sup> e corresponde à parcela da mente cujos hábitos se fixaram de tal modo que parecem perpétuos. Esta abordagem se refere essencialmente ao idealismo objetivo, que é teoria desenvolvida por Peirce sob influência de Schelling<sup>153</sup> e que aponta matéria como sendo mente amortecida pelo desenvolvimento do hábito<sup>154</sup>. Por isto o autor afirmou que “a única teoria inteligível do universo é a do idealismo objetivo, de que matéria é mente esgotada, hábitos inveterados tornando-se leis físicas”.<sup>155</sup>

<sup>148</sup> CP 2.148 – 1902 (A habit is not an affection of consciousness; it is a general law of action.)

<sup>149</sup> CP 7.515 – 1898 (the generalizing tendency is the great law of mind, the law of association, the law of habit taking. [...] Hence I was led to the hypothesis that the laws of the universe have been formed under a universal tendency of all things toward generalization and habit-taking.)

<sup>150</sup> Cf. CP 6.23 – 1891.

<sup>151</sup> Cf. CP 8.318 – 1891.

<sup>152</sup> CP 6.301 – 1893 (...all matter is really mind...)

<sup>153</sup> Cf. CP 6.102 – 1892.

<sup>154</sup> Cf. CP 8.318 – 1891.

<sup>155</sup> CP 6.25 – 1891 (The one intelligible theory of the universe is that objective idealism, that matter is effete mind, inveterate habits becoming physical laws.)

Ibri aponta que no cerne do Idealismo Objetivo existe a concepção de um universo cujo pano de fundo é eidético, pois, segundo ele, “a chave da relação entre mente e matéria está na admissão de que se o universo material é provido de hábitos de conduta na forma de leis naturais, há que o conceber como uma forma de mente”.<sup>156</sup>

Daí observa-se com relação aos hábitos da natureza que, como eles já se materializaram, eles são muito antigos e, portanto, mais rígidos que as leis mentais para as quais nenhuma conformidade exata é requerida<sup>157</sup>. É infinitamente mais difícil, por exemplo, acelerar ou retardar o movimento da Terra ao redor de seu próprio eixo, quebrando o hábito dela levar aproximadamente vinte e quatro horas para fazer este movimento completo, que aprender a admirar valores sócio-culturais que antes eram inconcebíveis ou aprender a pensar de acordo com uma língua ou uma religião que não a primeira e mais intimamente a se ter contato. Aliás, nenhuma conformidade exata é exigida pelas leis mentais porque justamente nesta característica residem a vitalidade e a flexibilidade da mente, caso contrário a mente perderia seu vigor e o pensamento se tornaria algo estanque.

“Intelecto consiste em plasticidade de hábito”<sup>158</sup>, anunciou Peirce, e a principal lei da mente é adquirir hábitos. Hábitos se revelam sob diferentes aspectos, como por exemplo, como crenças.

### **3. Crenças são hábitos**

Em um sentido mais amplo a palavra crença é equivalente à opinião; já em um sentido mais restrito significa dar crédito a alguém ou a alguma idéia, concepção,

---

<sup>156</sup> Ivo A. IBRI, *Kosmós Noetós*, p. 58, 1992.

<sup>157</sup> Cf. CP 6.23 – 1891.

<sup>158</sup> CP 6.86 – 1898. (...intellect consists in a plasticity of habit.)

possibilidade (*credere*) sem necessariamente ter inegáveis motivos para tal, é o fiar-se sem provas. A partir de Kant e sob sua influência o conceito de crença passa a ser entendido como um assentimento que exclui dúvidas.<sup>159</sup>

Influenciado pelo pensamento kantiano Peirce apresentou crença como “um hábito inteligente sobre o qual devemos agir quando a ocasião se apresentar”<sup>160</sup>; e segundo ele, “um hábito cerebral do tipo mais elevado, que determinará o que fazemos na imaginação, assim como o que fazemos na ação, é chamado de crença”.<sup>161</sup> A partir destas duas rápidas indicações do que é crença para o autor percebe-se que em seu pensamento crença equivale a um tipo de hábito e que existe uma íntima relação entre crenças e conduta e tal relação é, sob a perspectiva do pragmaticismo, determinante para o processo de mudança de hábitos.

De acordo com Hausman:

O termo *crença* pode ser entendido em pelo menos dois sentidos: psicológico e lógico ou ontológico. De acordo com o primeiro sentido uma crença é um processo subjetivo ou comportamental. De acordo com o segundo sentido crença é - ou é interpretável como - uma proposição ou como um referente ontológico. Neste último sentido é uma regularidade no pensamento, uma disposição para enfrentar regularidades em conseqüências que seguem a partir do pensamento e que são objetivas em relação a atos psicológicos.<sup>162</sup>

Observando esta colocação de Hausman nota-se que sob a perspectiva do pensamento peirciano crença é tratada, sobretudo, no sentido lógico-ontológico.

Segundo Peirce “crença é parcialmente determinada por antigas crenças e parcialmente por novas experiências”<sup>163</sup> e também segundo ele uma “crença não nos leva a agir de imediato, mas nos coloca em situação tal que, devemos nos comportar de certa

<sup>159</sup> André LALANDE, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 218, 1999.

<sup>160</sup> CP 2.435 – 1893 (...a belief is an intelligent habit upon which we shall act when occasion presents itself.)

<sup>161</sup> CP 3.160 – 1880/1882 (A cerebral habit of the highest kind, which will determine what we do in fancy as well as what we do in action, is called a belief.)

<sup>162</sup> Carl HAUSMAN, *Evolutionary Philosophy*, p. 25, 1993. (The term belief can be understood in at least two senses: psychological and logical or ontological. According to the first sense, a belief is a subjective or behavioral process. According to the second, it is, or is interpretable as, a proposition, or as an ontological referent. In this latter sense, it is a regularity in thinking, a disposition to envisage regularities in consequences that follow from the thought and that are objective in relation to psychological acts.)

<sup>163</sup> CP 3.161 – 1880/1882 (...belief is partly determined by old beliefs and partly by new experience.)

maneira quando a ocasião chegar”.<sup>164</sup> Desta forma crenças enquanto processos objetivos nos familiarizam com o que nos rodeia e nos ajudam a mapear o futuro. Exemplifica o autor:

*Nossas crenças guiam nossos desejos e moldam nossas ações.* Os assassinos, ou sequazes do Velho da Montanha, precipitavam-se para a morte à sua mais leve palavra de ordem, pois acreditavam que lhe dar obediência asseguraria a felicidade eterna. Duvidassem eles e não teriam agido como agiram. Assim é com toda crença, de acordo com seu grau. *O sentimento de crença é indicação mais ou menos segura de se ter estabelecido em nossa natureza uma tendência que determinará nossas ações.*<sup>165</sup> (Os grifos são nossos.)

Crença não apenas é uma forma de hábito como também pode gerar hábitos e diferentes crenças podem gerar diferentes modos de ação<sup>166</sup>. Quanto maior o grau de convicção de uma crença mais arraigados são os hábitos a ela relacionados e maior a expectativa a ela correspondente. Por exemplo, a crença “os recursos naturais são inesgotáveis”, provavelmente adotada por grande parte da população planetária, gerou múltiplos hábitos de desperdício ao longo de inúmeras gerações. Quando o homem, espantado com sua ignorância, se deu conta da limitação da Terra – possivelmente a partir de sua primeira viagem à Lua, em julho de 1969 – crenças como “os recursos naturais são limitados” ou “os recursos naturais são cada vez mais escassos” começaram a substituir o antigo padrão de pensamento com relação aos recursos naturais estimulando a formação de novos hábitos, como reciclagem de lixo e criação de reservas ambientais. E neste processo de mudança de hábitos – que passa tanto pela mudança de crenças quanto pela mudança de atitudes – a humanidade, pelo menos em parte, começou a questionar a forma como tem *habitado* a Terra, a rever hábitos com relação ao consumo de água, de eletricidade e de derivados de petróleo, e a buscar fontes alternativas de energia, como vento, sol e álcool, o que por sua vez tem levado à aquisição de novos hábitos.

<sup>164</sup> CP 5.373 – 1877 (Belief does not make us act at once, but puts us into such a condition that we shall behave in some certain way, when the occasion arises.)

<sup>165</sup> CP 5.37 – 1903 (Our beliefs guide our desires and shape our actions. The Assassins, or followers of the Old Man of the Mountain, used to rush into death at his least command, because they believed that obedience to him would insure everlasting felicity. Had they doubted this, they would not have acted as they did. So it is with every belief, according to its degree. The feeling of believing is a more or less sure indication of there being established in our nature some habit which will determine our actions.)

<sup>166</sup> Cf. CP 5.398 – 1878.

Segundo Peirce “ao mesmo tempo que este processo de inferência, ou o desenvolvimento espontâneo da crença, está continuamente ocorrendo dentro de nós, novos estímulos periféricos também estão continuamente criando novos hábitos-crença”<sup>167</sup> e é também isto o que busca exemplificar o parágrafo acima. A partir desta colocação do autor de novo é possível perceber a interação entre mundos interno e externo como um incessante intercâmbio de signos. E os estímulos que recebemos – via interna ou externa – certamente são ingredientes imprescindíveis no processo de aprendizagem e de mudança de hábitos.

Sob o predomínio de crença podemos supor e tentar prever, mesmo que erroneamente, o futuro, como se fechássemos um leque de possibilidades e o apontássemos na direção que parece ser mais evidente.

E o quê, então, é a crença? É a meia-cadência que fecha uma frase musical na sinfonia de nossa vida intelectual. [...] tem três propriedades: Primeiro, é algo de que temos consciência; Segundo, ela apazigua a irritação da dúvida; e, terceiro, ela envolve o estabelecimento, em nossa natureza, de uma regra de ação, ou, digamos, para resumir, um hábito.<sup>168</sup>

Crença, como hábitos em geral, pode ser inconsciente ou consciente<sup>169</sup> e constitui uma forma de continuidade a propagar uma lei mental.

Peirce afirmou que “na medida em que aplaca a irritação da dúvida, que é o motivo de pensar, o pensamento relaxa e, ao atingir a crença repousa por um momento”.<sup>170</sup> Assim, se fôssemos representar crença por algum sinal de pontuação possivelmente seria através do “ponto final” (.) – que representa uma boa tomada de fôlego e uma certa pausa do pensamento. Uma certa pausa no pensamento porque crença envolve posterior dúvida e

---

<sup>167</sup> CP 3.161 – 1880/1882 (At the same time that this process of inference, or the spontaneous development of belief, is continually going on within us, fresh peripheral excitations are also continually creating new belief-habits.)

<sup>168</sup> CP 5. 397 – 1878 (And what, then, is belief? It is the demi-cadence which closes a musical phrase in the symphony of our intellectual life. [...] it has just three properties: First, it is something that we are aware of; second, it appeases the irritation of doubt; and, third, it involves the establishment in our nature of a rule of action, or, say for short, a habit.)

<sup>169</sup> Cf. CP 2.148 – 1902.

<sup>170</sup> CP 5.397 – 1878 (As it appeases the irritation of doubt, which is the motive for thinking, thought relaxes, and comes to rest for a moment when belief is reached.)

conseqüentemente posterior reflexão, por isto o autor apontou crença simultaneamente como um ponto de parada e um novo ponto de partida para o pensamento.<sup>171</sup>

Segundo Peirce “crença não é um modo momentâneo da mente; é um hábito da mente perdurando essencialmente por algum tempo, e na maior parte das vezes (pelo menos) inconscientemente”.<sup>172</sup> Uma crença inconsciente é do tipo em que fracassamos em perceber com clareza sua presença no mundo interno e sua influência de forma prática no mundo externo. Como, exemplificou Peirce, “um americano que nunca esteve no estrangeiro fracassa em perceber as características dos americanos; assim como um escritor é inconsciente das peculiaridades de seu próprio estilo; assim como nenhum de nós pode ver a si mesmo como os outros nos vêem”.<sup>173</sup>

Colocou Peirce que:

*Aquilo que nos determina, a partir de premissas dadas, para chegar a uma inferência ao invés de outra, é algum hábito da mente, quer seja este constitucional ou adquirido. O hábito é bom, ou o oposto, caso produza conclusões verdadeiras a partir de premissas verdadeiras ou não; e uma inferência é considerada como sendo válida ou não [...] de acordo com o hábito que a determina ser tal como é, a ponto de produzir conclusões verdadeiras em geral ou não.<sup>174</sup> (Os grifos são nossos.)*

Assim, uma crença em si nunca é boa ou ruim; uma crença é válida, e, portanto boa, à medida que, a partir de premissas verdadeiras, nos leva a conclusões verdadeiras. Se uma crença não é capaz de nos encaminhar a conclusões verdadeiras ela é inadequada e deve assim ser substituída. O meio mais adequado de se substituir uma crença é via investigação; e o propósito da investigação é justamente alcançar uma crença<sup>175</sup> que sendo uma disposição

<sup>171</sup> Cf. CP 5.397 – 1878.

<sup>172</sup> CP 5.417 – 1905 (Belief is not a momentary mode of consciousness; it is a habit of mind essentially enduring for some time, and mostly (at least) unconscious...)

<sup>173</sup> CP 5.120 – 1903 (...just as an American who has never been abroad fails to perceive the characteristics of Americans; just as a writer is unaware of the peculiarities of his own style; just as none of us can see himself as others see him.)

<sup>174</sup> CP 5. 367 – 1877 (That which determines us, from given premises, to draw one inference rather than another, is some habit of mind, whether it be constitutional or acquired. The habit is good or otherwise, according as it produces true conclusions from true premises or not; and an inference is regarded as valid or not [...] according as the habit which determines it is such as to produce true conclusions in general or not.)

<sup>175</sup> Cf. CP 7.327 – 1873.

interna para agir levará o investigador a agir em congruência com a crença se ou quando a ocasião de tal forma se apresentar.

A confiança que depositamos em nossas crenças é, perante nossas experiências, muitas vezes colocada à prova, e não raramente é abalada. Peirce colocou que no geral podemos confiar em nossas crenças, mas que não devemos apostar nossas vidas em nenhuma delas. Na verdade, crenças devem ser abandonadas tão logo entrem em conflito com a experiência, pois a esta cabe o papel de filtrar falsas idéias.<sup>176</sup>

Como coloca Ibri<sup>177</sup> “uma crença, que em última análise é sempre redutível a uma concepção teórica, deve *aparecer* em nosso humano modo de agir, ou seja, na expressão exterior da *conduta*”. (Os grifos são do comentador.) Desta forma quanto mais consciência temos de uma crença mais ela aparece para nós inteligentemente exigindo coerência entre o que se pensa e o que se faz, incluindo aí também o que se sente. Coerência é o que busca a lógica que se embasa na ética que se apóia na estética.<sup>178</sup>

A diferença entre crenças inconscientes e crenças conscientes parece ser diretamente proporcional à diferença entre hábitos involuntários e hábitos voluntários e o processo de aprendizagem que vai de uma condição à outra se chama evolução e permite, tanto quanto demanda, mudança de hábitos que, como se verá nos próximos tópicos, com o tempo deve se direcionar para autocontrole, que necessariamente é consciente e voluntário. Por isto Peirce colocou que:

Uma crença prática pode, portanto, ser descrita como um hábito de comportamento deliberado. A palavra ‘deliberado’ dificilmente é completamente definida por dizer

---

<sup>176</sup> Cf. CP 5.50 – 1903.

<sup>177</sup> Ivo IBRI, As conseqüências de conseqüências práticas no pragmatismo de Peirce, *Cognitio* n. 1, p.35, 2000.

<sup>178</sup> Sentir, pensar e agir podem inicialmente parecer ações totalmente independentes, mas parece haver uma articulação entre elas, assim como, numa analogia as caixas craniana, torácica e pélvica parecem independentes, mas fazem na verdade parte de um todo unido por uma espinha dorsal. Arriscamos colocar aqui que quando não há coerência entre o que se sente – relacionado à primeiridade, o que se faz – relacionado à secundidade, e o que se acredita – relacionado à terceiridade, instala-se na pessoa um conflito que leva ao estado de dúvida. A questão da dúvida no pensamento peirciano será abordada no tópico 5 deste capítulo; de toda forma parece interessante já se considerar aqui o possível papel da dúvida no que tange à relação entre as categorias, entre as ciências normativas e também entre as categorias e as ciências normativas.

que ela implica em atenção às memórias de experiências passadas e ao presente propósito da pessoa, juntamente com autocontrole.<sup>179</sup>

E antes de já seguirmos para o próximo tópico cabe colocarmos aqui três observações relacionadas à crença. A primeira é que a noção de crenças como hábitos é crucial para o pragmatismo de Peirce e segundo De Wall<sup>180</sup>: “marca maior diferença entre a visão de Peirce e os pragmatismos de James e Schiller, que focam mais precisamente nas conseqüências particulares de uma crença ou na sensação particular que devemos esperar se a crença for verdadeira”.

A segunda observação, colocada por Hookway<sup>181</sup>, é que a teoria de que as crenças são hábitos de ação constituiu, através do texto “Como tornar nossas idéias claras” (*How to make our ideas clear*), de 1877, uma das primeiras tentativas de Peirce de provar seu pragmatismo.

E a terceira observação que cabe aqui antes de seguirmos para o próximo item é indicada por Houser na introdução do livro *Essential Peirce* e se refere mais diretamente ainda ao recorte desta pesquisa:

O que é muito interessante sobre a visão de Peirce é que nós como indivíduos, como humanidade, temos alguma medida de controle sobre nossos hábitos intelectuais. Nós temos *opções*. Podemos deliberadamente, apesar de com esforço, mudar nossos hábitos intelectuais – o que significa que podemos *mudar nossas mentes*: e isto significa que temos alguma medida de controle sobre muitos futuros possíveis que nossos serão.<sup>182</sup>

<sup>179</sup> CP 6.536 – 1901 (A practical belief may, therefore, be described as a habit of deliberate behavior. The word ‘deliberate’ is hardly completely defined by saying that it implies attention to memories of past experience and to one’s present purpose, together with self-control.)

<sup>180</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 11, 2005. (This notion of beliefs as habits is crucial to Peirce’s pragmatism and marks major difference between Peirce’s view and the pragmatism of James and Schiller, who focus rather on the particular consequences of a belief or the particular sensation we should expect if the belief were true.)

<sup>181</sup> Christopher HOOKWAY, *A máxima pragmática e a prova do pragmatismo*, *Cognitio*, v. 6, n. 1, p. 26, 2005.

<sup>182</sup> Nathan HOUSER, *Essential Peirce 1*, p.XI. (What is so interesting about Peirce’s view’s is that we as individuals, we as humanity, have some measure of control over our intellectual habits. We have a choice. We can deliberately, though with effort, change our intellectual habits – which means that we can change our minds; and that means that we have some measure of control over which of the many possible futures will be ours.)

#### 4. A mesclada tensão entre primeiridade e terceiridade na aquisição de hábitos

A razão – com sua tendência generalizadora típica da terceiridade – só se interessa por aquilo que tem incidência notável, isto é, que se repete, e assim ignora variáveis mil e detalhes ímpares do dia-a-dia e pelo universo afora e parece desperdiçar a seiva da vida em sua plenitude original. Pelo fato da terceiridade se ocupar com aquilo que evidentemente se repete professor Ibri<sup>183</sup> metaforicamente costuma compará-la a uma rede grossa capaz de pegar peixes graúdos e comuns, mas que deixa escapar a grande maioria dos inúmeros peixes menores e raros, estes, por sua vez, representando a infinita multiplicidade e originalidade que permeia todo o universo.

Por outro lado a primeiridade – que tem como princípio metafísico o acaso – é essencialmente livre e isto significa não ter compromisso de ser ou de fazer nada em específico.

Primeiridade e terceiridade parecem se opor e criar uma certa tensão no que tange à criação de hábitos já que uma, por ser essencialmente livre, se abstém de regras enquanto a outra se estabelece justamente através delas. Estas duas categorias parecem radicalmente opostas entre si, mas ambas têm um fundamental ponto em comum: ambas se apóiam no *continuum* que jamais se exaure.

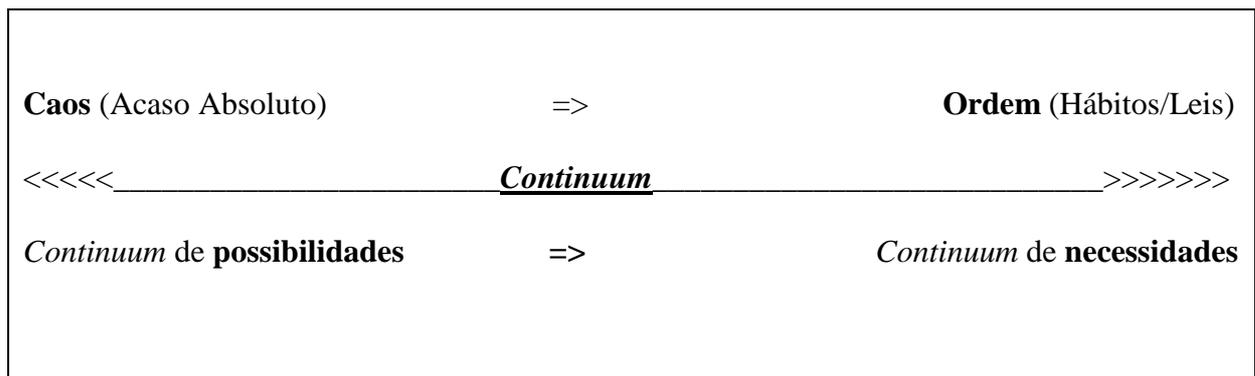
Primeiridade se revela no *continuum* de qualidades e possibilidades enquanto terceiridade se revela no *continuum* de necessidades. Da mesma forma que existe uma certa mescla entre mundos interno e externo existe uma mescla entre desordem e ordem na qual dois princípios antagônicos – acaso e lei – se trançam criando, por conseguinte, um tipo de malha entre primeiridade e terceiridade.

---

<sup>183</sup> Ivo IBRI, informação oral em aulas e aparentemente também em seu paper apresentado no 10º. Encontro Internacional Sobre Pragmatismo em 2007.

Esta mescla é base para o Sinequismo que consiste na doutrina de que tudo que existe é contínuo<sup>184</sup> o que respalda a articulação entre acaso, existência e lei no processo evolutivo e que, segundo Peirce, é uma idéia de fundamental importância para a filosofia.<sup>185</sup>

Além disto, primeiridade se baseando no *continuum* de qualidades e possibilidades e terceiridade no *continuum* de necessidades dão corpo e alma para a hipótese evolucionária do universo em que as leis nascem do acaso e seguem gradativamente em contínua transformação o que implica numa tensão no processo de aquisição de hábitos. O quadro 6 tenta mostrar diagramaticamente o movimento contínuo que com uma certa tensão segue de caos para ordem.



Quadro 6

Movimento continuum do caos para a ordem

Sugeri Peirce que:

Como princípio de progresso ou crescimento, algo deve ser tomado não como ponto de partida, mas daquele início infinitesimal que se fortalecerá continuamente. Este poderá apenas ser um princípio do crescimento dos princípios, uma tendência à generalização. Assuma, então, que o sentimento tende a ser associado com e assimilado ao sentimento, ação sob uma fórmula geral ou hábito tendendo a substituir a liberdade viva e intensidade interior do sentimento. *Esta tendência de adquirir hábitos crescerá por si mesma conforme o hábito. O hábito tende a*

<sup>184</sup> Cf. CP 1.172 – 1897.

<sup>185</sup> Cf. CP 6.103 – 1892.

*coordenar os sentimentos, que são, assim, trazidos para a ordem do Tempo, para a ordem do Espaço.*<sup>186</sup> (Os grifos são nossos.)

Há indícios de um movimento de desordem para ordem e eles parecem apontar para o fato das leis terem nascido de um estado de coisas onde elas não existiam, isto é, do Acaso Absoluto; assim o princípio do acaso parece ser também o princípio da lei, e por isto Peirce coloca que “se as leis da natureza são resultados da evolução esta evolução deve proceder de acordo com algum princípio; e este princípio será por si da natureza da lei”.<sup>187</sup>

Como já enfatizado a razão está predominantemente associada à terceiridade, que definitivamente envolve todas as categorias, e quando a primeiridade é suprimida o hábito predomina como força bruta.

Nenhum homem vive sem hábitos e ser um feixe de hábitos não significa ser “um sistema fechado”. Como visto no tópico 2 deste capítulo, o homem é parte do pensamento e nele está emaranhado, estando, portanto, em pensamento e longe de ser “um sistema fechado”. Prudência baliza a conduta na racionalidade, contudo, interessante quanto mais agimos com prudência mais nos afastamos da espontaneidade – característica típica da primeiridade – e mais nos aproximamos da matéria, e, portanto, mais tendemos a ter atitudes cristalizadas o que parece dificultar o fluxo da evolução. Assim Peirce colocou que:

A força do hábito às vezes obrigará o homem a se apegar a velhas crenças, depois que ele estiver em condição de ver que elas não têm qualquer fundamento. Mas a reflexão a respeito do assunto sobrepujará estes hábitos, e ele deverá conceder à reflexão todo o seu poder.<sup>188</sup>

---

<sup>186</sup> CP 6.585 – 1905 (For principle of progress or growth, something must be taken not in the starting-point, but which from infinitesimal beginning will strengthen itself continually. This can only be a principle of growth of principles, a tendency to generalization. Assume, then, that feeling tends to be associated with and assimilated to feeling, action under general formula or habit tending to replace the living freedom and inward intensity of feeling. This tendency to take habits will itself increase by habit. Habit tends to coordinate feelings, which are thus brought into the order of Time, into the order of Space.)

<sup>187</sup> CP 7.515 – 1898 (But if the laws of nature are results of evolution, this evolution must proceed according to some principle; and this principle will itself be of the nature of a law.)

<sup>188</sup> CP 5. 387 – 1877 (The force of habit will sometimes cause a man to hold on to old beliefs, after he is in a condition to see that they have no sound basis. But reflection upon the state of the case will overcome these habits, and he ought to allow reflection its full weight.)



Antes de seguirmos para o próximo tópico e de abordarmos um tipo específico de descontinuidade cabe mencionar aqui uma passagem de Peirce:

hábito é uma tendência generalizadora, e como tal uma generalização, e como tal um geral, e como tal um *continuum* ou continuidade. Deve ter sua origem na continuidade original que é inerente à potencialidade. Continuidade, como generalidade, é inerente à potencialidade, que é essencialmente geral.<sup>189</sup>

## 5. Dúvida como força motriz para mudança de hábitos

O caráter errático do acaso que alimenta a primeiridade é um dos fatores a trazer à tona – direta ou indiretamente – a falibilidade de nossas crenças e em meio ao *continuum* a segundidade muitas vezes se apresenta em forma de dúvida.

De acordo com Peirce “dúvida e crença, como as palavras são comumente empregadas, relacionam-se à religião ou outras graves discussões. Mas aqui eu as uso para designar o começo de qualquer pergunta, não interessa o quão pequena ou o quão grande, e a resolução da mesma”.<sup>190</sup>

Quando uma dúvida se instala ela quebra um prévio critério de escolha e se impõe forçando-nos a uma inquirição até que ela se dissolva. Nas precisas palavras de Peirce: “a irritação da dúvida leva a um esforço por atingir um estado de crença. A este estado denominamos *Investigação*”.<sup>191</sup> Peirce indicou que:

Dúvida é um estado mental marcado por um sentimento de desassossego [...] Um homem em dúvida está geralmente tentando imaginar como ele deverá, ou deveria, agir quando ou se ele se encontrar em uma situação imaginada. Ele supõe-se como tendo um fim em vista, e duas linhas de ação diferentes e inconsistentes oferecendo-

<sup>189</sup> CP 6.204 – 1898 (...habit is a generalizing tendency, and as such a generalization, and as such a general, and as such a continuum or continuity. It must have its origin in the original continuity which is inherent in potentiality. Continuity, as generality, is inherent in potentiality, which is essentially general.)

<sup>190</sup> EP1: 127 – 1878 (Doubt and Belief as the words are commonly employed, relate to religious or other grave discussions. But here I use them to designate the starting of any question, no matter how small or how great, and the resolution of it.)

<sup>191</sup> CP 5.374 – 1877 (The irritation of doubt causes a struggle to attain a state of belief. I shall term this struggle *Inquiry*.)

se. [...] *Uma dúvida verdadeira é [...] uma dúvida que realmente interfere com o funcionamento suave do hábito-crença.*<sup>192</sup> (Os grifos são nossos.)

Por isto somos levados a pensar que crença precede dúvida e Peirce argumentou que há toda razão para supormos que crença surge antes do poder de duvidar. Dúvida, normalmente, talvez sempre, nasce do espanto, o que supõe crença anterior; e espanto vem com novo ambiente.

Dúvida é algo predominantemente sob a segunda categoria e, portanto, é expressão do descontínuo e como tal é capaz de interromper um hábito.

Segundo Peirce “*crença* constitui basicamente em estar deliberadamente preparado para adotar a fórmula acreditada como um guia de ação”<sup>193</sup>, já a dúvida é justamente o oposto e vem acompanhada de uma certa paralisia. Enquanto a crença é um tipo de hábito capaz de proliferar hábitos, a dúvida é a privação do hábito. Dúvida está associada a começo de questionamento enquanto crença se relaciona ao fim - ainda que temporário - do mesmo. Dúvida tem um princípio inquiridor e crença um princípio orientador da ação.

Peirce apontou que “a dúvida é um estado difícil e descontente do qual lutamos para nos livrar”.<sup>194</sup> É uma condição tão desconfortável que nos obriga a rever valores e prioridades e a considerar novas atitudes. A dúvida é a suspensão das tendências (mesmo que temporariamente) e constitui uma força motriz para investigação e ruptura de hábitos, ainda que em direção à aquisição de novos hábitos. A dúvida é a quebra da continuidade que permeia os hábitos.

Mas o que exatamente é dúvida? Dúvida, segundo Hausman, pode ser entendida em dois sentidos.

<sup>192</sup> CP 5.510 – 1905 (Doubt is a state of mind marked by a feeling of uneasiness [...] A man in doubt is usually trying to imagine how he shall, or should, act when or if he finds himself in the imagined situation. He supposes himself to have an end in view, and two different and inconsistent lines of action offer themselves. [...]. A true doubt is [...] a doubt which really interferes with the smooth working of the belief-habit.)

<sup>193</sup> EP2: 139 – 1903 (Belief consists mainly in being deliberately prepared to adopt the formula believed in as the guide to action.)

<sup>194</sup> CP 5.372 – 1877 (Doubt is na uneasy and dissatisfied state form which we struggle to free ourselves...)

Como psicológica dúvida pode ser um sentimento de incerteza ou pode ser a experiência do comportamento bloqueado. Como lógica ou ontológica a dúvida pode ser uma proposição falsificada, uma falta de necessidade em um argumento, ou pode ser uma anomalia, uma incoerência, uma irregularidade ou um desvio notado na natureza.<sup>195</sup>

De uma forma ou de outra dúvida é, segundo Peirce, “um estado desagradável e incômodo com que lutamos para nos libertar e passar para o estado de crença”.<sup>196</sup>

Cornelis de Waal<sup>197</sup> diz que “duvidar é bem parecido com ter uma coceira; requer ação imediata dirigida para seu alívio. Dúvida é um estímulo direto para inquirição e nós paramos o interrogatório assim que a ela se vai, assim como nós deixamos de coçar quando a coceira desaparece.” Aliás, é curioso observar que perante uma dúvida literalmente são muitos os que coçam a cabeça – como que tentando otimizar o funcionamento dos neurônios – isto quanto não se inquietam e se remexem como se tivesse todo o corpo a coçar.

Mas o que é realmente uma dúvida? Não é uma mera suposição ou um “faz de conta” e nem é algo que se adota com propósitos metodológicos. Uma dúvida genuína tem sempre origem externa<sup>198</sup>, brota sempre de fora para dentro, pois é impossível o homem criá-la para si a seu bel-prazer. Numa crítica ao pensamento cartesiano Peirce apontou que:

Uma proposição que poderia ser duvidada pelo desejo certamente não é *acreditada*. Pois crença, enquanto ela dura, é um hábito forte, e como tal, força o homem a acreditar até que alguma surpresa quebre o hábito. A quebra de uma crença só pode acontecer em função de uma nova experiência, seja externa ou interna.<sup>199</sup>

Dúvida mesmo é aquilo que nos coloca face-a-face com a falibilidade de nossas crenças, que realmente nos força a uma investigação e nos leva à aquisição de conhecimento

<sup>195</sup> Carl HAUSMAN, *Evolutionary Philosophy*, p.27, 1993. (As psychological, doubt may be a subjective feeling of uncertainty or it may be the experience of blocked behavior. As logical or ontological, it may be a falsified proposition, a lack of necessity in an argument, or it may be an anomaly, an incoherence, an irregularity or deviation noticed in nature.)

<sup>196</sup> CP 5.372 – 1877 (Doubt is an uneasy and dissatisfied state from which we struggle to free ourselves and pass into the state of belief.)

<sup>197</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p.11, 2005. (Doubting is very much like having an itch. It requires immediate action directed to its relief. Doubt is thus a direct stimulus to inquiry, and we stop inquiring as soon as the doubt is gone, just as we stop scratching when the itch disappears.)

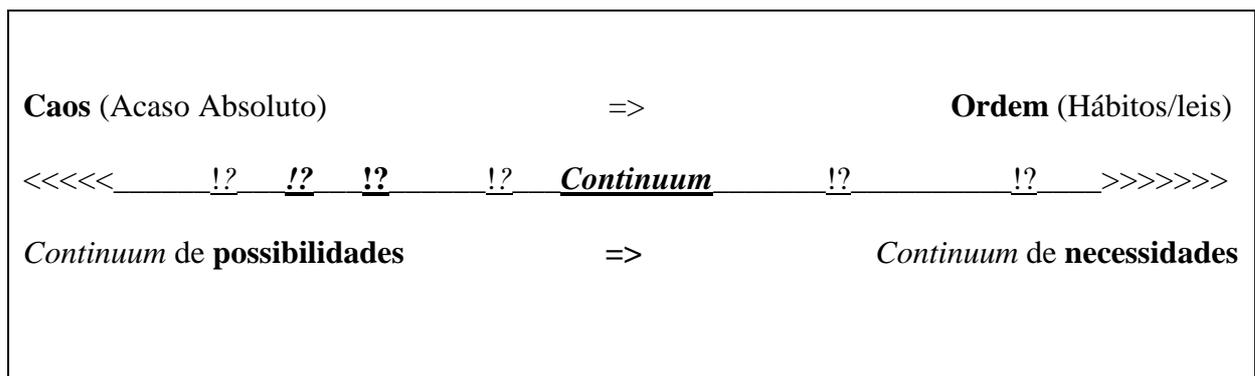
<sup>198</sup> Cf. CP 5.443 – 1905.

<sup>199</sup> CP 5.524 – 1905 (A proposition that could be doubted at will is certainly not *believed*. For belief, while it lasts, is a strong habit, and as such, forces the man to believe until some surprise breaks up the habit. The breaking of belief can only be due to some novel experience, whether external or internal.)

para desenvolver novas crenças ou para restabelecer crenças que demandavam melhor embasamento.

A dúvida, que como já enfatizado é expressão típica da segundidade, não apenas tem a capacidade de quebrar hábitos, ela de alguma forma também nos reaproxima da primeiridade. A dúvida nos tira - ainda que temporariamente - da facilidade da repetição e nos reaproxima daquela experiência primeira de espanto e espontaneidade, de criatividade e originalidade.

A dúvida - que por vezes nos angustia e paralisa - suspende a continuidade de reprodução de hábitos. É possível supor que se a dúvida tivesse que ser representada por sinais de pontuação eles provavelmente seriam o “sinal de exclamação” (!) seguido pelo “sinal de interrogação” (?). E é o suspense do espanto (!) e a insistência do interrogar (?) - que são formas de descontinuidade - que propulsam, em grande medida, o movimento de mudança de hábitos ao longo do *continuum*. O quadro 8 busca simbolizar as descontinuidades provocadas pelas dúvidas ao longo do *continuum*.



Quadro 8

Dúvidas no *continuum* de caos para ordem

Em suma, uma dúvida genuína jamais eclode de dentro para fora e sempre gera a interrupção de hábitos que guiam nossas expectativas e conduta em geral. Assim, a dúvida, ao

nos inclinar para novas investigações e novas perspectivas, funciona como força motriz para mudança de hábitos num movimento intrínseco à evolução.

Quiçá a dúvida, que com freqüência desestrutura uma conjunção já estabelecida, tenha como principal papel a nobre função de não só estimular o movimento evolutivo em direção ao ideal estético, mas também de harmonizar a relação entre as três categorias e suas principais ações correlatas, isto é: ver e sentir, atentar para e agir, pensar e generalizar.

Dúvida e crença são como faces de uma mesma moeda e como tal têm características interdependentes; falar sobre dúvida implica em dizer o que é crença, e vice-versa. De acordo com nossas dúvidas e crenças investimos na destruição, reforma ou construção de determinados padrões de pensamento e de ação.

E com relação à teoria dúvida-crença por Peirce desenvolvida De Wall faz uma importante observação:

(ela) se encaixa primorosamente com a visão expressa por Darwin mais de duas décadas antes em *A Origem das Espécies*. Inquirição, ou o exercício da razão, não mais é a característica divina que separa o homem da fera, mas é um mecanismo pelo qual certos organismos se adaptam a mudanças concretas em seus ambientes de forma a recobrar seus equilíbrios homeostáticos.<sup>200</sup>

Esta observação confirma a postura não-dualista de Peirce na qual é inaceitável qualquer cisão entre mente e matéria e na qual o homem, assim como toda a natureza, está em pensamento, o que o tira da pretensiosa idéia de ser o centro do universo ou a mais nobre de todas as criaturas.

---

<sup>200</sup> Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 12, 2005. (...fits nicely with the views expressed by Darwin more than two decades earlier in *The Origin of Species*. Inquiry, or the exercise of reason, is no longer the godlike feature that separates man from beast, but is a mechanism by which certain organisms adapt themselves to concrete changes in their environment so as to regain their homeostatic equilibrium.)

## 6. Mudança de hábitos

Peirce apontou o quanto um hábito rotineiro prolongado pode nos deixar letárgicos e o quanto movimento é capaz de estimular a atividade mental e iluminar as idéias.<sup>201</sup> Apesar de esta sua observação parecer evidente o fato é que para uma grande parte das pessoas lidar com mudanças parece ser uma tarefa árdua e pouco prazerosa.

Mudança é o movimento do vir a ser, e, portanto, não é, e isto em si já é uma grande dificuldade para se lidar com este processo. Mudar quer dizer perder a rotina e a cadência já conhecidas, se abrir para o desconhecido e, muitas vezes, experimentar descompasso e desorientação em algum nível e de alguma forma. Como não é possível prever com precisão resultados futuros lidar com mudança de hábito é sempre uma incógnita a se desvendar.

Peirce colocou que:

Hábitos têm graduação de força variando de completa dissociação até associação inseparável. Estas graduações são misturas de prontidão da ação, digamos excitabilidade e outros ingredientes que não demandam exame separado aqui. *A mudança de hábito frequentemente consiste em aumentar ou diminuir a força de um hábito. [...] de modo geral, pode se dizer que os efeitos da mudança de hábito duram até que o tempo ou alguma causa mais definida produza novas mudanças de hábito.*<sup>202</sup> (Os grifos são nossos.)

Segundo Peirce “a única maneira possível de explicar as leis da natureza e a uniformidade em geral é supô-las resultados da evolução. Isto as supõem ser não absolutas”<sup>203</sup>, uma vez que são regidas pela evolução<sup>204</sup> e de tal forma estão ainda em desenvolvimento. Ou seja, assim como constatamos hábitos em diferentes aspectos de toda a natureza da mesma forma é possível deduzir que mudanças de hábitos acontecem também

---

<sup>201</sup> Cf. CP 6.301 – 1893.

<sup>202</sup> CP 5.477 – 1905 (Habits have grades of strength varying from complete dissociation to inseparable association. These grades are mixtures of promptitude of action, say excitability and other ingredients not calling for separate examination here. The habit-change often consists in raising or lowering the strength of a habit. [...] generally speaking, it may be said that the effects of habit-change last until time or some more definite cause produces new habit-changes.)

<sup>203</sup> CP 6.13 – 1891 (the only possible way of accounting for the laws of nature and for uniformity in general is to suppose them results of evolution. This supposes them not to be absolute)

<sup>204</sup> Cf. CP 6.91 – 1903.

pelo universo afora – e certamente muitas destas mudanças não são perceptíveis porque acontecem muito lentamente comparadas com a existência humana.

Na forma como os hábitos regulam as ações há sempre uma margem de flexibilidade a possibilitar mudanças e tal margem de flexibilidade se destaca, em todo o universo, sobretudo na dimensão humana, pois no universo como um todo parece não haver nada mais plástico que a mente humana que se apresenta enormemente maleável tanto para abandonar quanto para adotar hábitos. Peirce na verdade afirmou que “a mais plástica de todas das coisas é a mente humana”.<sup>205</sup>

Peirce apontou que três fatores distintos podem causar mudança de hábito: surpresa<sup>206</sup>, esforço<sup>207</sup> e boa vontade<sup>208</sup> (*readiness*). Observa-se que estes fatores têm correspondência predominante e respectivamente com primeiridade, segundidade e terceiridade e que podem e devem atuar em conjunto.

Ele também indicou como sendo três os modos evolutivos: evolução por variação fortuita, por necessidade mecânica e por amor criativo em que a afinidade aglutinadora cria hábitos em constante crescimento. Tais modelos também têm uma predominante correspondência com as categorias da experiência e são denominados respectivamente como evolução ticástica (*tychast evolution*), evolução anancástica (*anancastic evolution*) e evolução agapástica (*agapastic evolution*).<sup>209</sup>

É possível observar que os três fatores causadores de mudança de hábitos e os três modelos de evolução se coadunam uma vez que há uma relação entre eles e entre eles e as categorias. E é isto que tenta evidenciar o quadro 9.

---

<sup>205</sup> CP 7.515 – 1898 (The most plastic of all things is the human mind...)

<sup>206</sup> Cf. CP 5.478 – 1905.

<sup>207</sup> Cf. CP 5.479 – 1905.

<sup>208</sup> Cf. CP 5.480 – 1905.

<sup>209</sup> Cf. CP 6.302 – 1893.

<b>Causas de mudanças de hábitos</b>	<b>Categorias</b>	<b>Modos evolutivos</b>
Surpresa	Primeiridade	Evolução ticástica – pela variação fortuita
Esforço	Segundidade	Evolução anancástica – pela necessidade mecânica
Boa vontade	Terceiridade	Evolução agapástica – pelo amor criativo

Quadro 9

Coadunação entre os modos evolutivos e as causas de mudanças de hábitos.

Sem mudança de hábitos não haveria evolução e sem evolução não haveria mudança de hábitos. Os processos de mudança de hábitos e de evolução se desenvolvem e se nutrem concomitantemente.

Peirce indicou que nenhuma surpresa por si só é capaz de mudar hábitos, pois, como anunciou ele, “nenhum novo hábito pode ser inteiramente criado por experiências involuntárias”.<sup>210</sup> A surpresa, ou o espanto, é capaz de despertar a nossa atenção para algo até então despercebido e, portanto, desconhecido, mas não tem força suficiente para realmente nos mobilizar para mudanças. Aqui se observa um ponto importantíssimo no enfoque desta pesquisa: na esfera humana a vontade é ingrediente fundamental no processo de mudança de hábitos.

Assim sendo, mudamos de hábitos e evoluímos não simplesmente pela surpresa ou pelo espanto, mas pela necessidade que demanda esforço e/ou pela afinidade aglutinadora que demanda boa vontade. Tanto num caso quanto no outro há algum grau de vontade; todavia a

<sup>210</sup> CP 5.478 – 1905 (...no entirely new habit, can be created by involuntary experiences.)

vontade é mais marcante no segundo caso (como o próprio nome indica). Outro fato também muito marcante na mudança de hábitos pela boa vontade é que nela há uma maior tendência à mudança de hábitos involuntários para hábitos voluntários. Vejamos a seguir a diferença entre estes dois tipos de hábitos.

## **7. Diferença entre hábitos involuntários e hábitos voluntários**

No pensamento peirciano reside a idéia de que o homem é co-criador no processo evolutivo e de que parte deste processo se dá pela depuração de hábitos em direção a mais e mais autocontrole. E neste sentido Peirce apontou que: “Cada hábito de um indivíduo é uma lei; mas estas leis são tão facilmente modificadas pela operação do autocontrole que é um dos fatos mais patentes que ideais e pensamento geralmente têm uma grande influência na conduta humana”.<sup>211</sup>

De acordo com isto cabe lembrar que, segundo Peirce, a experiência filtra falsas idéias<sup>212</sup> e que desta forma o raciocínio se embasa em experiências passadas objetivando maior domínio no futuro. Assim Peirce anunciou que: “o propósito do raciocínio é o de proceder do reconhecimento da verdade para o conhecimento de nova verdade”<sup>213</sup> e neste processo conscientemente utilizamos uma regra geral que aprovamos e que temos como parâmetro para a lógica e a ética, ainda que esta regra geral não seja totalmente clara.

Para Peirce pensamento é ação, e ação autocontrolada está associada à ação consciente, voluntária e deliberada.<sup>214</sup> Assim pode-se deduzir que o raciocínio amadurece na

---

<sup>211</sup> CP 1.348 – 1903 (Each habit of an individual is a law; but these laws are modified so easily by the operation of self-control, that it is one of the most patent of facts that ideals and thought generally have a very great influence on human conduct.)

<sup>212</sup> Cf. CP 5.50 – 1903.

<sup>213</sup> CP 4.476 – 1903 (The purpose of reasoning is to proceed from the recognition of the truth we already know to the knowledge of novel truth.)

<sup>214</sup> Cf. CP 8.322 – 1906 / CP 4.476 – 1903.

mesma medida em que ocorre um crescimento da consciência e vice-versa e que ambos proporcionam um processo de mudança em que hábitos involuntários vão sendo substituídos por hábitos voluntários, uma vez que hábitos voluntários equivalem a hábitos conscientes.<sup>215</sup>

Raciocínio é essencialmente pensamento autocontrolado<sup>216</sup> da mesma maneira que conduta moral é essencialmente ação autocontrolada<sup>217</sup> e assim Peirce argumentou que: “pensar é uma espécie de conduta que é amplamente sujeita ao autocontrole [...] e autocontrole lógico é um perfeito espelho de autocontrole ético”.<sup>218</sup>

No processo de evolução como um todo e do qual fazemos parte há um aprimoramento do raciocínio e da consciência e neste processo crenças inconscientes tendem a ser substituídas por crenças conscientes na mesma medida que hábitos involuntários tendem a ser substituídos por hábitos voluntários. Como só é voluntário o que é consciente crenças inconscientes relacionam-se a hábitos involuntários e crenças conscientes a hábitos voluntários.

O quadro 10 tenta figurar o movimento evolutivo em que se enquadra a mudança de hábitos involuntários para hábitos voluntários e também a mudança de crenças inconscientes para crenças conscientes.

---

<sup>215</sup> Cf. EP2: 449 – 1898.

<sup>216</sup> Cf. CP 4.476 – 1903

<sup>217</sup> Cf. CP 1.606 – 1903.

<sup>218</sup> EP2.337 – 1904 (...thinking is a species of conduct which is largely subject to self-control [...] logical self-control is a perfect mirror of ethical self-control.)



corporificando em direção a um ideal que pode não ser nítido, mas é, paradoxalmente, marcante.

## 8. A concepção de hábito na teoria dos signos

A concepção de hábito unifica pragmatismo e a teoria dos signos<sup>220</sup> e dá sustentação para a abordagem evolutiva constante no pensamento de Peirce; tendo isto em vista vejamos agora um pouco sobre a teoria dos signos para, aprofundando na noção de hábito segundo o autor, posteriormente nos atermos mais especificamente ao pragmatismo.

O desenvolvimento por Peirce da teoria dos signos, principalmente da teoria dos interpretantes, se deu sobretudo no início do século XX depois que ele resenhou em 1903 o livro *What is meaning* (Que é significação) de Lady Welby; nesta mesma época ele estava também empenhado em provar o pragmatismo que a princípio foi concebido como uma teoria do significado.<sup>221</sup>

A relação entre signo, objeto e interpretante é fundamental na teoria dos signos que aponta a simultaneidade entre processo de significação e processo de continuidade e crescimento. O que de fato define o processo de representação são as relações entre objeto, signo e interpretante sendo que o objeto determina o signo e o signo o representa enquanto o interpretante, que funciona como um terceiro, é determinado imediatamente pelo signo e mediadamente pelo objeto.

Segundo Peirce: “um *Signo* é algo que está relacionado a uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de uma tal forma a trazer uma Terceira coisa, seu

---

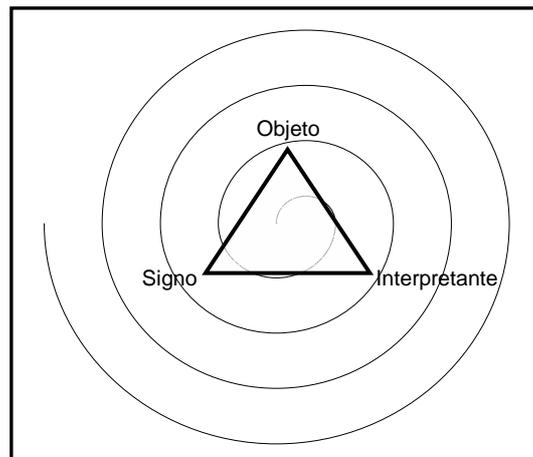
<sup>220</sup> Cf. Lúcia SANTAELLA, O método anticartesiano de C. S. Peirce, p. 241, 2004.

<sup>221</sup> Ibid, p. 241.

*Interpretante*, numa relação com o mesmo Objeto”<sup>222</sup>, e já nesta colocação percebe-se que signo relaciona-se mais diretamente com primeiridade, objeto com segundidade e interpretante com terceiridade.<sup>223</sup> E também segundo Peirce:

Um signo representa alguma coisa para a idéia que ele produz, ou modifica. Ou, ele é um veículo transmitindo para a mente algo de fora dela. Aquilo que ele representa é chamado objeto; aquilo que ele transmite, seu significado; e a idéia a que ele dá origem, seu interpretante. [...] O significado de uma representação pode ser nada exceto uma representação. De fato, ela não é nada a não ser a representação em si concebida como desvestida de roupagem irrelevante. Mas esta roupagem nunca pode ser completamente tirada, é apenas mudada para algo mais diáfano. [...] o interpretante é nada a não ser outra representação para a qual a tocha da verdade é passada adiante, e como representação ela tem de novo seu interpretante.<sup>224</sup>

As idéias de continuidade, crescimento e devir, que são importantes no pragmatismo de Peirce, estão diretamente ligada às relações de representação e é isto o que o quadro 11 tenta simbolizar através da espiral em conjunção com o triângulo.



Quadro 11

Representação do desenvolvimento das relações semióticas

<sup>222</sup> CP 2.92 – 1902 (A *Sign* is anything which is related to a Second thing, its *Object*, in respect to a Quality, in such a way as to bring a Third thing, its *Interpretant*, into relation to the same Object...)

<sup>223</sup> Esta observação já abre espaço para um certo paralelo entre signo, objeto e interpretante e estética, ética e lógica.

<sup>224</sup> CP 1.339 – 1895 (A sign stands for something to the idea which it produces, or modifies. Or, it is a vehicle conveying into the mind something from without. That for which it stands is called its object; that which it conveys, its meaning; and the idea to which it gives rise, its interpretant. [...] The meaning of a representation can be nothing but a representation. In fact, it is nothing but the representation itself conceived as stripped of irrelevant clothing. But this clothing never can be completely stripped off; it is only changed for something more diaphanous. [...] the interpretant is nothing but another representation to which the torch of truth is handed along; and as representation, it has its interpretant again.)

O signo deve afetar uma mente, isto é, deve nela criar algo chamado interpretante. Foi em 1866 que Peirce fez pela primeira vez uso do termo interpretante<sup>225</sup> e este termo visa rigor técnico, questão cara para Peirce, e não é sinônimo de intérprete ou de interpretação. O interpretante é um tipo geral para o qual é transferido o facho da representação, e sendo um outro signo, o interpretante necessariamente irá gerar um outro signo que funcionará como seu interpretante, e assim por diante. O interpretante, assim como objeto e signo, tem natureza sógnica, mas é ele o terceiro elemento nesta relação triádica. De acordo com Santaella:

o interpretante é uma propriedade objetiva que o signo possui em si mesmo, haja um ato interpretativo particular que a atualize ou não; é uma criatura do signo que não depende estritamente do modo como uma mente subjetiva, singular possa vir a compreendê-lo. Ele não é [...] uma generalização de ocorrências empíricas de interpretação, mas sim um conteúdo objetivo do próprio signo. O devir do interpretante é, pois, um efeito do signo como tal e, portanto, depende do ser do signo e não apenas e exclusivamente de um ato de interpretação subjetivo.<sup>226</sup>

Segundo Johansen<sup>227</sup> três diferentes princípios norteiam a divisão do interpretante; contudo, visando o recorte desta pesquisa vejamos aqui apenas o mais conhecido deles que é baseado na fenomenologia e que surgiu em 1904, quase quatro décadas depois do surgimento do termo interpretante. Esta divisão coloca que o interpretante passa por níveis diferentes até se transformar num novo signo e estes níveis – que se relacionam diretamente com as três categorias – são: imediato (*immediate*), dinâmico (*dynamical*) e final (*final*). Segundo Peirce:

*O interpretante imediato consiste na Qualidade da Impressão que um signo está apto a produzir, não em qualquer reação de fato.*

*O interpretante Dinâmico é qualquer interpretação que qualquer mente realmente faz do Signo. Este interpretante deriva seu caráter da categoria diádica, a categoria da ação [...] O significado de qualquer signo sobre alguém consiste no modo como esse alguém reage ao signo.*

*O interpretante Final não consiste no modo pelo qual qualquer mente realmente age, mas no modo pelo qual toda mente agiria. Isto é, ele consiste numa verdade que poderia ser expressa numa proposição condicional deste tipo: ‘Se tal e tal tivesse de acontecer a qualquer mente, este signo determinaria esta mente a tal e tal conduta’.*

---

<sup>225</sup> Cf. Lúcia SANTAELLA, *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*, p.68, 2000.

<sup>226</sup> Ibid, p. 63.

<sup>227</sup> Ibid, p. 67.

*Por 'conduta' quero significar 'ação' sob uma intenção de autocontrole. Nenhum evento que ocorre em qualquer mente, nenhuma ação de qualquer mente pode constituir a verdade dessa proposição condicional.<sup>228</sup> (Os grifos são nossos.)*

Existe uma grande interação entre imediato, dinâmico e final já que eles funcionam como estágios no processo de evolução do interpretante em outro signo e isto permite autocorreção, o que é uma observação importante no que tange ao processo de mudança de hábitos como autocontrole. Imediato é uma possibilidade de significação inscrita no signo; dinâmico é o interpretante efetivamente produzido, se refere ao aspecto factual do entendimento do signo; e final equivale a um padrão para o entendimento do signo. Imediato e final, relacionados mais diretamente com o *continuum* já que se associam respectivamente à primeira e terceira categorias, são gerais e abstratos; já o dinâmico é um interpretante produzido, um evento finito e *in concreto*. O interpretante dinâmico se refere ao aspecto mais evidente e mais viável do signo, já que está associado à segundidade que é categoria do real e do aqui e agora, e já que “toda interpretação real é diádica”.<sup>229</sup>

Peirce indicou que o dinâmico tende a se atualizar, de acordo com a interpretabilidade do signo, em direção ao limite abstrato e ideal norteado pelo interpretante final que se refere à margem dos interpretantes possíveis tal como seria caso a evolução tivesse um término. E o final parece, estimulado pelo imediato, tender a abduktivamente evoluir num movimento expansivamente cíclico pois segundo o autor: o interpretante dinâmico indefinidamente se aproxima do caráter do interpretante final/imediato.<sup>230</sup> Santaella diz que: “O interpretante

---

<sup>228</sup> CP 8.315 – 1909 (The Dynamical Interpretant is whatever interpretation any mind actually makes of a sign. This Interpretant derives its character from the Dyadic category, the category of Action (...) the meaning of any sign for anybody consists in the way he reacts to the sign. [...] The Final Interpretant does not consist in the way in which any mind does act but in the way in which every mind would act. That is, it consists in a truth which might be expressed in a conditional proposition of this type: "If so and so were to happen to any mind this sign would determine that mind to such and such conduct." By "conduct" I mean action under an intention of self-control. No event that occurs to any mind, no action of any mind can constitute the truth of that conditional proposition. The Immediate Interpretant consists in the Quality of the Impression that a sign is fit to produce, not to any actual reaction.)

<sup>229</sup> Cf. CP 8.315 – 1909.

<sup>230</sup> CP 8.315 – 1909 (...the Dynamical Interpretant indefinitely approaches the character of the Final/Immediate Interpretant.)

final [...] é uma tendência, um limite último, pensável, mas não concretamente atingível, de realização da interpretabilidade do signo, inscrita no interpretante imediato. Essa interpretabilidade vai se realizando empiricamente por meio dos interpretantes dinâmicos”.<sup>231</sup>

Observemos que a denominação “final” não implica em algo acabado e definitivo, pois isto seria uma incoerência em relação ao contínuo crescimento próprio do processo semiótico, O interpretante final é uma tendência para a qual os interpretantes são atraídos ao longo do tempo e revela consigo um processo de aprimoramento típico do método científico; Savan inclusive observa que existe uma estreita conexão entre o desenvolvimento das crenças científicas e a teoria do interpretante Final. Segundo este comentador a “concepção de um método que deliberada e regularmente analisa, critica e se autocorrigue é central na sua teoria da ciência e do interpretante Final”.<sup>232</sup>

Segundo Savan “o efeito semiótico pleno de um signo, se seu propósito ou intenção viesse a ser atingido, é o interpretante Final daquele signo. Uma vez que esse propósito fornece a norma que influencia a sucessão dos interpretantes Dinâmicos”<sup>233</sup>, por isto Peirce denominou final também como “normal, destinado e intencionado”, aliás, final inspira-se, de acordo com Savan, “na causa final aristotélica, um escopo intencionado que serve como um padrão ou norma, direcionando o desenvolvimento da sucessão dos interpretantes dinâmicos”.<sup>234</sup> Ainda nas palavras deste comentador:

*o ponto de inflexão mais importante da história de um signo ou conjunto de signos é o ponto no qual a avaliação crítica deliberada das próprias normas começa. [...] O que caracteriza este estágio científico final na evolução dos interpretantes, é que os princípios orientadores são eles próprios submetidos à avaliação crítica deliberada, e que os princípios governando os métodos de avaliação são também submetidos à avaliação crítica deliberada.*<sup>235</sup> (Os grifos são nossos.)

<sup>231</sup> Lúcia SANTAELLA, *O papel da mudança de hábito no pragmatismo de Peirce*, Cognition, v. 5, n. 1, p. 78., 2004.

<sup>232</sup> SAVAN, D. *An Introduction to C. S. Peirce's full system of semiotic*. Toronto, Victoria College of the University of Toronto (Monograph Series of the Toronto Semiotic Circle I), 1976, *apud* SANTAELLA, Lúcia. *A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*, p. 74, 2000.

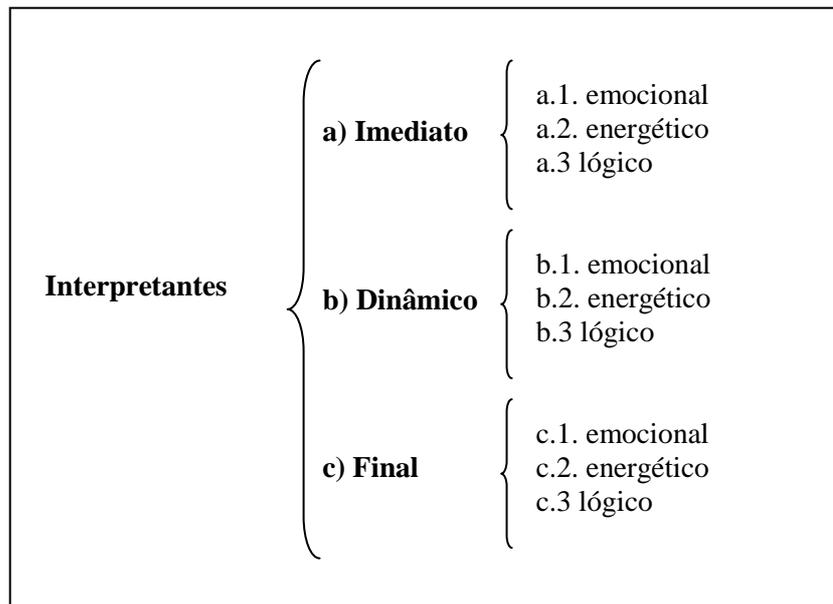
<sup>233</sup> *Ibid*, p. 75.

<sup>234</sup> *Ibid*, p. 74.

<sup>235</sup> *Ibid*, p. 75.

Uma segunda tricotomia do interpretante apareceu em 1907 e relaciona-se também com a teoria das categorias classificando os interpretantes como emocional (*emotional*), energético (*energetic*) e lógico (*logical*) e todos os três estão associados aos efeitos significados do signo, ou seja, àquilo que de fato frutifica do encontro do signo com uma mente interpretadora.

Como não são conhecidos registros do autor que mencione a relação desta segunda tricotomia com a primeira (imediate, dinâmico e final) há controvérsias no que tange à relação entre ambas. Johansen<sup>236</sup> por exemplo, percebe a segunda tricotomia como subdivisão de cada item da primeira tricotomia o que faz com que diagramaticamente a classificação dos interpretantes se apresente como mostra o quadro 12.

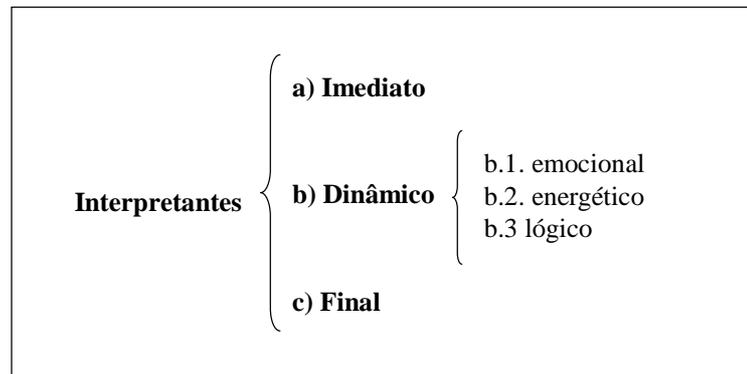


Quadro 12

Relação dos interpretantes segundo Johansen

<sup>236</sup> Cf. Lúcia SANTAELLA, O Método Anticartesiano de C. S. Peirce, p 243, 2004.

Já Savan argumenta que emocional, energético e lógico são subdivisões apenas do interpretante imediato<sup>237</sup> levando a classificação dos interpretantes a se apresentar diagramaticamente como mostra o quadro 13.



Quadro 13

Relação entre os interpretantes segundo Savan

Independente dos motivos para estas diferentes posições, o que não faz diferença para o recorte desta pesquisa, devemos nos lembrar que os três itens da segunda tricotomia relacionam-se com os efeitos significados do signo. Inicialmente o efeito significado é o sentimento produzido pelo signo – o que geralmente passa despercebido – classificado como emocional.<sup>238</sup> O mero sentimento dá lugar para uma sensação de esforço, que, como indicou Peirce, “pode ser muscular [...] mas é muito mais usualmente uma ação vigorosa sobre o Mundo Interno, um esforço mental”<sup>239</sup> e aí o interpretante é denominado energético<sup>240</sup>, pois é dominante em relação ao interpretante emocional, exigindo uma resposta menos subjetiva e mais direta. O energético, que nunca significará um conceito intelectual uma vez que ele se refere a um ato único, cede espaço para o lógico.

<sup>237</sup> Cf. Lúcia SANTAELLA, Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas, p. 81, 2000.

<sup>238</sup> Cf. CP 5.475 – 1905.

<sup>239</sup> CP 5.475 – 1905 ( The effort may be a muscular one, [...] but it is much more usually an exertion upon the Inner World, a mental effort.)

<sup>240</sup> Cf. CP 5.475 – 1905.

O interpretante lógico, ou signo mental, refere-se ao efeito significativo próprio de um conceito intelectual.<sup>241</sup> Segundo Santaella “Peirce buscava interpretantes lógicos que conduzissem o pensamento à porta da ação deliberada”<sup>242</sup> e assim, durante a refinada revisão por que passava todo o seu pensamento no começo do século XX, ele chegou ao hábito como interpretante lógico já que, como aponta Santaella, “faz parte do interpretante lógico ou conceito intelectual reger e governar ocorrências particulares, pois eles carregam alguma implicação concernente ao comportamento geral de algum ser consciente”.<sup>243</sup>

Fizemos nas últimas páginas um rápido percurso pela questão dos interpretantes para assim percebermos hábito como interpretante lógico. Lembremos que hábitos podem ser adquiridos e descartados e que em todo o universo não há nada mais plástico que a mente humana para adotar e abandonar hábitos. Lembremos também que pelo pensamento de Peirce permeia a concepção de evolução, que autocorreção é um fator importante no pragmatismo, e que o autor, no desenvolvimento de sua teoria dos signos, buscava interpretantes lógicos que conduzissem o pensamento à ação deliberada. Não nos esqueçamos que por semiose o autor significou, em coerência com a língua grega antiga, “a ação ou influência que é, ou envolve, a cooperação de três sujeitos tais como um signo, seu objeto e seu interpretante”<sup>244</sup> e que este processo é contínuo e ligado ao devir e ao crescimento. Ao relacionar hábito como interpretante lógico Peirce estava ciente da inevitabilidade e da necessidade do processo de mudança de hábitos ao longo do processo de aprendizagem e evolução e assim ele classificou mudança de hábitos na teoria dos signos como interpretante lógico último. Peirce de fato argumentou que o interpretante lógico último de um conceito é a mudança de hábitos e afirmou que:

*Pode ser provado que o único efeito mental que pode ser produzido e que não é um signo, mas é de uma aplicação geral, é a mudança de hábitos, entendendo por*

<sup>241</sup> Cf. CP 5.476 – 1905.

<sup>242</sup> Lúcia SANTAELLA, O papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce, p. 80, 2004.

<sup>243</sup> Id, *Método Anticartesiano de C. S. Peirce*, p. 246. 2004.

<sup>244</sup> CP5.484 – 1905 (by "semiosis" I mean [...] an action, or influence, which is, or involves, a coöperation of three subjects, such as a sign, its object, and its interpretant.)

*mudança de hábitos a modificação das tendências de uma pessoa em relação à ação resultando de uma prévia experiência ou de um prévio exercício de seus arbítrio ou atos, ou de um complexo de ambos os tipos de causa.*<sup>245</sup> (Os grifos são nossos.)

Ao relacionar hábitos a interpretantes lógicos, ao indicar mudança de hábitos como o único efeito mental que pode ser produzido e que não é um signo, e ao afirmar que “o problema do que é o ‘significado’ de um conceito intelectual pode ser resolvido apenas através do estudo dos interpretantes, ou efeitos significados próprios, dos signos”<sup>246</sup> Peirce integrou a teoria dos signos com a natureza evolucionista de seu pragmatismo. Peirce inclusive afirmou que “é pelas concepções da conduta deliberada que o pragmatismo trilharia o propósito intelectual dos símbolos”.<sup>247</sup>

Assim sendo, voltemos então nosso olhar para o pragmatismo. Contudo, não sem antes termos em mente que Peirce refutou a idéia proclamada por alguns lógicos de que “o significado é precisamente o conceito” e afirmou que de acordo com o seu pragmatismo a interpretação máxima de um pensamento se relaciona com a determinação de uma conduta condicional.

E ainda antes de iniciarmos o próximo capítulo vale apontar uma colocação de Parker:

O mundo de nossa experiência é um mundo representado em pensamento. O mundo que habitamos pode ser visto, assim, incrivelmente como uma complexa rede de signos em constante e dinâmica transação interpretativa. Esta atividade, de acordo com Peirce, está tendendo para um estado ideal de completa e acurada representação.<sup>248</sup>

---

<sup>245</sup> CP 5.476 – 1905 (It can be proved that the only mental effect that can be so produced and that is not a sign but is of a general application is a habit-change; meaning by a habit-change a modification of a person's tendencies toward action, resulting from previous experiences or from previous exertions of his will or acts, or from a complexus of both kinds of cause.)

<sup>246</sup> CP 5.475 – 1905 (...the problem of what the "meaning" of an intellectual concept is can only be solved by the study of the interpretants, or proper significant effects, of signs.)

<sup>247</sup> EP 2:348 – 1905 (For it is to conceptions of deliberate conduct that Pragmatism would trace the intellectual purport of symbols.)

<sup>248</sup> Kelly PARKER, *Reconstructing the Normative Sciences*, Cognitio, v.4, n. 1, p. 35, 2003. (The world of our experience is a world represented in thought. The world we inhabit can be seen, then, as an incredibly complex web of signs in constant and dynamic interpretative transaction. This activity, according to Peirce, is tending toward an ideal state of complete and accurate representation.)

## Capítulo III – O Pragmatismo de Peirce

### 1. Pragmatismo

O termo *pragma*, que significa ato e que não aparece nos textos míticos de Homero e Hesíodo, surgiu nos textos produzidos nas *póleis* a partir do século VI a.C..<sup>249</sup> É no contexto desta nova organização sócio-econômico-cultural denominada *pólis* que, segundo Andrade, eclodem a “palavra *pragma* e alguns de seus derivados como *pragmatikós*, *pragmatikôs* e *pramatéia*. Suas ocorrências surgem quando os homens falam de seus problemas imediatos exigentes de soluções ainda desconhecidas e das tarefas que cumprem objetivando algo”.<sup>250</sup>

Talvez por conta deste contexto histórico em que apareceu a palavra *pragma* e algumas de suas derivações exista a injusta idéia de que pragmatismo é simplesmente uma abordagem que anseia resultados práticos e rápidos, o que parece acarretar também numa conotação consumista e descartável do pragmatismo. É bem verdade que existem linhas de pragmatismo que superestimam a ação, mas este fato está longe de abarcar toda a amplitude do pragmatismo.

Sob uma atmosfera de grandes mudanças científicas e também sócio-econômico-culturais, inclusive com a publicação de “A origem das espécies” (*The Origin of Species*) de Darwin, em 1859, e com o episódio da Guerra Civil Americana (1861-1865) surgiu o pragmatismo aproximadamente três décadas antes da virada do século XIX para o século XX em encontros regulares de um pequeno grupo de jovens de Cambridge, Massachusetts. Dentre os participantes deste pequeno grupo – que se autodenominava “*The Metaphysical Club*” – estavam William James, Oliver Wendell Homes Jr., Nicholas St. John Green e Charles

---

<sup>249</sup> Cf. Rachel G. ANDRADE, Considerações sobre a Palavra “Pragma”, *Cognitio*, n. 1, p. 12, 2000.

<sup>250</sup> *Ibid*, p.

Sanders Peirce, que era uma espécie de líder nas discussões dos encontros do grupo<sup>251</sup> e que é considerado por muitos como o pai do pragmatismo apesar de não ter inicialmente registrado este nome em seus escritos. Os integrantes do *The Metaphysical Club* tinham como centro de suas discussões a definição de crença de Alexander Bain, a saber, “aquilo sobre o qual um homem está preparado para agir”. Assim, pragmatismo tem sido, com frequência, reconhecido como a grande contribuição americana para a filosofia.

Apesar disto, talvez o mais certo seja dizer que o pragmatismo floresceu e se frutificou mais amplamente a partir dos encontros do *The Metaphysical Club*, mas que suas primeiras sementes advêm de Aristóteles e brotaram em diferentes épocas, mentes e terras como o próprio Peirce reconheceu<sup>252</sup>; e não por acaso pragmatismo é tido como “um velho jeito de pensar”.

De toda forma de acordo com o dicionário on-line Merriam-Webster, pragmatismo é:

Um movimento americano de filosofia, fundado por C. S. Peirce e William James, caracterizado por doutrinas que advogam que o significado de concepções deve ser buscado em suas relações práticas, que a função do pensamento é guiar as ações e que a verdade está proeminentemente para ser testada pelas conseqüências práticas da crença.<sup>253</sup>

Nesta perspectiva alguns pontos-chave devem ser ressaltados: 1) movimento americano de filosofia fundado por Peirce e James; 2) o significado de concepções relaciona-se com orientações práticas; 3) a função do pensamento é guiar as ações; 4) a verdade deverá ser testada pelas conseqüências práticas da crença.

Contudo, segundo Houser<sup>254</sup>, em 1908 Arthur O. Lovejoy já havia identificado treze variedades de pragmatismo, e agora, um século após este levantamento, este leque de variedades do pragmatismo deve estar ainda mais amplo. Assim sendo, pela multiplicidade de

<sup>251</sup> Cf. Murray MURPHEY, *The Development of Peirce's Philosophy*, p. 296, 1993.

<sup>252</sup> Cf. CP8.261 – 1905.

<sup>253</sup> [www.merriam-webster.com/dictionary/pragmatism](http://www.merriam-webster.com/dictionary/pragmatism) (an American movement in philosophy founded by C. S. Peirce and William James and marked by the doctrines that the meaning of conceptions is to be sought in their practical bearings, that the function of thought is to guide action, and that truth is preeminently to be tested by the practical consequences of belief.)

<sup>254</sup> Cf. Nathan HOUSER, *Ação e representação no pragmatismo de Peirce*, paper apresentado em Roma em 21 de março de 2005 na conferência sobre Pragmatismo e Filosofia Analítica.

perspectivas que compõem o pragmatismo defini-lo com precisão realmente não é uma tarefa fácil, mas tomado amplamente pode-se dizer que pragmatismo traça uma estreita conexão entre pensamento e ação, entre teoria e prática e que numa interpretação bem vasta iniciada por William James pragmatismo não é apenas uma teoria de significação, mas também uma teoria da verdade.<sup>255</sup>

## 2. Pragmatismo de Peirce

O pensamento de Peirce vibra em sintonia com a filosofia grega na qual não há distanciamento entre homem e coisas de tal forma que na própria língua grega antiga palavras como “sujeito” e “objeto” nem sequer aparecem.<sup>256</sup> Sua abordagem também rejeita cisões entre mente e matéria, pensamento e ação, teoria e prática tanto quanto dispensa a idéia de um mundo estritamente causal regido exclusivamente e em seus pormenores por leis. Assim sendo ele propõe uma filosofia diretamente ligada ao cotidiano e ao movimento da vida e que abre mão de certezas fixas em prol de uma convicção fenomenológica e ontológica que reconhece o fato do mundo ter – simultaneamente – uma dinâmica de ordem e desordem, de previsibilidade e imprevisibilidade, de continuidade e descontinuidade, de hábitos e de mudanças de hábitos.

Embora haja ordem pelo universo, há também bastante desordem, e, aparentemente, existe uma espécie de harmônico convívio entre estas forças antagônicas.<sup>257</sup> Como já mencionado em Peirce não existe dualismo e a matéria é instância do espírito por isto o significado pragmático implica em conceito e experiência. Na sua visão experiência abrange

---

<sup>255</sup> Cf. Cornelis DE WALL, *On Pragmatism*, p. 2, 2005.

<sup>256</sup> Cf. Rachel ANDRADE, Considerações sobre a palavra ‘Pragma’, *Cognitio*, n. 1, p.9, 2000.

<sup>257</sup> Esta espécie de harmônico convívio entre forças aparentemente antagônicas não significa ausência de tensão, pelo contrário, uma certa tensão é um ponto importante para um certo equilíbrio, uma certa harmonia.

indiferentemente interioridade e exterioridade humanas; experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver<sup>258</sup> e demonstra que nosso agir revela um processo de elaboração de idéias.

O pragmatismo de Peirce é um dos mais fortes pilares de seu pensamento e propõe uma reflexão que considera de modo especial as experiências cotidianas, inclusive todas as crenças formadas pelo senso comum, já que o mundo prático é em grande parte apoiado em crenças coletivas. Algumas observações caras ao pragmatismo de Peirce podem ser elencadas como segue:

=> a função do pensamento é produzir crenças;

=> crenças envolvem o estabelecimento de regras de ação (hábitos);

=> assim, o objetivo do pensamento é produzir hábitos;

=> a distinção de significados consiste numa possível diferença nas ações que eles ensejam;

=> o significado de algo deve ser entendido com relação aos hábitos que ele envolve.

Para Peirce é um grotesco erro dos pragmatismos que se dizem inspirados em seu método supor que a ação em si é o fim do pensamento. Sob o seu ponto de vista o propósito do pensamento é o desenvolvimento de uma idéia<sup>259</sup> para o qual a ação se faz uma etapa necessária.

O pragmatismo de Peirce visa aprendizagem e evolução, e para tal a ação se faz importante como matéria de cognição porque para o autor o mundo do espírito, do conceito, se converte em parte em realidade e a ação se revela como uma experiência cognitiva uma vez que a experiência diz semioticamente, fatos são signos carregados de significados. Em outras palavras, pode-se dizer que sem ação não há experiência e sem experiência não há a possibilidade de pensamento e de aprendizagem, ou seja, a ação viabiliza experiência e ambas viabilizam o pensamento que se desenvolve sempre baseado em experiências pretéritas e estimulado por considerações futuras.

---

<sup>258</sup> Cf. CP 7.527 – 1898.

<sup>259</sup> Cf. CP 8.211-212 – 1905.

O fato de o pensamento ser direcionado para o futuro constitui um dado importante para o pragmatismo que se interessa por possibilidades futuras e pelo crescimento da racionalidade concreta. De acordo com Peirce:

A palavra pragmatismo foi inventada para expressar uma certa máxima lógica [...] envolve todo um sistema de filosofia. A máxima é projetada para fornecer um método para análise de conceitos. Um conceito é algo tendo seu modo de ser um tipo geral que é, ou pode ser feito, de parte racional do conteúdo de uma palavra. [...] O método prescrito na máxima é para traçar na imaginação as concebíveis conseqüências práticas – isto é, as conseqüências para conduta deliberada, autocontrolada – da afirmação ou negação do conceito.<sup>260</sup>

O pragmatismo de Peirce foi anunciado originalmente em 1878<sup>261</sup> (em *Popular Science Montly*) da seguinte forma: “Considere quais efeitos, que concebivelmente podem ter as relações práticas, que concebemos que o objeto da nossa conduta tem. Então, nossa percepção desses efeitos constitui o conjunto da nossa concepção do objeto”.<sup>262</sup>

Através de reflexões sobre a “Crítica da Razão Pura”, de Kant, o autor foi levado à esta máxima e, segundo ele, ela é de grande utilidade para encaminhar o pensamento para níveis mais elevados de clareza.<sup>263</sup> Hookway coloca que “em 1878 Peirce a ofereceu como uma regra para clarear o conteúdo de idéias, conceitos, proposições, crenças, hipóteses, etc: aplicar o princípio deve nos habilitar a entender sobre o que estamos falando e pensando”.<sup>264</sup> Apesar do método de clarificação poder ser usado em diferentes aspectos o principal interesse de Peirce em 1878 era, segundo Hookway “elucidar os conceitos de *verdade e realidade*:

---

<sup>260</sup> CP8.191 – 1904 (The word pragmatism was invented to express a certain maxim of logic [...] involves a whole system of philosophy. The maxim is intended to furnish a method for the analysis of concepts. A concept is something having the mode of being a general type which is, or may be made, the rational part of the purport of a word. [...] The method prescribed in the maxim is to trace out in the imagination the conceivable practical consequences, - that is, the consequences for deliberate, self-controlled conduct, - of the affirmation or denial of the concept)

<sup>261</sup> Cf. EP2:346 – 1905.

<sup>262</sup> CP 5.2 / EP2: 135 – 1878 (Consider what effects, that might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object.)

<sup>263</sup> Cf. CP5.3 – 1902.

<sup>264</sup> Christopher HOOKWAY, The Pragmatist Maxim and the Proof of Pragmatism, *Cognitio*, v. 6, n. 1, p.27, 2005. (In 1878, Peirce offered it as a rule for clarifying the content of ideas, concepts, propositions, beliefs, hypotheses etc: applying the principle should enable us to understand what we are talking and thinking about.)

estes conceitos são de fundamental importância dentro da lógica e da filosofia, e a interpretação errônea deles pode ser a fonte de erros filosóficos”.<sup>265</sup>

Quase três décadas depois de apresentar o que ficou conhecido como a máxima pragmática, Peirce, que estava empenhado em provar o seu pragmatismo, reapresentou a máxima em outras duas diferentes versões.

Em 1903 ele colocou que “pragmatismo é o princípio que todo julgamento teórico exprimível em uma sentença em modo indicativo é uma confusa forma de pensamento cujo significado, caso tenha algum, repousa em sua tendência de impor uma correspondente máxima prática exprimível como uma sentença condicional tendo sua apódose no modo imperativo”.<sup>266</sup>

Já em 1905 ele abordou a máxima da seguinte forma: “o inteiro conteúdo intelectual de qualquer símbolo consiste no total de modos gerais de conduta racional, que, condicionalmente, sob todas as possíveis diferentes circunstâncias e aspirações, deve resultar na aceitação do símbolo”.<sup>267</sup>

Levemos em consideração que estas duas posteriores versões (de 1903 e de 1905) da máxima original (de 1878) foram concebidas durante o período em que Peirce estava relapidando seu pragmatismo e desenvolvendo sua teoria dos signos, lembrando que em 1903 ele resenhou o livro de Lady Welby (*What is meaning*), que em 1904 ele apresentou a primeira tricotomia dos interpretantes (imediate, dinâmico e final) e que em 1907 ele apresentou a segunda tricotomia dos interpretantes (emocional, energético e lógico).

---

<sup>265</sup> Christopher HOOKWAY, The Pragmatist Maxim and the Proof of Pragmatism, *Cognitio*, v. 6, n. 1, p.27, 2005. (...clarify the concepts of truth and reality: these concepts are of fundamental importance within logic and philosophy, and misconceptions about them can be a source of philosophical error.)

<sup>266</sup> CP5.18 / EP2: 134-135 – 1903 (Pragmatism is the principle that every theoretical judgment expressible in a sentence in the indicative mood is a confused form of thought whose meaning, if it has any, lies in its tendency to enforce a corresponding practical maxim expressible as a conditional sentence having its apodosis in the imperative mood.)

<sup>267</sup> CP5.438 / EP2: 346 – 1905 (The entire intellectual purport of any symbol consists in the total of all general modes of rational conduct, which, conditionally upon all the possible different circumstances and desires, would ensue upon the acceptance of the symbol.)

As três versões da máxima apresentadas por Peirce parecem ter uma clara intenção de demonstrar a mesma concepção lógica e parecem ser tentativas do autor de sintetizar um método e dentre elas a primeira é a mais conhecida.

A máxima pragmática fala de tipos gerais de fenômenos experimentais<sup>268</sup> e isto quer dizer que o pragmatismo não foca no experimento (ação), mas em fenômeno experimental (na possibilidade de ação) – que é no que consiste o significado racional. E, segundo Peirce, “o significado racional de toda proposição repousa no futuro”.<sup>269</sup>

Quando Peirce colocou “efeitos, que concebivelmente podem ter as relações práticas”, isto é, “concebíveis conseqüências práticas” ele se referiu a conseqüências para uma conduta deliberada, isto é, consciente e autocontrolada e que se dá no futuro. Na verdade, ele afirmou que a teoria do pragmatismo foi originariamente baseada em estudo do fenômeno de autocontrole comum nos adultos<sup>270</sup> e que “é pelas concepções de conduta deliberada que pragmatismo traçaria o conteúdo intelectual dos símbolos”.<sup>271</sup>

Possíveis conseqüências práticas incluem a possibilidade de autocorreção, e autocorreção, que é característica do método científico como indicado por Peirce em “A Fixação das crenças”, é um traço fundamental em seu pensamento. Segundo o autor:

das duas implicações do pragmatismo, de que os conceitos são dotados de propósito e que seus significados residem em suas concebíveis conseqüências práticas, a primeira é a mais fundamental. Penso, não obstante, que a doutrina seria *estropiée* sem o último ponto. Por “prático” quero dizer apto a afetar a conduta; e por “conduta”, ação voluntária que é autocontrolada, ou seja, controlada por deliberação adequada.<sup>272</sup> (Os grifos são nossos.)

---

<sup>268</sup> Cf. EP2:340 – 1904.

<sup>269</sup> EP2:340 – 1904 (The rational meaning of every proposition lies in the future.)

<sup>270</sup> Cf. EP2: 348 – 1905.

<sup>271</sup> EP2: 348 – 1905 (For it is to conceptions of deliberate conduct that Pragmatism would trace the intellectual purport of symbols.)

<sup>272</sup> CP 8.322 – 1906 (...of the two implications of pragmatism that concepts are purposive, and that their meaning lies in their conceivable practical bearings, the former is the more fundamental. I think, however, that the doctrine would be quite *estropiée* without the latter point. By "practical" I mean apt to affect conduct; and by conduct, voluntary action that is self-controlled, i.e. controlled by adequate deliberation.)

Para Peirce o significado de algo está relacionado com os hábitos nele envolvidos<sup>273</sup> e em sua abordagem, que tem um compromisso com o princípio evolucionário, a possibilidade de autocorreção da conduta implica na possibilidade de mudança de hábitos. A máxima pragmática, interessada em conduta deliberada – que também é conduta racional e que quer dizer consciente e aucontrolada – contém um princípio normativo. A máxima pragmática indica a íntima relação entre pensar e agir e o vínculo desta relação com um ideal; isto é, ela aponta para a forte associação entre lógica e ética e a conexão destas com a estética como veremos a seguir. Mas antes de abordarmos mais de perto os aspectos normativos do pragmatismo vale ressaltar que Ibri coloca que o que:

suporta logicamente a máxima do Pragmatismo é a pressuposição de que deve haver uma relação de *necessidade* entre o geral e o particular, não propriamente de *determinação causal*, senão de *figuração* [...] tal que o geral deva estar, para sua significação possível, necessariamente figurado no particular.<sup>274</sup> (Grifos do comentador.)

Ou seja, a experiência de segundidade, enquanto experiência do particular e expressão do descontínuo traduz a generalidade da terceiridade, que é *continuum* de necessidades, e da primeiridade, que é *continuum* de possibilidades. E é em tal tradução, isto é, em tal figuração, que percebermos com mais clareza os efeitos significados dos conceitos. De fato, é no transitar entre geral e particular, e pelas três categorias, as três ciências normativas e pelos diferentes interpretantes que as possíveis conseqüências práticas vão sendo significadas, corporificadas e reinterpretadas continuamente. E é pelo crescimento e pela corporificação da racionalidade que o pragmatismo se interessa como sugerem as diferentes versões da máxima pragmática.

---

<sup>273</sup> Cf. EP1: 131 – 1878. Lembremos aqui da classificação de interpretante lógico como hábito, abordada no capítulo II.

<sup>274</sup> Ivo IBRI, As Conseqüências das Conseqüências Práticas no Pragmatismo de Peirce, *Cognitio*, n. 1, p.32, 2000.

Peirce não via o pragmatismo como critério de verdade e nem como um instrumento para se resolver problemas práticos; ele concebeu o pragmatismo como uma máxima da lógica, como um critério de significação que indica que algumas possibilidades são reais e colocou que o que é valioso é a vida que a ação dá à idéia, não a ação em si<sup>275</sup>. Nas palavras do autor:

De acordo com aquela doutrina lógica que o presente autor primeiro formulou em 1873 e nomeou de Pragmatismo o verdadeiro significado de qualquer produto do intelecto repousa em qualquer determinação unitária que ele confere para conduta prática sob todas e quaisquer circunstâncias concebíveis, supondo tal conduta guiada pela reflexão levada a um limite último. Parece que tem sido virtualmente a filosofia de Sócrates [...] é ‘um velho jeito de pensar’<sup>276</sup>.

### 3. As ciências normativas e o pragmatismo de Peirce

Já no primeiro capítulo colocamos a estreita relação entre as ciências normativas e as categorias e a sua fundamental importância para o desenvolvimento do pensamento peirciano; aqui focaremos nas ciências normativas ligadas mais diretamente à máxima pragmática – que pode ser considerada como o substrato do pragmatismo de Peirce.

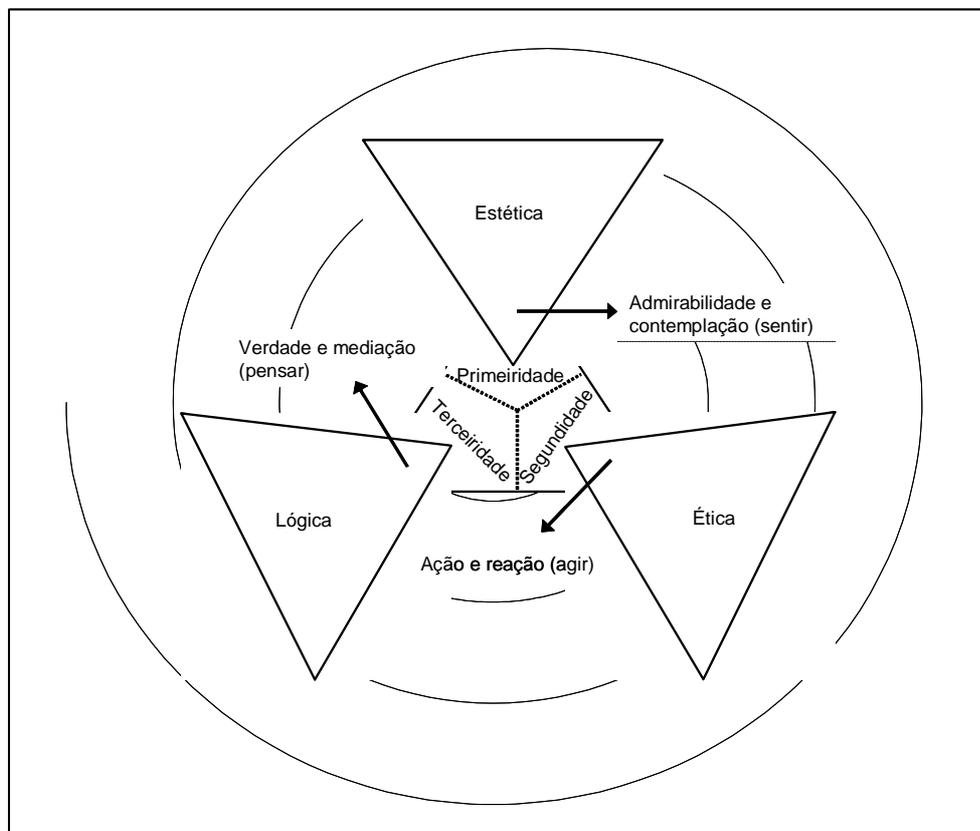
Vejamos novamente aquele quadro apresentado no capítulo I indicando a relação entre as ciências normativas e as categorias, mas agora mais cientes da fundamental relação entre sinequismo e filosofia e também do fato de que o pragmatismo de Peirce visa evolução. Tenhamos em mente que evolução é um processo e como tal está intimamente associado à experiência de terceiridade que, indubitavelmente, engloba as duas outras categorias. Lembremos que a Lógica, que também está diretamente associada à terceiridade, se apóia nas

---

<sup>275</sup> Cf. CP8.250 – 1900.

<sup>276</sup> CP 6.490 (According to that logical doctrine which the present writer first formulated in 1873 and named Pragmatism, the true meaning of any product of the intellect lies in whatever unitary determination it would impart to practical conduct under any and every conceivable circumstances. , supposing such conduct to be guided by reflexion carried to an ultimate limit. It appears to have been virtually the philosophy of Socrates [...] it is “an old way of thinking”)

duas outras ciências normativas, e que pragmatismo é um método que visa coerência entre teoria e prática. O quadro 14, que se apresenta a seguir, tenta representar sinteticamente o movimento evolutivo que propicia o crescimento da racionalidade concreta e que, segundo o pragmatismo, parece se sustentar na coesa relação entre as categorias, as ciências normativas e *continuum* (este representado pela espiral que neste quadro simboliza também evolução e o próprio crescimento da racionalidade concreta).



Quadro 14

Representação do movimento evolutivo que sustenta o crescimento da racionalidade concreta

Ao contrário de muitas versões de pragmatismo a concepção peirciana desta doutrina está definitivamente interessada em evolução e percebe a ação apenas como uma etapa fundamental para o desenvolvimento do pensamento<sup>277</sup> e não como seu objetivo maior; em

<sup>277</sup> Cf. CP 8.272 – 1905.

função disto Peirce afirmou que: “a ação requer um fim, e que este fim deve ser algo similar a uma descrição geral, então o próprio espírito da máxima [...] direcionar-nos-ia para alguma coisa diferente dos fatos práticos, a saber, para idéias gerais como as verdadeiras intérpretes de nosso pensamento”.<sup>278</sup>

“Descrição geral” nesta colocação de Peirce parece soar como um ideal de conduta, como aquilo que conduz a ação, não nos esquecendo de que pensamento também é um tipo de ação. De toda forma vejamos a seguir a relação entre ideal estético e ideal pragmático.

### **3.1. Ideal estético e ideal pragmático**

Um ideal de conduta é aquilo que dá norte para nossas atitudes, não se refere àquilo que simplesmente motiva nossas ações a curto prazo, mas àquilo que inspira uma conduta com visão de futuro, ponderada e apreciável, uma conduta que é logicamente admirável e que assim sendo se aprimora ao longo do tempo exigindo um assíduo diálogo entre os lados interno e externo do humano. Uma conduta com tal configuração necessariamente é impulsionada pela lógica e inspirada por um ideal que por ser admirável é denominado estético.

Ideal é uma espécie de síntese daquilo que concebemos ser a perfeição e a que aspiramos, é, portanto, algo impreciso apesar de capaz de direcionar a conduta e permitir evolução; inclusive porque o próprio movimento da evolução é mesmo do vago para o definido.

---

<sup>278</sup> CP 5.3 – 1902 (action wants an end, and that that end must be something of a general description, then the spirit of the maxim itself [...] would direct us towards something different from practical facts, namely, to general ideas, as the true interpreters of our thought.)

O Ideal estético se refere à aquilo que admiramos e que por admirarmos buscamos deliberadamente alcançar, o que quer dizer que afeta diretamente a conduta, assim Peirce argumentou que: “se conduta é para ser cuidadosamente deliberada o ideal deve ser um hábito de sentimento que cresceu sob a influência de um trajeto de autocrítico e heterocrítico; e a teoria da formação deliberada de tais hábitos de sentimento é o que deve ser indicado por *estética*”.<sup>279</sup> (O grifo é do autor.)

E como o ideal estético é um hábito de sentimento que cresce pela seleção e adoção deliberada de hábitos, o que se dá através de críticas que levam à autocorreção, ele equivale ao ideal pragmático, e, desta forma colocou Peirce que, “o *ideal estético*, aquele que todos nós amamos e adoramos, o conjunto admirável, *tem, como ideal, necessariamente um modo de ser a ser chamado modo de vida. [...] Isto, penso, é realmente sólido e forte pragmatismo*”.<sup>280</sup> (Os grifos são nossos.) Assim o ideal estético equivale ao ideal pragmático, pois o ideal estético funciona como uma diretriz para a conduta e, conseqüentemente, para o pensamento, na mesma proporção em que a Estética rege a Ética e esta a Lógica.

Toda verdade tem um lado ético porque envolve relação de correspondência entre o pensar e o agir; e nesta estreita ligação entre lógica e ética a estética é capaz de estimular a vontade de decifrar a verdade e de traduzi-la para a ação tecendo os fins das três ciências normativas (beleza, bondade e verdade) de modo a fazer com que hábitos sejam revistos e reciclados em direção a uma maior admirabilidade.

---

<sup>279</sup> EP2: 378 – 1906 (If conduct is to be thoroughly deliberate, the ideal must be a habit of feeling which has grown up under the influence of a course of self-criticism and of heterocriticism; and the theory of the deliberate formation of such habits of feeling is what ought to be meant by *aesthetics*.)

<sup>280</sup> CP 8.262 – 1905 (the esthetic ideal, that which we all love and adore, the altogether admirable, has, as ideal, necessarily a mode of being to be called living. [...] This I think is good sound solid strong pragmatism.)

### 3.2. Ética como meio para o desenvolvimento do pensamento em direção ao ideal estético

Peirce afirmou que “a ação requer um fim, e que este fim deve ser algo similar a uma descrição geral”<sup>281</sup> sugerindo que a conduta deve se submeter a padrões que se alinham com o ideal estético.

Já vimos no capítulo I que ação se refere à experiência de segundidade e que conduta se refere à experiência de terceiridade e já a partir desta classificação é possível perceber uma imensa diferença entre ação e conduta. Como já apontado o pragmatismo de Peirce não se interessa pela ação em si e objetiva processos evolutivos o que implica em aprimoramento de conduta que leva a conduta deliberada, e conduta deliberada leva a aprimoramento de conduta num contínuo processo de “prática aprendizagem” que envolve mudança de hábitos. Como colocou Peirce:

Dizer que a conduta é deliberada implica que cada ação, ou cada ação importante, é revisada pelo autor e que seu julgamento é passado por ela, se como ele deseja sua conduta futura ser de tal forma ou não. Seu ideal é um tipo de conduta que atrai sua revisão. Sua autocrítica seguida por uma resolução mais ou menos consciente, que por sua vez estimula uma determinação de seu hábito, irá, com a ajuda de seqüências, modificar uma ação futura, mas não irá geralmente ser a causa movente para ação.<sup>282</sup>

A causa movente para a ação consciente, para a conduta deliberada, é o ideal estético. Enquanto o ideal estético funciona como um atrativo para a evolução da conduta o aprimoramento desta de forma cada vez mais deliberada, o que significa consciente e autocontrolada, é o meio para o desenvolvimento do pensamento. Ética e lógica estão tão intrinsecamente relacionadas que quanto mais autocontrole se faz presente em uma mais autocontrole necessariamente se faz presente na outra, pois a ação é o conceito concretizado, ou em outras palavras, a ação é o lado externo do interno, o significado daquilo em que

<sup>281</sup> CP 5.3 – 1902 (action wants an end, and that that end must be something of a general description,..)

<sup>282</sup> EP 2:377 – 1906 (To say that conduct is deliberate implies that each action, or each important action, is reviewed by the actor and that his judgment is passed upon it, as to whether he wishes his future conduct to be like that or not. His ideal is the kind of conduct which attracts him upon review. His self-criticism followed by a more or less conscious resolution that in its turn excites a determination of his habit, will, with the aid of the sequelae, *modify* a future action but it will not generally be a moving cause to action.)

acreditamos. Peirce inclusive colocou que: “*exatamente como a conduta controlada pela razão ética tende a fixar certos hábitos de conduta [...] pensamento, controlado por uma lógica experimental racional, tende à fixação de certas opiniões, igualmente destinadas*”.<sup>283</sup>

(Os grifos são nossos.) A fixação de tais hábitos é uma tendência, não tem um ápice nem um arremate final porque a evolução, sustentada pelo *continuum*, permeia todo o processo; e nem evolução e nem *continuum* têm pontos finais. Todavia, cabe dizer que conduta controlada pela razão ética e pensamento controlado pela razão experimental são igualmente destinados porque ambos têm o ideal estético como alvo, ainda que, evidentemente, também ele esteja sob constante aperfeiçoamento.

As expressões “efeitos, que concebivelmente podem ter relações práticas”, “tendência de impor uma correspondente máxima prática” e “conduta racional” que aparecem respectivamente nas versões da máxima pragmática apresentadas em 1878, 1903 e 1905<sup>284</sup> parecem se relacionar mais diretamente com a faceta ética que se revela no pragmatismo. E “efeitos que concebivelmente podem ter relações práticas”, “tendência de impor uma correspondente máxima prática” e “conduta racional” sugerem não apenas a possibilidade de mudança de hábitos, mas também tendência desta mudança evoluir pelo autocontrole para mais autocontrole.

A relação entre crer e agir, que é um dos sustentáculos do pragmatismo, é que permite que o processo de mudança de hábitos tenda em direção ao autocontrole pois é o agir que cria caminhos para a autocorreção e aprendizagem pois ele funciona como um espelho a

---

<sup>283</sup> EP2: 342 – 1904 (Just as conduct controlled by ethical reason tends toward fixing certain habits of conduct [...] thought, controlled by a rational experimental logic, tends to the fixation of certain opinions, equally destined.)

<sup>284</sup> “Considere quais efeitos, que concebivelmente podem ter as relações práticas, que concebemos que o objeto da nossa conduta tem. Então, nossa percepção desses efeitos constitui o conjunto da nossa concepção do objeto.” (1878). “Pragmatismo é o princípio que todo julgamento teórico exprimível em uma sentença em modo indicativo é uma confusa forma de pensamento cujo significado, caso tenha algum, repousa em sua tendência de impor uma correspondente máxima prática exprimível como uma sentença condicional tendo sua apódose no modo imperativo.” (1903) “O inteiro conteúdo intelectual de qualquer símbolo consiste no total de modos gerais de conduta racional, que, condicionalmente, sob todas as possíveis diferentes circunstâncias e aspirações, deve resultar na aceitação do símbolo.” (1905)

refletir o pensar. Agir e pensar são faces de uma mesma moeda, sendo o primeiro o lado externo do segundo e vice-versa. Assim sendo Peirce declarou que: “o pragmatismo é uma doutrina correta na medida em que se reconhece que a ação material é o mero aspecto exterior das idéias. [...] Mas o fim do pensamento é a ação na medida em que o fim da ação é outro pensamento”.<sup>285</sup>

A ação traz à tona o mundo dos fenômenos e quando agimos nos tornamos matéria de cognição e podemos ser cognitivamente representados. E o cognitivo é sempre reflexivo. Daí percebe-se que o sentido mais profundo do pragmatismo é um movimento circular numa espécie de retroanálise em que a ação e a experiência, adubadas pela reflexão, propiciam novos conceitos e estes, por sua vez, levam a novas condutas e experiências num processo semiótico contínuo e expansivo.

Antes de abordarmos mais diretamente a lógica em relação ao pragmaticismo lembramos que esta doutrina se interessa, sobretudo, pela realidade de algumas conseqüências práticas<sup>286</sup> e tendo isto em vista cabe expor aqui a seguinte colocação de Ibri:

a expressão conseqüências práticas encerra [...] necessidade do contínuo se configurar como descontinuidade para um posterior retorno ao seu plano eidético. Ora, vista por este vértice, prática significa passagem pelo descontínuo, onde se encerra, propriamente, a alteridade necessária ao aperfeiçoamento e crescimento da representação. É interessante registrar, também, que esta passagem pelo descontínuo é o modo pelo qual o plano teórico aparece, vale dizer, tem conseqüências fenomenologicamente experienciáveis.<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup> CP 8.272 (Pragmatism is correct doctrine only in so far as it is recognized that material action is the mere husk of ideas. [...] But the end of thought is action only in so far as the end of action is another thought.

<sup>286</sup> Cf. EP2: 354 – 1905.

<sup>287</sup> Ivo IBRI, Pragmatismo e técnica, *Hypnos*, p. 153, 2003.

### 3.3. Lógica como propulsão em direção ao ideal pragmático

A função do pensamento é desenvolver hábitos de ação<sup>288</sup> os quais tendem a se desenvolver de acordo com as concepções gerais de potencialidades do futuro e, segundo Peirce, uma “crença-hábito formada na imaginação determinará suas ações na realidade”.<sup>289</sup> Na verdade, segundo ele a formação de hábitos sob ação imaginária é um dos mais importantes itens do processo de autocontrole.<sup>290</sup>

Mas raciocínio, que certamente envolve a aplicação de regras, não é um processo independente do universo. Ao longo do desenvolvimento do universo – o que certamente continua acontecendo – o raciocínio tem sido assimilado pelos seres humanos, assim como por outros seres, como parte da dinâmica do próprio universo. Peirce argumentou que:

A essência da Razão é tal que seu ser nunca pode estar completamente perfeito. Ela deve sempre estar em um estado de incipiência, de crescimento. [...] Este desenvolvimento da Razão consiste [...] em corporificação, isto é, em manifestação. *A criação do universo que [...] está acontecendo hoje e nunca será acabada, é o próprio desenvolvimento da Razão.*<sup>291</sup> (Os grifos são nossos.)

Como é da natureza da razão nunca estar completamente perfeita um de seus traços mais importantes é sua capacidade de criticamente se reavaliar, se reciclar e evoluir. O raciocínio deve ser um processo consciente e, segundo Peirce, o segredo da consciência racional reside na freqüente revisão do processo de autocontrole como um todo.<sup>292</sup> Também segundo ele é este processo de constante revisão que faz com que o raciocínio realize seu propósito que é o de nos permitir proceder do reconhecimento da verdade para o conhecimento de uma nova verdade.<sup>293</sup>

<sup>288</sup> Cf. CP 5.400 – 1878.

<sup>289</sup> CP 2.148 – 1902 (...belief-habit formed in the imagination will determine your actions in the real case.)

<sup>290</sup> Cf. EP 2:347 / CP 5.420 – 1905.

<sup>291</sup> CP 4.615 – 1908 (...the essence of Reason is such that its being never can have been completely perfected. It always must be in a state of incipiency, of growth. [...] This development of Reason consists [...] in embodiment, that is, in manifestation. The creation of the universe which [...] is going on today and never will be done, is this very development of Reason.)

<sup>292</sup> Cf. EP2:347 / CP 5.420 – 1905.

<sup>293</sup> Cf. CP4.476 – 1903.

Peirce indicou que num raciocínio genuíno há a consciência de que se proceder de acordo com uma regra geral que se aprova, e que esta regra, que se alinha com o ideal, pode não ser precisamente formulada, mas mesmo assim nós a utilizamos como referência acreditando que o raciocínio esteja certo.<sup>294</sup> Segundo o autor:

Dizer que algo é deliberado é implicar que ele é controlado com o fim de fazê-lo conformar com um propósito ou ideal. Pensar é universalmente reconhecido como uma operação ativa. Conseqüentemente, o controle do pensar com o propósito de sua conformidade com um padrão ou ideal é um caso especial de controle da ação para fazê-la conforme um padrão.<sup>295</sup>

Eis nesta colocação alguns sinais da forte conexão entre pensamento e ação e da dependência da lógica em relação à ética e desta em relação à estética. Estes mesmos sinais também se apresentam na máxima pragmática que sendo essencialmente uma máxima lógica demanda em seu núcleo facetas das três ciências normativas já que a lógica depende da ética e esta da estética da mesma forma que um interpretante final para se revelar depende do dinâmico e este do imediato.<sup>296</sup>

Segundo Peirce para o pragmaticista “o contínuo crescimento da corporificação da concepção-potencialidade é o *summum bonum*”.<sup>297</sup> Na potencialidade há primeiridade enquanto na corporificação há segundidade e na idéia e no contínuo crescimento há terceiridade e como aponta Santaella “para haver o crescimento da potencialidade da idéia, sua corporificação deve se dar não apenas por meio de símbolos, mas também de ações, hábitos e mudanças de hábitos”.<sup>298</sup>

Os registros de Peirce têm nos levado a perceber que o último significado de um conceito intelectual é dado por suas tendências concebíveis sobre a conduta autocontrolada,

---

<sup>294</sup> Cf. CP 4.476 – 1903.

<sup>295</sup> EP 2: 376 – 1906 (To say that anything is deliberate is to imply that it is controlled with a view to making it conform to a purpose or ideal. Thinking is universally acknowledged to be an active operation. Consequently, the control of thinking with a view to its conformity to a standard or ideal is a special case of the control of action to make it conform to a standard.)

<sup>296</sup> É possível um paralelo entre as ciências normativas e os interpretantes, pois ambos os grupos têm relação direta com as três categorias da experiência e ambos estão sutilmente embutidos na máxima pragmática.

<sup>297</sup> EP 2:388 – 1906 (...the continual increase of the embodiment of the idea-potentiality is the *summum bonum*.)

<sup>298</sup> Lúcia SANTAELLA, O Papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce, *Cognitio*, v. 5, n. 1, p.82, 2004.

que é deliberada e neste sentido é ética almejando um fim estético e Parker faz uma clara síntese sobre esta questão evidenciando os três fios que tecem o *summum bonum*:

abraçar a concepção de *summum bonum* implica que a pessoa deve habitualmente se empenhar em sentir atração para esse ideal. Além disso, a pessoa deve habitualmente se empenhar em agir com adequação, de modo a promover o *summum bonum*. [...] Lógica é o terceiro componente no programa de Peirce para compreender e realizar o *summum bonum* [...] visa articular as condições de veracidade, sob a qual pensamento pode razoavelmente ser considerado para aumentar ordem, harmonia e conexão no mundo do pensamento. [...] atividade generalizante e sintetizadora do pensamento, quando exercida com controle deliberado, é o meio pelo qual nós mais efetivamente promovemos o *summum bonum*.<sup>299</sup>

#### 4. Experiência: ponto-chave para evolução e autocontrole

“A experiência é nossa única mestra”.<sup>300</sup>

Lembrando que a evolução se dá no processo de caos para ordem podemos arriscar dizer que experiência não é dado fundamental para que o processo evolutivo se dê pelo menos em alguma medida, mesmo que de forma precária e/ou lenta; ou seja, podemos pensar que nos primeiros estágios da evolução experiência não era um fator determinante.

Contudo, considerando experiência como aquilo que nos dá referências com base em vivências passadas somos obrigados a vê-la não apenas como evolução (já que referências são condições da ordem), mas também como aquilo que permite mais evolução, pois através da experiência temos um pouco mais de clareza para interpretar o significado daquilo com que

<sup>299</sup> Kelly PARKER, *Reconstructing the Normative Sciences*, *Cognitio*, v. 4, n. 1, p. 34, 2003. (To embrace a conception of the *summum bonum* implies that one ought to endeavor habitually to feel attraction to that ideal [...] Moreover, one ought to endeavor habitually to act with propriety, in a manner that promotes the *summum bonum*. [...] Logic is the third component in Peirce’s program for understanding and realizing the *summum bonum* [...] aims to articulate the conditions for veracity, under which thinking can reasonably be considered to increase order, harmony, and connectedness in the world of thought. [...] generalizing and synthesizing activity of thought, when it is exercised with deliberate control, is the means by which we most effectively promote the *summum bonum*.”

<sup>300</sup> CP 5.50 – 1903 (Experience is our only teacher.)

nos deparamos interna e externamente e como já visto o processo de interpretação caminha junto com o processo de crescimento. Aliás, Peirce inclusive indicou que “a interpretação em si é a experiência [...] experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver”.<sup>301</sup>

Nas palavras de Peirce: “uma ‘Experiência’ é um efeito consciente produzido brutalmente que contribui para um hábito autocontrolado [...] uso a palavra ‘autocontrolado’ como ‘controlado pelo *self* do pensador””.<sup>302</sup> Em outras palavras, a experiência é fruto sobretudo da segundidade, mas é lapidada pela razão e como observa Silveira<sup>303</sup> “não há experiência que não se insira em um processo de generalização”. Por isto com o tempo a experiência se torna consciente e conduz – mais cedo ou mais tarde – ao autocontrole e este percurso se dá através da adoção de hábitos que são deliberados pelo *self* do pensador.

Assim sendo, a experiência está vinculada à evolução já que liga passado, presente e futuro e também vinculada ao autocontrole já que com referências pretéritas o pensamento se desenvolve e amadurece conduzindo a ação para uma conduta cada vez mais consciente.

O autor percebeu experiência como condição essencial para autocorreção e, conseqüentemente, para o autocontrole e afirmou que “o que a experiência faz é, por uma espécie de fracionamento, precipitar e filtrar as falsas idéias, eliminando-as e deixando a verdade verter em sua corrente vigorosa”.<sup>304</sup>

Como evolução e autocontrole são questões preciosas para o pragmatismo de Peirce experiência também o é e desta forma ele enunciou que:

Pragmaticismo consiste em sustentar que o propósito de qualquer conceito são seus concebíveis significados sobre nossa conduta [...] quando quer que nos aticamos

<sup>301</sup> CP 7.527 – 1898 (The interpretation itself is experience [...] experience is the entire cognitive result of living)

<sup>302</sup> EP2:435 – 1898 (An “Experience” is a brutally produced consciousness effect that contributes to a habit self-controlled [...] I use the word “self-controlled” for “controlled by the thinker’s self”.)

<sup>303</sup> Lauro SILVEIRA, Os primeiros passos rumo à verdade, *Cognitio*, n. 3, p. 109, 2002.

<sup>304</sup> CP 5.50 – 1905 (...that which experience does is gradually, and by a sort of fractionation, to precipitate and filter off the false ideas, eliminating them and letting the truth pour on in its mighty current.)

para fazer algo, nos lançamos, baseamos nossa conduta em fatos já conhecidos e para isto podemos apenas recorrer à nossa memória [...] o passado é o depósito de todo o nosso conhecimento.<sup>305</sup>

No passado se encontra a matéria-prima para a elaboração do conhecimento, mas mais do que isto, se encontra o útero que o concebe já que Peirce compreendeu experiência como o aspecto feminino que, em união com a mente, por ele considerada como o aspecto masculino e como o princípio da inquietação, dá vida ao conhecimento.<sup>306</sup> E como é de se esperar o conhecimento – que segundo Peirce surge como terceiro elemento fruto da união entre mente, associada à primeiridade, e experiência, associada à segundidade – deve evoluir continuamente e se revelar em seus aspectos internos e externos.

## 5. Evolução e o pragmatismo de Peirce

*“...evolução segue uma lei, a lei do hábito...”<sup>307</sup>*

Desde o século XIX a palavra “evolução” é geralmente usada como referência à evolução biológica e mudanças características da vida; porém, evolução é qualquer processo de crescimento, mudança e desenvolvimento, evidenciando a sugestiva raiz da palavra, provinda do Latim *evolutio*, que significa “desabrochamento”.

A experiência como segundidade se impõe filtrando falsas idéias, isto é, nos mostrando nossos desvios da verdade, ou de forma menos eufemística, nos apontando nossas errôneas interpretações e atuações. Mas o fato de nossas ações (o que inclui pensamento)

---

<sup>305</sup> EP 2:358 – 1905 (Pragmaticism consist in holding that the purport of any concept is its conceived bearing upon our conduct. [...] whenever we set out to do anything, we “go upon”, we base our conduct on facts already known, and for these we can only draw upon our memory. [...] the Past is the sole storehouse of all our knowledge)

<sup>306</sup> Cf. EP2:374 – 1906.

<sup>307</sup> CP 6.101 – 1902 (...evolution follows a law, the law of habit...)

estarem sujeitas ao erro é extremamente estimulante e produtivo para o desenvolvimento humano e conseqüentemente para o crescimento da racionalidade concreta. Segundo Peirce:

É uma verdade merecedora de meditação que todo o desenvolvimento intelectual do homem repousa na particularidade que todas as nossas ações estão sujeitas ao erro. [...] Esta tendência ao erro, quando você a coloca sob o microscópio da reflexão, é vista como consistindo em variações fortuitas de nossas ações no tempo. Mas é propenso a escapar de nossa atenção que em tais variações fortuitas nosso intelecto é nutrido e cresce. Pois sem tais variações fortuitas a aquisição de hábitos seria impossível; e intelecto consiste em plasticidade de hábito.<sup>308</sup>

Na dinâmica da evolução até o que é percebido como não-atrativo e não-desejável, como os erros humanos, parece ter um papel se não exatamente admirável pelo menos em direção ao admirável. E neste movimento que parece tender em direção ao admirável a evolução não se compõe de forma exatamente homogênea; Peirce levantou a hipótese de que:

as divergências entre acaso lei estão perpetuamente agindo para o incremento da variedade no mundo e são testadas por uma espécie de seleção natural [...] de tal forma que o resultado geral pode ser descrito como “heterogeneidade organizada”, ou melhor, racionalizada variedade.<sup>309</sup>

Vejamos que esta hipótese sugerida pelo autor se alinha com sua hipótese de que a evolução em seus estágios mais elevados é tecida pelo autocontrole, em suas precisas palavras: “em seus estágios mais elevados a evolução acontece mais e mais amplamente através do autocontrole, e isto dá ao pragmaticista um tipo de justificação para considerar significado racional como geral”.<sup>310</sup>

O pragmaticismo se refere à ação propositada e à evolução e como o próprio autor observou “um propósito essencialmente envolve crescimento”.<sup>311</sup> Mas em prol de um propósito que envolve crescimento, e portanto, terceiridade, é preciso abrir mão de boa parte

<sup>308</sup> CP 6.86 – 1898 (It is a truth well worthy of rumination that all the intellectual development of man rests upon the circumstance that all our action is subject to error. [...] This tendency to error, when you put it under the microscope of reflection, is seen to consist of fortuitous variations of our actions in time. But it is apt to escape our attention that on such fortuitous variation our intellect is nourished and grows. For without such fortuitous variation, habit-taking would be impossible; and intellect consists in a plasticity of habit.)

<sup>309</sup> CP 6.101 – 1902 (...the chance divergences from law are perpetually acting to increase the variety of the world, and are checked by a sort of natural selection [...], so that the general result may be described as “organized heterogeneity”, or, better, rationalized variety.)

<sup>310</sup> CP 5.433 / EP 2:343 – 1904 (In its higher stages, evolution takes place more and more largely through self-control, and this gives the pragmaticist a sort of justification for making the rational purport to be general.)

<sup>311</sup> CP 6.466 – 1908 (...a purpose essentially involves growth.)

da primeiridade e provavelmente por isto o autor também observou que “o desenvolvimento da mente humana tem praticamente extinguido todos os sentimentos [...] pois desenvolvimento essencialmente envolve uma limitação de possibilidades”.<sup>312</sup>

Podemos afirmar que à medida que a evolução vai se solidificando em autocontrole qualidades de sentimento vão se fazendo cada vez mais escassas, apesar de nunca se ausentarem completamente. Mas mesmo com esta afirmação devemos paradoxalmente lembrar que o autor demonstrou que sentimentos realmente têm influência no processo de autocontrole, caso contrário as resoluções no mundo interno não afetariam as determinações e os hábitos no mundo externo.<sup>313</sup>

Crescimento e autocontrole são dois processos que, mesmo tendo muitos pontos de interseção, se confrontam, pois o primeiro está mais sintonizado com variedade, novidade e possibilidades enquanto o segundo é regido por regularidade, padronização e necessidade. E independente de suas diferenças ambos os processos – crescimento e autocontrole – são argumentos e alvos do pragmaticismo, e desta forma Peirce enunciou que:

o pragmaticista não faz o *summum bonum* consistir na ação, mas, ao contrário, o faz consistir naquele processo de evolução no qual o existente é capaz, cada vez mais, de incorporar aquelas leis gerais que [...] dissemos ser *destinados*, que é o que nos esforçamos por exprimir ao denominá-las *razoáveis*. Em seus graus mais elevados, a evolução se dá mais amplamente através do autocontrole.<sup>314</sup> (Os grifos são do autor.)

---

<sup>312</sup> CP 6.132 – 1892 (The development of the human mind has practically extinguished all feelings [...] For development essentially involves a limitation of possibilities.)

<sup>313</sup> Cf. CP 5.493 – 1905; EP 2:419 – 1907.

<sup>314</sup> CP 5.433 / EP 2:343 – 1904 (the pragmaticist does not make the *summum bonum* to consist in action, but makes it to consist in that process of evolution whereby the existent comes more and more to embody those generals which were just now said to be *destined*, which is what we strive to express in calling them *reasonable*. In its higher stages, evolution takes place more largely through self-control, and this gives the pragmaticist a sort of justification for making the rational purport to be general.)

## 6. Autocontrole e pragmatismo de Peirce

Como sabemos a teoria do pragmatismo de Peirce foi baseada na experiência de autocontrole comum em adultos<sup>315</sup> e como mencionado pouco acima Peirce observou que o desenvolvimento da mente humana tem praticamente extinguido os sentimentos<sup>316</sup>, o que nos leva a pensar que autocontrole associa-se a muita terceiridade e pouca primeiridade, isto é, pouca qualidade de sentimento. Contudo, paradoxalmente autocontrole está intimamente vinculado ao sentimento, pois conduta autocontrolada se refere a conduta consciente, e segundo Peirce “estar consciente é nada mais que sentir”.<sup>317</sup>

Além do mais já vimos que é o ideal estético, ideal regido pela ciência que encabeça as ciências normativas e que é um hábito de sentimento, comanda o processo de desenvolvimento do autocontrole, o que confirma a importância da presença de qualidade de sentimento para o autocontrole e também para a aplicação da máxima pragmática. Na verdade Peirce assinalou que:

Um raciocínio deve ser consciente; e esta consciência não é mera “consciência imediata”, [...] é simples sentimento visto de outro lado, mas é em sua natureza última (significando neste seu elemento característico que não é reduzível a nada mais simples), um senso de aquisição de hábito, ou disposição para responder a um dado tipo de estímulo numa dada forma.<sup>318</sup>

Observemos que o termo raciocínio deve se relacionar com razoabilidade, deliberação e autocontrole<sup>319</sup> e que a visão pragmática se apóia na idéia de ponderação e que por isto o autor disse que “a mais elevada qualidade da mente envolve uma grande prontidão para

<sup>315</sup> Cf. EP 2:348 – 1905.

<sup>316</sup> Cf. CP 6.132 – 1892.

<sup>317</sup> CP 3.318 – 1882 (To be conscious is nothing else than to feel.)

<sup>318</sup> CP 5.440 – 1905 (A reasoning must be conscious; and this consciousness is not mere "immediate consciousness," which (as I argued in 1868)†1 is simple Feeling viewed from another side, but is in its ultimate nature (meaning in that characteristic element of it that is not reducible to anything simpler), a sense of taking a habit, or disposition to respond to a given kind of stimulus in a given kind of way.)

<sup>319</sup> Cf. CP 5.440 – 1905.

adquirir hábitos e uma grande prontidão para perdê-los; e isto implica num grau de sentimento nem muito intenso nem muito fraco”.<sup>320</sup>

Peirce acreditava que todo homem exercita mais ou menos controle sobre si mesmo por meio da modificação de seus próprios hábitos<sup>321</sup>; e talvez a tendência à mudança de hábitos seja uma forma de tentar encontrar a justa medida, isto é, um grau de sentimento nem muito intenso nem muito fraco o que provavelmente tende a facilitar um harmonioso equacionamento entre as categorias da experiência e os fins das ciências normativas.

Longe de ser um ato desconectado autocontrole é um processo que se compõe, como observou Peirce<sup>322</sup>, em diferentes etapas, como por exemplo: 1) comparações entre feitos passados e padrões ideais; 2) racional deliberação em como agir no futuro; 3) formação de uma resolução; 4) modificação de hábitos de acordo com a resolução.

Por ser o processo de autocontrole uma operação cujas etapas vão se aprimorando continuamente Santaella observou que:

à medida que a evolução segue seu curso, a inteligência humana desempenha um papel cada vez maior no desenvolvimento do ideal pragmático, por meio de seu poder característico de autocrítica e autocontrole. É este poder que está na base do interpretante último como mudança de hábito, pois esta depende de autocontrole, o controle que é exercido por meio da avaliação das conseqüências referentes ao hábito da ação.<sup>323</sup>

Peirce sugeriu que “aquele estado último do hábito para o qual a ação de autocontrole essencialmente tende, em que não há espaço para mais autocontrole, é, no caso do pensamento, o estado de uma crença fixa, ou perfeito conhecimento”.<sup>324</sup> Porém, isto é apenas uma tendência e o estado de uma crença totalmente fixa é inviável, pois o hábito, enquanto

<sup>320</sup> CP 6.613 – 1893 (...the highest quality of mind involves a great readiness to take habits, and a great readiness to lose them; and this implies a degree of feeling neither very intense nor very feeble.)

<sup>321</sup> Cf. EP 2:413 – 1907

<sup>322</sup> Cf. CP 8.320 – 1906.

<sup>323</sup> Maria Lúcia SANTAELLA, “O Papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 5, n. 1. p.84, 2004.

<sup>324</sup> CP5.420 – 1905 (...that ultimate state of habit to which the action of self-control ultimately tends, where no room is left for further self-control, is, in the case of thought, the state of fixed belief, or perfect knowledge.)

uma etapa dentro do processo semiótico, é apenas um passo ao longo de um infinito percurso marcado por mudanças e aprendizagens.

## 7. Mudança de hábitos como evolução e autocontrole no pragmatismo de Peirce

Hábito é um princípio-guia, uma orientação geral que direciona nossas ações sem, contudo, engessá-las eternamente. Se por um lado a manutenção de hábitos indica uma certa perpetuação do que já está dado, mudança de hábitos mostra disponibilidade para renovação e crescimento. E assim como a beleza do processo de mudança de hábitos se estabelece no fato de considerar novas percepções e possibilidades, da mesma forma o faz o pragmatismo de Peirce que, não se ocupando em justificar fatos passados, propõe reflexões que clarifiquem as idéias num contínuo reciclar conceitual que leva à evolução e à mudança de hábitos.

Como mencionado Peirce indicou como sendo três os modos evolutivos: evolução ticástica – que ocorre por variação fortuita, evolução anancástica – que se dá por necessidade mecânica, e evolução agapástica que se desenvolve através do amor criativo em que a afinidade aglutinadora cria hábitos em constante crescimento.<sup>325</sup> Apesar do autor considerar como sendo três os modelos de evolução ele declara que ticasmo (*tychasm*) e anancasmo (*anancasm*) são formas degeneradas de agapasmo (*agapasm*)<sup>326</sup> e que “em agapasmo genuíno [...] progresso acontece em virtude de uma afinidade positiva entre as partes criadas a partir da continuidade da mente”.<sup>327</sup>

Como também mencionado o processo de mudança de hábitos é, segundo Peirce, desencadeado a partir de basicamente três fatores: surpresa, necessidade e boa vontade

<sup>325</sup> Cf. CP 6.302 – 1893.

<sup>326</sup> Cf. CP 6.303 – 1893.

<sup>327</sup> CP 5.304 – 1868 (“In genuine agapasm [...] advance takes place by virtue of a positive sympathy among the created springing from continuity of mind”)

(*readiness*) e eles se coadunam com os três modos evolutivos. O fator surpresa, contudo, por si só não é suficiente para provocar mudança de hábitos e quando presente age em combinação com esforço e/ou com boa vontade. Assim, essencialmente mudamos de hábitos e evoluímos pela necessidade que demanda esforço e/ou pelo amor que demanda boa vontade<sup>328</sup>. Tanto num caso quanto no outro existe algum grau de vontade; todavia a vontade parece ser mais marcante no segundo caso em que também parece se fazer mais marcante a transição de hábitos involuntários para hábitos voluntários.

Evolução pela necessidade, muitas vezes precedida por um estado de espanto, traz embutida em si uma certa falta de opção que “nos empurra” para o processo de mudança e daí o esforço que vem sempre acompanhado de resistência (dor) já que, segundo Peirce, “esforço supõe resistência. Onde não há esforço não há resistência; onde não há resistência não há esforço, neste mundo ou em qualquer mundo de possibilidade”.<sup>329</sup> Evolução pelo amor – que nos chama e “co-move” – traz consigo a idéia de criatividade e prazer, o que não quer dizer que não seja acompanhada também de um certo esforço. Peirce colocou que:

O sentimento de dor é um sintoma de um sentimento que nos repele; o sentimento de prazer é um sintoma de um sentimento atrativo. Atração e repulsão são tipos de ação. Sentimentos são prazerosos ou dolorosos de acordo com o tipo de ação que eles estimulam. Em geral o bom é o atrativo – não para todo mundo, mas para o agente suficientemente maduro; e o mal é o repulsivo para o mesmo.<sup>330</sup>

Enquanto na mudança de hábitos pela necessidade é justamente ela – necessidade – que, acima de tudo, nos impele no movimento, na mudança de hábitos pelo amor o estímulo maior é um ideal admirável pelo qual se sente imensamente atraído e pelo qual se busca agir de forma logicamente autocontrolada.

---

<sup>328</sup> Curiosamente a nossa cultura popular, em que muitas de nossas crenças se estabelecem, coloca que “só se cresce pela dor ou pelo amor” e em tal dito parece ecoar o pensamento de Peirce.

<sup>329</sup> EP2: 369 – 1905 (Effort supposes resistance. Where there is no effort, there is no resistance; where there is no resistance, there is no effort, either in this world or in any of the world of possibility.)

<sup>330</sup> EP2: 379 – 1906 (The feeling of pain is a symptom of a feeling which repels us; the feeling of pleasure is the symptom of an attractive feeling. Attraction and repulsion are kinds of action. Feelings are pleasurable or painful according to the kind of action which they stimulate. In general, the good is the attractive, - not to everybody, but to the sufficiently matured agent; and the evil is the repulsive to the same.)

Aqui se percebe melhor a íntima relação das categorias com as ciências normativas, que, segundo Peirce, “são completamente impregnadas de dualidades”.<sup>331</sup> Nota-se também melhor que a estreita relação entre as categorias e as ciências normativas é fundamental para o pragmatismo de Peirce que colocou que “estética satisfatória e desastrosa são estreitamente aparentadas com prazer e dor”.<sup>332</sup> Ao que parece a mudança de hábitos pela necessidade é do tipo “tem que” que “se arrasta atritando com o aqui e agora”, é algo em alguma medida emergencial, e que assim sendo dificulta a ação do pensamento (que enquanto processo sempre exige tempo). A mudança de hábitos pelo amor, ou pela boa vontade, é aquela em que o impulso interno de seguir uma lógica e uma ética aucontroladas como meios para se alcançar, no futuro, um ideal admirável supera possíveis urgências no aqui e agora.

Talvez a maior diferença entre a mudança de hábito pelo esforço e a mudança de hábito pela boa vontade é que apenas na segunda há a presença de uma inspiração e segundo Peirce, “vontade sem inspiração não é voluntária, é mera atividade”.<sup>333</sup> Mas, que inspiração impulsiona mudança de hábitos pela boa vontade? Ideal estético, ou, o admirável. E por isto Peirce sinalizou que há uma enorme diferença entre ideal de conduta e motivo para a ação já que no primeiro caso existe uma postura deliberada e consciente o que não ocorre no segundo caso.<sup>334</sup> E assim ele argumentou que “se a conduta é para ser totalmente deliberada, o ideal deve ser um hábito de sentimento que cresceu sob a influência de um curso de autocrítica e de heterocríticas; e a teoria da formação deliberada de tais hábitos de sentimento é o que se deveria significar por estética”.<sup>335</sup>

Relembrando, de acordo com a classificação das ciências segundo Peirce a Estética se sobrepõe às duas outras ciências normativas delas exigindo contínuo esmero e o alternado

<sup>331</sup> EP 2:385 – 1906 (and thus the normative sciences are thoroughly infused with duality)

<sup>332</sup> EP2: 379 – 1906 (Esthetic good and evil are closely akin to pleasure and pain.)

<sup>333</sup> CP 1.376 – 1885 (...volition without desire is not voluntary; it is mere activity.)

<sup>334</sup> Cf. CP 1.574 – 1906.

<sup>335</sup> EP 2:378 / CP 1.574 – 1906 (If the conduct is to be thoroughly deliberate, the ideal must be a habit of feeling which has grown up under the influence of a course of self-criticism and of hetero-criticisms; and the theory of the deliberate formation of such habits of feeling is what ought to be meant by esthetics.)

aprimorar entre a ação (ética) e o pensamento (lógica), o que não só propicia autocontrole mas também, de acordo com Peirce, supõe autocontrole.<sup>336</sup>

O pragmatismo peirciano requer em seu núcleo mudança de hábitos, mas mudança de hábitos por si só não se encaixa neste método. Mudança de hábito com o propósito de se aproximar mais e mais do que é verdadeiro, e que sendo verdadeiro é bom, e que sendo bom é belo e, portanto, admirável é um dos sustentáculos do pragmatismo de Peirce que deplora a ação pela ação da mesma forma que desdenha da mudança pela mudança. Assim sendo o ideal pragmático é também o admirável estético e para ser atingido tem que, segundo Santaella, “levar em conta o autocontrole na aquisição de novos hábitos”.<sup>337</sup>

Segundo Peirce todo homem exerce algum controle sobre si mesmo ao modificar seus próprios hábitos<sup>338</sup> e por mudança de hábitos ele significou “uma modificação das tendências da pessoa concernente a ações resultantes de experiência prévia ou de ação vigorosa de seus arbítrio e ações, ou de um complexo de ambos os tipos de causas”.<sup>339</sup> E para o autor experiência – que se refere direta ou indiretamente à interação dos mundos interno e externo<sup>340</sup> – é o resultado consciente produzido brutalmente que contribui para a formação de um hábito autocontrolado.<sup>341</sup>

Quando Peirce usou a palavra “autocontrolado” ele se referiu a “controlado pelo self do pensador”<sup>342</sup> o que implica num longo processo de vigor interno e de determinação externa. Mais detalhadamente o autor indicou que:

*O poder do autocontrole certamente não é o que uma pessoa está fazendo no exato momento em que a operação de autocontrole é iniciada. Consiste em (para mencionar apenas os componentes dominantes) primeiro, comparar com padrões os feitos de alguém no passado, segundo, em racional deliberação em relação a como*

<sup>336</sup> EP2: 385 – 1906

<sup>337</sup> Maria Lúcia SANTAELLA, O papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce, *Cognitio*, v. 5, n. 1, p. 82, 2004.

<sup>338</sup> Cf. CP 5.487 – 1905.

<sup>339</sup> CP 5.476 – 1905 (meaning by a habit-change a modification of a person’s tendencies toward action resulting from previous experience or from previous exertions of his will or acts, or from a complexus of both kinds of cause.)

<sup>340</sup> Cf. CP 4.157 – 1897, CP 5.487 – 1905.

<sup>341</sup> Cf. CP 6.454 – 1908.

<sup>342</sup> Cf. CP 6.454 – 1908.

*alguém irá agir no futuro, em si uma operação altamente complicada, terceiro, na formação de uma resolução, quarto, na criação, nas bases da resolução, de uma forte determinação, ou modificação do hábito.* Esta operação de autocontrole é um processo no qual seqüência lógica é convertida em seqüência mecânica ou algo do tipo.<sup>343</sup> (Os grifos são nossos.)

Assim, parece que no hábito de buscar o admirável através da lógica e da ética é que se instaura a mudança de hábitos como evolução e autocontrole. E, segundo Peirce, “em seus estágios mais elevados evolução acontece mais e mais largamente através de autocontrole”.<sup>344</sup>

A mudança de hábitos como autocontrole é regida por deliberação e é nesta regência – caracterizada por crenças conscientes e atos voluntários – que parece habitar o ápice de nossa liberdade uma vez que, como aponta Silveira: “a verdade, como bondade lógica, só pode ser procurada por uma vontade no exercício da liberdade. Ela é, pois, da natureza da busca do bem, implicando o deixar-se atrair pelo objeto e, conseqüentemente só por ele deixar-se medir”.<sup>345</sup> Nesta mesma direção Santaella coloca que: “a adoção do ideal e o empenho para realizá-lo sendo deliberados, dão expressão à nossa liberdade no seu mais alto grau”.<sup>346</sup>

Como a idéia de liberdade geralmente está associada à idéia de não limites é deveras instigante perceber o auge da liberdade, no que tange à esfera humana, associada ao desenvolvimento de autocontrole, inclusive porque Peirce indicou que “todo autocontrole envolve, e principalmente consiste, em inibição”<sup>347</sup> e porque ele também apontou que “desenvolvimento essencialmente envolve limitação de possibilidades”.<sup>348</sup>

Por outro lado é possível perceber autocontrole como um exercício de empoderamento na medida em que ele é um processo que visa um propósito razoavelmente claro e que é

<sup>343</sup> CP 8.320 – 1906 (The power of self-control is certainly not a power over what one is doing at the very instant the operation of self-control is commenced. It consists (to mention only the leading constituents) first, in comparing one's past deeds with standards, second, in rational deliberation concerning how one will act in the future, in itself a highly complicated operation, third, in the formation of a resolve, fourth, in the creation, on the basis of the resolve, of a strong determination, or modification of habit. This operation of self-control is a process in which logical sequence is converted into mechanical sequence or something of the sort.)

<sup>344</sup> EP 2:344 – 1904 (In its higher stages, evolution takes place more and more largely through self-control.)

<sup>345</sup> Lauro SILVEIRA, *Três Espécies de Bem, Cognition*, vol. 4, número 1, p. 73, 2003.

<sup>346</sup> Maria Lúcia SANTAELLA, *O papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce, Cognition*, vol. 5, número 1, p. 81, 2004.

<sup>347</sup> EP 2: 385 – 1906 (All self-control involves, and chiefly consists in, inhibition. All direction toward an end or good supposes self-control.)

<sup>348</sup> CP 6.132 – 1892 (...development essentially involves a limitation of possibilities.)

guiado, segundo Peirce, pelo “poder criativo da razoabilidade, que subjuga todos os outros poderes e governa sobre eles com seu cetro, sua sabedoria e seu amor”<sup>349</sup> e daí portanto sua autonomia.

## 8. Considerações finais

Recapitulando sucintamente as idéias expostas ao longo desta pesquisa lembramos que de acordo com Peirce, “as categorias sugerem nosso procurar por uma lei sintetizante, e isto encontramos no poder de assimilação, incidente no qual está a faculdade de adquirir hábitos. Isto é tudo o que as categorias pretextam. Elas sugerem um meio de pensar”.<sup>350</sup>

Segundo o autor “hábito é aquela especialização da lei da mente por meio da qual uma idéia geral ganha o poder de ativar reações”<sup>351</sup>; vemos hábitos pelo universo afora e das mais variadas formas, como no movimento dos astros, no rodízio das estações e nos sistemas de crenças dos homens. Hábitos – que se referem a uma tendência à generalização – surgem no processo de evolução que se dá a partir do acaso absoluto, que é um *continuum* de possibilidades e que se refere sobretudo à primeiridade, em direção à ordem, condição predominantemente da terceiridade e que, portanto, visa o futuro. A tendência ao hábito é um princípio evolutivo e de fato Peirce afirmou que “um princípio de hábito [...] é a única ponte que pode transpor o abismo entre a inadvertência do caos e o cosmos de ordem e lei”.<sup>352</sup> No contínuo processo direcionado para ordem eclodem descontinuidades características da

---

<sup>349</sup> CP 5.520 – 1905 (...the creative love of reasonableness, which subdues all other powers, and rules over them with its scepter, knowledge, and its globe, love.)

<sup>350</sup> CP 1.351 – fragmento não datado (...the categories suggest our looking for a synthetizing law, and this we find in the power of assimilation, incident to which is the habit-taking faculty. This is all the categories pretend to do. They suggest a way of thinking)

<sup>351</sup> CP 6.145 – 1892 (Habit is that specialization of the law of mind whereby a general idea gains the power of exciting reactions.)

<sup>352</sup> CP 6.262 – 1892 (...a principle of habit [...] is the only bridge that can span the chasm between the chance-medley of chaos and the cosmos of order and law)

segundidade – como, por exemplo, dúvidas e reação do passado – e tais descontinuidades são condições necessárias para o processo de evolução, pois nos trazem experiência que é matéria-prima para processos de representação e de aprendizagem.

Os processos de aprendizagem e representação se referem diretamente à evolução; evolução não acontece sem mudança de hábitos e vice-versa. À medida que os processos de aprendizagem e representação vão se aprimorando o processo de mudança de hábitos vai se depurando e hábitos involuntários tendem a ser gradativamente substituídos por hábitos voluntários, na mesma medida em que, gradativa e logicamente, crenças inconscientes tendem a ser substituídas por crenças conscientes e mudanças de hábitos por necessidade tendem a ser substituídas por mudanças de hábitos por boa vontade.

O desenvolvimento do autocontrole se dá paralelamente ao processo de expansão da consciência que transforma crenças inconscientes e hábitos involuntários em crenças conscientes e hábitos voluntários, lembrando que hábito voluntário é sempre hábito consciente.<sup>353</sup> Autocontrole é um tipo de hábito que se adquire e no processo de aquisição deste hábito, que como todo hábito está sujeito a aprimoramento, o olhar mira o futuro, pois conduta futura é a única que é sujeita ao autocontrole.<sup>354</sup> Além de se direcionar para o futuro o olhar também se direciona para um ideal admirável que, como é de se esperar, também se submete ao processo de evolução.

O pragmatismo de Peirce, que tem em si um teor normativo, é uma teoria e um método cujo substrato encontra-se na seguinte máxima lógica anunciada em 1878: “Considere quais efeitos, que concebivelmente podem ter as relações práticas, que concebemos que o objeto da nossa conduta tem. Então, nossa percepção desses efeitos constitui o conjunto da nossa

---

<sup>353</sup> Cf. EP 2: 449 – 1908.

<sup>354</sup> Cf. CP 5.427 – 1905.



E relembando que o processo de aprendizagem e representação está em evolução e é infinito dedicamos mais alguns parágrafos para a questão do crescimento da racionalidade concreta.

## 9. Crescimento da racionalidade concreta e pragmatismo

Peirce mostrou que não há porque se tomar “pensamento” como algo que flui apenas sob condições como silêncio e escuridão<sup>357</sup>, conceber pensamento neste sentido restrito seria se esquecer de que o universo está em pensamento e que nós, como pequena parcela do universo, também estamos sob a força desta imensurável ação. Para o autor a razão é sempre um processo inacabado do qual fazemos ativamente parte e ela equivale à criação do universo.

Segundo ele:

desenvolvimento da Razão consiste [...] em corporificação, isto é, em manifestação. *A criação do universo que [...] está acontecendo hoje e nunca terá acabado, é o próprio desenvolvimento da Razão.* Não vejo como alguém pode ter um ideal do admirável mais satisfatório que o desenvolvimento da Razão assim entendido. [...] *o ideal de conduta será executar nossa pequena função na operação da criação dando uma mão para tornar o mundo mais razoável quando quer que [...] caiba a nós assim fazê-lo.*<sup>358</sup> (Os grifos são nossos.)

Pragmatismo é um método para o crescimento da racionalidade concreta. Concreta porque não se limita apenas ao plano dos ideais e das idéias e perpassa o mundo do real; concreta porque no *continuum* de possibilidades e necessidades se revela o descontínuo dos fatos, inclusive de mudança de hábitos; racionalidade concreta porque vai além do meramente sentir e pensar e se materializa num agir controlado pela razão ética e pela lógica

---

<sup>357</sup> Cf. CP 5.420 – 1905.

<sup>358</sup> CP 4.615 – 1908 (...development of Reason consists [...] in embodiment, that is, in manifestation. The creation of the universe which [...] is going on today and never will be done, is this very development of Reason. I do not see how one can have a more satisfying ideal of the admirable than the development of Reason so understood. [...], the ideal of conduct will be to execute our little function in the operation of the creation by giving a hand toward rendering the world more reasonable whenever, [...] it is "up to us" to do so. In logic, it will be observed that knowledge is reasonableness; and the ideal of reasoning will be to follow such methods as must develop knowledge the most speedily...)

experimental. Observemos que sentimento isolado de ação e de pensamento é fugaz. Ação, desvinculada de pensamento é, com freqüência, uma experiência embrutecida e embrutecedora. E pensamento pouco nutrido por sentimento e ação, que é o que propicia experiência e cognição, não se desenvolve e muito menos se sustenta.

A concretude da racionalidade parece se armar, se sustentar e se mostrar através da equação entre sentir, agir e pensar que passa pelas três categorias e se reflete na combinação dos fins últimos das ciências normativas. E o crescimento da racionalidade concreta parece se dar à medida que as combinações entre sentir, agir e pensar e entre admirabilidade, bondade e verdade vão ficando cada vez mais harmoniosas através da mudança de hábitos e também de um deliberado empenho por parte do ser humano. O crescimento da racionalidade concreta parece estar vinculado a uma percepção amorosa do “espírito de unidade” que permeia e sustenta a criação do universo e provavelmente por isto Peirce observou:

a afirmação de São João é a forma de uma filosofia evolucionária, que ensina que o crescimento só advém do amor, [...] do impulso ardente para preencher o mais elevado impulso seguinte. A filosofia que extraímos do Evangelho de São João é a de que este é o modo que a mente se desenvolve; e quanto ao cosmos, somente até o ponto em que ele ainda é mente, e assim, possui vida, é ele capaz de adicional evolução.<sup>359</sup>

O acima mencionado “espírito de unidade” provavelmente é reflexo do *continuum* que protagoniza a teoria do sinequismo. É neste sentimento de unidade – que é típico da primeiridade e que sintetiza o poder aglutinador de ágape – que fatos brutos podem ser processados pela razão enquanto funcionam como “fermento” para evolução.

E por isto Peirce colocou que o bom pragmatista adora poder, o poder criativo da racionalidade<sup>360</sup>, e em alto grau estima a dúvida, apesar dela não ser agradável. Talvez um dos

---

<sup>359</sup> CP6.289 – 1893 (Everybody can see that the statement of St. John is the formula of an evolutionary philosophy, which teaches that growth comes only from love [...] from the ardent impulse to fulfill another’s highest impulse. The philosophy we draw from John’s gospel is that this is the way mind develops; and as for the cosmos, only so far as it yet is mind, and so has life, is it capable of further evolution.)

<sup>360</sup> Cf. CP5.520 – 1905.

principais papéis da dúvida seja estimular o crescimento da racionalidade concreta e se assim for ela também tem o papel de ajudar a evitar os extremos – como, por exemplo, ação sem ponderação – e de ajudar a estabelecer a harmonia entre as três principais ações vinculadas às categorias (sentir, agir e pensar) e os três fins das ciências normativas (admirabilidade, bondade e verdade), pois na dinâmica do universo há uma constante oscilação entre estas forças já que o pensamento está sempre em evolução e atua diretamente sobre a conduta que se inspira no ideal estético que também está em crescimento. Assim sendo, podemos dizer que racionalidade concreta é uma composição em movimento, um vetor cósmico que deixa nesta pesquisa um certo rastro abrindo caminhos para possíveis pesquisas futuras.

## Referências Bibliográficas

- ALBORN, Timothy L. “Peirce’s Evolutionary Logic: Continuity, Indeterminacy and the Natural Order”. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. XXV, n.1. p. 1-28. 1989.
- ANDRADE, Rachel Gazolla de. “Considerações sobre a Palavra ‘Pragma’”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 1. São Paulo: Educ/Palas Athena, p. 8-18. 2000.
- CARSE, James P. *Finite and infinite games: a vision of life as play and possibility*. New York: Ballantine Books. 1991.
- COLAPIETRO, Vincent “The Routes of Significance: Reflections on Peirce’s Theory of Interpretants”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 5, n. 1. São Paulo: Educ. p. 11-27. 2004.
- DE WAAL, Cornelis de. *On Pragmatism*. Thomson Wadsworth: Belmont. 2005.
- HANSON, K. “Pragmatism and the Secret Self”. In: *Cognitio – Revista de filosofia*, n 2. São Paulo: Educ / Editora Angra, p. 28-45. 2001.
- HAUSMAN, Carl R. *Charles S. Peirce Evolucionary Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- HOOKEYWAY, Christopher. “Design and Chance: the Evolution of Peirce’s Evolutionary Cosmology”. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v.XXXIII, n. 1. p. 1-34. 1997.
- HOUSER, Nathan. “Pragmatism and the Loss of Innocence”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 2. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 197-210. 2003.
- IBRI, Ivo Assad. *Kosmos Noetos: A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1992.
- \_\_\_\_\_. “A vital importância da primeiridade na filosofia de Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n 3, São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 46-52. 2002.
- \_\_\_\_\_. “Pragmatismo e a Possibilidade da Metafísica”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 1. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 9-14. 2003.
- \_\_\_\_\_. “Verdade e Continuum”. In: *Hypnos*, São Paulo: EDUC/Palas Athena, n. 5, p. 280-289. 1999.
- \_\_\_\_\_. “Ser e aparecer na filosofia de Peirce: O estatuto da fenomenologia”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 2. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 67-75. 2001.
- \_\_\_\_\_. “Sobre a Identidade Ideal-real na Filosofia de Charles S. Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/ Palas Athena, nº 1, p. 38-45. 2000.
- \_\_\_\_\_. “As Conseqüências de Conseqüências Práticas no Pragmatismo de Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n.1. São Paulo: Educ/Palas Athena, p. 30-37. 2000.
- \_\_\_\_\_. “A física da physis” In: *Hypnos*, n. 2. São Paulo: Educ, p. 23-32. 2001.

\_\_\_\_\_. “Pragmatismo e Técnica”. In: *Hypnos*, n. 4. São Paulo: Educ, n. 4, p. 149-155. 2003.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena. 2002.

MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Disponível em <[www.merriam-webster.com/dictionary/pragmatism](http://www.merriam-webster.com/dictionary/pragmatism)>. Acesso em 10 de outubro de 2007.

MISAK, Cheryl. “C. S. Peirce on vital matters”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 3. São Paulo: Educ / Angra Editora. p. 64-82. 2002.

MURPHEY, Murray. *The Development of Peirce’s Philosophy*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company. 1993.

PAPE, Helmut. “Love’s Power and the Causality of Mind: C.S. Peirce on the Place of Mind and Culture in Evolution”. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. XXXIII, n.1. p. 59-90. 1997.

\_\_\_\_\_. “Laws of Nature, Rules of Conduct and their analogy in Peirce’s Semiotics”. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. XX, n.3. p.209-239. 1984.

PARKER, Kelly. “Reconstructing the Normative Sciences”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/Editora Angra, v. 4, n. 1, p. 27-45. 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Ed. by Charles Hartshorne and Paul Weiss, Vols 1-6, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 (Mencionado como CP, seguido do número do volume e do número do parágrafo.)

\_\_\_\_\_. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Ed. by Arthur Burks. Vols 7-8, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958 (Mencionado como CP, seguido do número do volume e do número do parágrafo.)

\_\_\_\_\_. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. V. 1 (1867-1893) Bloomington: Indiana University Press. 1992. (Mencionado como EP1)

\_\_\_\_\_. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. V. 2 (1893-1913) Bloomington: Indiana University Press. 1998. (Mencionado como EP2)

\_\_\_\_\_. *Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition*. Max Fish et al. (eds.) Bloomington: Indiana University Press. 1981. (Citado como W, seguido do volume e número da página).

\_\_\_\_\_. *Semiótica*. Sel. e trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo. Editora Perspectiva. 2003.

PEIRCE EDITION PROJECT. Disponível em <http://www.iupui.edu/~peirce>. Acesso em 30 de maio de 2008.

RAPOSA, Michel. “Habits and Essences”. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*. V. XX, p. 147-167. 1984.

ROSENTHAL, Sandra. “Classical American pragmatismo: a systematic overview”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 3. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 83-96. 2002.

\_\_\_\_\_. “Pragmatic Metaphysics: a Pathway for the Future”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 1. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 46-59. 2003.

SANTAELLA, Maria Lúcia. “Chaves do Pragmatismo Peirciano nas Ciências Normativas”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 1. São Paulo: Educ/Palas Athena, p. 94-101. 2000.

\_\_\_\_\_. “O Papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 5, n. 1. São Paulo. Educ. p. 75-84. 2004.

\_\_\_\_\_. “Os Significados Pragmáticos da Mente e o Sinequismo em Peirce”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 3. São Paulo. Educ. p. 97-106. 2002.

\_\_\_\_\_. *O método Anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP. 2004.

\_\_\_\_\_. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Editora Guazzelli Ltda. 2000.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. “Acaso, Existência e Lei num Universo em Evolução”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 1. São Paulo: Educ/Palas Athena, p. 127-137. 2000.

\_\_\_\_\_. “Os primeiros passos rumo à verdade”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, n. 3. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 107-114. 2002.

\_\_\_\_\_. “Três Espécies de Bem”. In: *Cognitio – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 1. São Paulo: Educ / Editora Angra. p. 60-79. 2003.

\_\_\_\_\_. “Peirce on Norms, Evolution and Knowledge”. In: *Transactions of the Charles s. Peirce Society*, v. XXXIII, n.1. p. 35-57.1997.